

Guacyra Costa Santos
Jocelma Gusmão Barreto Lima
Selma Rocha Ramos
(Organizadoras)

RESSONÂNCIAS DO AMOR NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS



EDITORA
ILUSTRAÇÃO

Guacyra Costa Santos
Jocelma Gusmão Barreto Lima
Selma Rocha Ramos
(Organizadoras)

**RESSONÂNCIAS DO AMOR NAS PRÁTICAS
EDUCATIVAS**

Editora Ilustração
Cruz Alta – Brasil
2020

Copyright © Editora Ilustração

Editor-Chefe: Fábio César Junges

Diagramação: Fábio César Junges

Capa: Tiago Beck

Imagem da capa: Freepik

Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R435 Ressonâncias do amor nas práticas educativas / organizadoras :
Guacyra Costa Santos, Jocelma Gusmão Barreto Lima,
Selma Rocha Ramos. - Cruz Alta : Ilustração, 2020.
134 p. : il. ; 21 cm

ISBN 978-65-88362-12-9

DOI: 10.46550/978-65-88362-12-9

1. Educação. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Amor. I. Santos,
Guacyra Costa (org.). II. Lima, Jocelma Gusmão Barreto (org.).
III. Ramos, Selma Rocha (org.).

CDU: 37

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720

2020

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora
Ilustração

Todos os direitos desta edição reservados pela Editora Ilustração

Tiragem: 100 exemplares

Rua Coronel Martins 194, Bairro São Miguel, Cruz Alta, CEP 98025-057

E-mail: eilustracao@gmail.com

www.editorailustracao.com.br

Conselho Editorial

Adriana Maria Andreis	UFFS, Chapecó, SC, Brasil
Adriana Mattar Maamari	UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil
Célia Zeri de Oliveira	UFPA, Belém, PA, Brasil
Clemente Herrero Fabregat	UAM, Madrid, Espanha
Daniel Vindas Sánches	UNA, San Jose, Costa Rica
Denise Girardon dos Santos	FEMA, Santa Rosa, RS, Brasil
Domingos Benedetti Rodrigues	SETREM, Três de Maio, RS, Brasil
Edemar Rotta	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Edivaldo José Bortoleto	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Egeslaine de Nez	UFMT, Araguaia, MT, Brasil
Elizabeth Fontoura Dorneles	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Evaldo Becker	UFS, São Cristóvão, SE, Brasil
Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Héctor Virgílio Castanheda Midence	USAC, Guatemala
Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Maria Cristina Leandro Ferreira	UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil
Odete Maria de Oliveira	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Tiago Anderson Brutti	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	11
Guacyra Costa Santos	
REVISITANDO A LITERATURA SHAKESPERIANA: ROMEU E JULIETA NO CENÁRIO EDUCACIONAL	13
Guacyra Costa Santos	
Selma Rocha Ramos	
Camilla Soares de Oliveira	
MUNDO HUMANO COMUM E AMOR MUNDI: REFLEXÕES ARENDTIANAS SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	27
Jenerton Arlan Schütz	
Cláudia Fuchs	
SEMEANDO O AMOR FREIREANO PELOS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	39
Jocelma Gusmão Barreto Lima	
PASSAGENS DE DESAMOR QUE ME LEVARAM AO AMOR.....	51
Nilma Costa dos Santos da Silva	
DA POÉTICA A UTOPIA: DESBRAVANDO O AMOR EM PAULO FREIRE NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	67
Guacyra Costa Santos	
Iranildo Freire Oliveira	
Rivaldo Vicente da Silva	

DO ABISMO AO AMOR: RESILIÊNCIA NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS81

Guacyra Costa Santos
Cléria Santos Oliveira e Silva
Rivaldo Vicente da Silva

DO MUNDO DAS MARAVILHAS A ALFABETIZAÇÃO
CIENTÍFICA: O AMOR COMO FERRAMENTA ESSENCIAL
NO CENÁRIO EDUCACIONAL.....93

Guacyra Costa Santos
Sandra Valquíria Costa de Novais

MEMORIAL: PELOS CAMINHOS DE TRANSGIFICAÇÃO
DAS VIVÊNCIAS: O ENCONTRO COM A DOCÊNCIA E O
AMOR..... 107

Márcia de Oliveira Menezes

O AMOR NA POÉTICA DE MONTE CASTELO 123

Guacyra Costa Santos
Jocelma Gusmão Barreto Lima

PREFÁCIO

O amor é dos suspiros a fumaça; puro, é fogo que os olhos ameaça; revolto, um mar de lágrimas de amantes.... Que mais será? Loucura temperada, fel ingrato, doçura refinada. (SHAKESPEARE, 1998, p. 15).

A beleza deste livro pode ser apreciada por aqueles que, bem conhecidos sobre o amor. É nessa intensidade, das lágrimas dos amantes que abordo uma das mais esplêndidas passagens da obra clássica inglesa *Romeu e Julieta* de Shakespeare (1998) que desbrava uma imagem bastante presente no percurso do nosso viver, uma vez que, o amor é fonte inesgotável de emoções, mas, de intensos conflitos entre os homens. O amor é uma temática que perpassa as mais diversas literaturas ao longo dos séculos, percorrendo o campo da linguagem, teoria e exercícios da educação inerentes a cada época, fazendo-me colocar em cena *Ressonâncias do amor nas práticas educativas*. Por sua vez, tal sentimento pode ser compreendido tanto como uma força positiva e construtora, capaz de revelar o que há de mais nobre no ser humano, como pode ser negativa e destrutiva, causando aberrações emocionais, morais e éticas de certos indivíduos.

Aos leitores de mundo que, por aqui passarem, vivenciarão momentos de recriação do conhecimento e da pesquisa pelo viés do amor, em suas diferentes interfaces. Os textos reunidos nesse cenário têm o propósito de cruzar esse tão belo sentimento, relevante para os caminhos da docência, advindos, é claro, de motivações internas, pessoais. Através da leveza e sensibilidade de cada autor, a produção intelectual foi impulsionada pela inspiração e emoção, descortinando uma visão abrangente da linguagem real e crucial as problemáticas que vivemos nas descrições cotidianas do contexto educativo em tempos de pandemia. São nessas composições que os autores carregam o amor em suas escritas, materializando os afetos como via indispensável ao desenvolvimento de uma cultura científica e, ao mesmo tempo,

humanística.

Nessa paisagem, o amor é uma ferramenta imprescindível que refina o rigor científico e a ciência dogmática que, ainda se faz, tão dura, insensível e fechada; distante dos sentimentos e da vida. Para tanto, imprimo as metáforas da complexidade; inspirada em Edgar Morin (2010; 2011), valendo-se da razão-emoção, mente-corpo, sobretudo, o amor nas práticas profissionais, já que, as produções literárias permitem expressar que, o sentimento amoroso só pode ser vivenciado, quando realmente sentimos e amamos, nunca explicado por categorias lógicas.

Vale destacar o quanto é importante falar de amor nesse momento cruel de tamanha pandemia que tem ceifado milhões de vidas, que fez interromper a dinâmica do nosso cotidiano e a vivência nas escolas. No limiar desse tempo, procuramos ultrapassar os limites e as barreiras que a pandemia nos impôs, já que o sentido de existir é superar as lutas diárias. Precisamos perceber que o interno explica melhor todas as coisas. O externo é fugaz, passageiro e, tudo depende das nossas escolhas. Assim, passamos pelas alegrias; tristezas; amores ou, desamores, como forma de saber lidarmos com as inconformidades perante o mundo, o que certamente, nos levará ao aprimoramento humano e uma transcendência amorosa. Nas entranhas de Shakespeare (1998, p. 100), resalto o amor: “Oh! Amor! Oh! Vida.... Não, vida, não: amor na própria morte! ”.

Guacyra Costa Santos
Inverno pandêmico de 2020

REVISITANDO A LITERATURA SHAKESPERIANA: ROMEU E JULIETA NO CENÁRIO EDUCACIONAL

Guacyra Costa Santos¹
Selma Rocha Ramos²
Camilla Soares de Oliveira³

DOI: 10.46550/978-65-88362-12-9.13.26

1 Pelos caminhos do amor

Como arautos do amor só deveriam servir os pensamentos, que mais céleres dez vezes são que os raios do sol claro, quando as sombras expulsam das colinas. É por isso que o amor sempre é levado por alígeras pombas, e Cupido, como o vento veloz, tem asas lestes.
(SHAKESPEARE, 1998, p. 53).

Escrita no fim do século XVI, a obra *Romeu e Julieta*, do Escritor britânico William Shakespeare (1988) conta uma história de amor que envolve um casal de jovens apaixonados proibidos de vivenciar sua experiência amorosa mediante a rivalidade de suas famílias. O enredo ganha interpretação e significado no contexto educacional ao trabalharmos questões voltadas ao amor juvenil, uma vez que, ouvimos e percebemos histórias de amor e desamores entre os jovens no cenário educacional. “Só ri das cicatrizes quem ferida nunca sofreu no corpo” (SHAKESPEARE, 1998, p. 36).

-
- 1 Mestre pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente da Educação Básica. E-mail: guacyracosta22@hotmail.com
 - 2 Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em Geografia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) e pós-graduada em Gestão Educacional pela Faculdade de Candeias, docente da Educação Básica. E-mail: selma.ramos.ef@gmail.com
 - 3 Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), com pós-graduação em Linguística. E-mail: camila1227@hotmail.com

A morte trágica dos jovens protagonistas do clássico *Romeu e Julieta*, acaba em paz, quando ambos morrem em prol do amor. A dramaturgia está dividida em 5 atos, cada qual composto de diversas cenas: **1º Ato**: composto de 5 cenas; **2º Ato**: composto de 6 cenas; **3º Ato**: composto de 5 cenas; **4º Ato**: composto de 5 cenas; **5º Ato**: composto de 3 cenas, que compõem partes da peça do romance. A guerra civil predominava entre as famílias: Montéquios (família de Romeu) e Capuletos (família de Julieta).

Esta narrativa tem a importância de retratar um estudo voltado para os ensinamentos dos amores e das paixões na educação escolar, com o objetivo de despertar nos alunos aspectos: físico, intelectual, moral e social, já que, precisam serem encaminhados para as realizações na vida. Atualmente, há uma necessidade da escola estar em harmonia com as questões emocionais que circulam nas salas de aula, como por exemplo, os afetos e os desafetos, elementos que comprometem ou, favorecem o processo ensino e aprendizagem. Para tanto, apresentaremos algumas estratégias que viabilizem as práticas educativas ao ensinar e aprender, partindo do contexto shakespeariano. Logo, percorreremos as aulas do Ensino das Ciências Naturais, Educação Física e Língua Portuguesa de forma interdisciplinar e lúdica, permeando partes do romance: “Como do amor a inimizade me arde! Desconhecido e amado muito tarde. Como esse monstro, o amor, brinca comigo: apaixonada ver-me do inimigo! (SHAKESPEARE, 1998, p. 33).

A presente narrativa será enriquecida com as várias interpretações da obra Romeu e Julieta, ao encontro da música, descrevendo a magia de um cenário forte e apaixonante, bem como, as forças brutais que fizeram parte de uma sociedade. E hoje? Como está o cenário das paixões e dos amores no contexto da escola? Mesmo com essa diversidade da sala de aula, é fundamental desenvolvermos relações que incluam a atenção, dedicação, compreensão e sensibilidade, além da transmissão dos conteúdos curriculares, já que a nossa missão é, trabalhar com características positivas a partir do romance, menos conflitiva, promovendo um desenvolvimento psicossocial e feliz desses indivíduos. Pensemos em Morin (2011, p. 22):

Na modernidade, o aspecto científico certamente é predominante, mas uma bipolaridade se instalou ao mesmo tempo que a cultura

do sucesso, do dinheiro, do poder, da sensibilidade da alma, da poesia, cultivada particularmente na adolescência e pelos grandes poetas adolescentes, de Shelley a Rimbaud, passando por Novalis, e mantida pela cultura feminina.

Regressando a Shakespeare (1998) a obra é um clássico que nos faz discorrer sobre as questões humanas e sociais que deparamos no cotidiano da escola, como: as paixões, encanamentos, a arrogância, os desamores, rivalidade entre os grupos, tolerância e o papel do amor como ferramenta de transformação social instaladas nesse tempo de desamores, como também, nos ensina Morin (2011). O amor é um tema de grande relevância que deve ser trabalhado em sala de aula e gerar boas reflexões e comportamentos. Também vale perguntar: será que, em nome do amor, é válido colocar a vida em risco? O que difere a paixão do amor? Para tanto, utilizaremos de algumas táticas que viabilizem o processo ensino aprendizagem ao olhar do contexto shakespeariano, nas séries finais, de forma criativa, interdisciplinar e lúdica.

Romeu e Julieta compram com suas vidas a paz entre suas duas famílias, que viviam em luta gratuita e danosa para a comunidade, pois quem passa pelo doloroso aprendizado trágico são as famílias e não os jovens amantes, vítimas destruídas porque se amam em um mundo de ódio (HELIODORA, 2001, p. 42).

A paz promovida pela morte dos jovens que se amavam loucamente, nos faz buscarmos a oportunidade de enriquecermos a “bagagem” humana e cultural por meio de uma antiga leitura que tanto tem a nos ensinar. Nesse cenário, foram desenvolvidas várias vertentes partindo do romance. Para o ensino da Língua Portuguesa estudou-se aspectos literários, como: gênero, romance, aspectos sociais da época, leitura, preconceitos sociais e produção de novas versões. No Ensino das Ciências Naturais destacamos os conteúdos desenvolvidos junto a temática: mudanças físicas, o amor entre os jovens, os desamores, as paixões, rompimento dos relacionamentos amorosos, os sentimentos que levam ao desequilíbrio, bem como, ao equilíbrio sendo esses observadores de comportamentos humanos e de processos afetivos; a gravidez indesejada, suicídio, os conflitos de ruas. ‘Essas violentas alegrias têm fim também violento, falecendo no tempo, como a pólvora e o fogo, que num beijo se consomem’

(SHAKESPEARE, 1998, p. 56).

Em direção ao comportamento humano e sob o olhar afetivo, trabalhamos na área da Educação Física, apresentando aspectos sobre a violência, onde debruçamos sobre o lirismo da obra ao encontro da música do grupo Dominó “Nem Romeu nem Julieta” (1985). Assim, exploramos a expressão corporal e atividades ligadas a psicomotricidade, quando se trata do cenário, figurino, ação física dos personagens e discussões destes e de outros temas inerentes ao cotidiano dos adolescentes, os quais contribuem para o desenvolvimento saudável, já que corpo físico e sua mente, assumem dimensões significativas na vida do adolescente e sua transformação moral.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), novas vertentes surgiram em oposição à aula mais tecnicista, esportivista e biologicista da Educação Física, entre elas a abordagem psicomotora. Nela o envolvimento da Educação Física é “com o desenvolvimento da criança, com o ato de aprender, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores, ou seja, buscando garantir a formação integral do aluno” (BRASIL 1998, p. 23).

É necessário aos profissionais o rompimento do antigo paradigma, que inflexibiliza a integração entre a transposição literária e seu elo com as disciplinas, assim como *Romeu e Julieta*. A riqueza da obra de Shakespeare (1998) reside em explorar a linguagem transdisciplinar, como a inversão de comportamentos e pensamentos negativos, bem como, destrutivos. Não podemos perder de vista que, Shakespeare foi capaz de produzir uma herança clássica e medieval com o advento do humanismo em sua arte. Passagem que nos faz lembrar Edgar Morin (2011, p. 25):

O pensamento racionalizador, quantificador, fundado no cálculo e que se reduz ao econômico é incapaz de conceber o que o cálculo ignora, ou seja, a vida, os sentimentos, a alma, os nossos problemas humanos.

Em nossa cultura é rotineiro os comentários grotescos e racionalizador a respeito dos adolescentes, quando são vistos, como: rebeldes, agressivos, desajustados, mal-humorados e que protestam contra todos, censurando os valores sociais. Nessa linha de pensamento a escola precisa ser o espaço capaz de entender e acolher o sofrimento,

potencializando o que de há de bom, estimulando os adolescentes a focos de interesses, no intuito de recuperar essas imagens desastrosas que lhes fazem a seu respeito, uma vez que, vivem uma adolescência turbulenta, conflituosa, mas, repleta de sonhos e paixões, como nos faz lembrar Morin (2010, p. 44):

Mas também o romance e o cinema oferecem-nos o que é invisível nas ciências humanas; estas ocultam ou dissolvem os caracteres existenciais, subjetivos, afetivos do ser humano, que vive suas paixões, seus amores, seus ódios, seus envolvimento, seus delírios, suas felicidades, suas infelicidades, com boa e má sorte, enganos, traições, imprevistos, destino, fatalidade [...].

O amor, as paixões, infelicidades, felicidades deixam marcas e experiências para a vida inteira. Muitos casais cometem erros facetos na arte de amar e a experiência do outro muitas vezes pode servir de inspiração e aprendizado para nós mesmos. Todas essas questões são retratadas tanto pelo romance ou, pelos ensinamentos de Morin (2010). Reconhecendo-nos na literatura, essa abordagem permite uma enorme gama de interpretações, remetendo a uma série de significados que precisam ser percebidos pelo leitor, já que à educação expressa as suas experiências servindo-nos como de instrumento de reflexão.

A literatura é tanta prática social como modalidade de conhecimento e criatividade. Mais uma vez o aluno se beneficia pelos acontecimentos da leitura, pelo modo de pensar e de agir, pelos princípios filosóficos e epistemológicos que orientam as sociedades. Enquanto, disciplina como cultura humanística, auxiliamos na construção de uma nova identidade, integrando aos aspectos psicológicos no modo de vida e de refletir; sendo o romance um vetor para a constituição do ser social e emocional. A efetivação da prática da leitura do romance é sempre importante e, portanto, imprescindível na vivência e no aprendizado dos adolescentes.

A cultura humanística é uma cultura genérica, que, pela *via* da filosofia, do ensaio, do romance, alimenta a inteligência geral, enfrenta as grandes interrogações humanas, estimula a reflexão sobre o saber e favorece a integração pessoal dos conhecimentos (MORIN, 2010, p. 17).

A cultura humanística nos leva a um processo que envolve

o conhecimento, compreensão, diálogo e escuta aos seus anseios, consolidando-se como mecanismos de confiança e permanência no ambiente escolar, promovendo a busca pelo significado do verdadeiro amor. Então, nossa intenção é convidar os professores para a realização de novas práticas pedagógicas, sendo a escola, palco de vivências sociais e eternamente afetivas sobre o saber. “[...] em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana” (MORIN, 2010, p. 45).

Nesta narrativa shakespeariana procuramos discutir os diferentes caminhos tomados no percurso da educação de maneira a envolvermos nossos alunos em experiências de contemplação dos ditos e, assim, gerar outros textos, criando novos espaços de conversações em que o trabalho da pesquisa seja também reconhecido como um feito de vida. São inúmeras as possibilidades de inventar, perceber, pensar, sentir e investigar, já que o conhecimento é vasto e, nos permite que nos encontramos ou, desencontramos no interior do estudo, enquanto seres humanos, pensadores, educadores e pesquisadores.

A leitura nos despertou a uma dimensão na organização do trabalho escolar, uma vez que, foram apreendidas como transformadores em meio a sociedade capitalista, ressaltando a importância das questões humanas e afetivas. Assim, a prática educativa torna-se fundamental por conceber uma educação como fenômeno que apresenta diversos eixos estruturantes que devem perpassar pelo ensinar e aprender numa visão societária. Diz, Shakespeare (1998, p. 65):

Os namorados enxergam no ato do amor rito, pela própria beleza;
ou então, se é cego, de fato, o amor, diz bem com a negra noite.
Vem, noite circumspecta, com eu manto de matrona severa, todo
preto, e me ensina a perder uma partida.

Assim, como os namorados precisamos enxergar o ato do amor nas práticas da vida, nós profissionais, carecemos de avistar as práticas recorrentes nas escolas, como base para a formação e organização das atividades nos orientando para uma prática profissional e emocional. A obra trouxe uma importante contribuição ao repensar crítico da disposição de um trabalho pedagógico com avanços e interesses de entender a vida com seus diversos amores. Apontou possibilidades

para um novo caminho entre a teoria e a prática, revitalizando o ensinar, iluminando os trabalhos educacionais, já que a escola tem que ser vista, necessariamente, na perspectiva do caráter democrático, participativo e emocional.

2 Romeu e Julieta nos cenários da sala de aula

O autor britânico nos faz mergulhar nas discussões teóricas e práticas para a construção de uma escola muito além da educação tradicional, desde as experiências concretas, até as análises críticas das teorias e a retomada do trabalho pedagógico, esse de suma importância ao desenvolvimento de uma educação de resultados. É o fato de termos consciência que a escola existirá para o aluno, sendo protagonista do cenário educacional. Nessa linha de pensamento, entremos em cena, sob a inspiração de *Romeu e Julieta*:

Cena 1 – Abrimos a aula das Ciências Naturais abordando a música instrumental de Richard Clayderman “Romeo e Juliet” (1976) e ao mesmo tempo, despontando passagens do filme, mostrando de forma nostálgica o pensamento de Shakespeare (1998). A música nos conduziu a momentos de sensibilidade, ao retratar o amor vivido entre *Romeu e Julieta*. Posteriormente, realizamos em sala, um cenário de situações para tratarmos das mudanças corporais, dos desejos, sonhos, relacionamentos, bem como, das questões que levam ao suicídio, as drogas e ao álcool, numa troca de experiências e fortalecimento de atitudes positivas e saudáveis, já que todos nós, passamos pelos amores e desamores.

Numa outra aula discutimos situações sobre relacionamentos e os namoros de hoje, lembrando Del Priore (2006). Discussões atuais é, ainda, uma ênfase muito grande nos estudos sobre o feminino na sua multiplicidade e relações, como se o masculino não tivesse sentimentos. Sabemos que categorias estanques como mulher-sentimento, homem-ração, foi construída historicamente para reforçar lugares sociais para uns e outros, e que esses lugares ainda encontram ressonâncias na atualidade (DEL PRIORE, 2006).

Cena 2 – No cenário da Educação Física, duas duplas encenaram a música “Nem Romeu nem Julieta”, grupo dominó (1985), trabalho

que explorou as expressões corporais e o estudo dos princípios éticos, ao encontro da criatividade e do caráter sensível na concepção de homem e sociedade. Nesta ótica, a educação é significativa na medida em que propõe uma análise crítica da realidade e da sua transformação. Aqui, as duplas de alunos trouxeram uma nova concepção de amor para o cenário atual da educação, repensando atitudes e valores.

Não, não somos nem Romeu nem Julieta
Amantes de romances tão fatais
Não, não somos nem Romeu nem Julieta
Que já vão longe os tempos medievais

Não, meu bem nós dois jamais enfrentaremos
Alguém que não se renda ao nosso amor
Não, não cabe mais no mundo em que vivemos

O ódio que transforma amor em dor.
Às vezes ben durmo e sonho
um sonho que não tem fim...
será que é porque eu te quero tanto assim

Às vezes eu páro as horas
nem sei quanto tempo faz
será que é porque eu te quero sempre mais?

Não, não somos nem Romeu nem Julieta
aqueles que morreram por se amar
não, não somos nem Romeu nem Julieta
queremos ser mais livres pra voar.

Não, não somos personagens de romance
nem santos, nem heróis e nem vilões
só queremos o que está ao nosso alcance
viver o amor em nossos corações.

Fechamos as atividades com reflexões a respeito do romance e sua importância para a atualidade, resgatando a cultura corporal através da dança. Na aula seguinte, fizemos um cenário de situações, onde os alunos apresentaram “histórias anônimas”, de pessoas que tiveram histórias semelhantes como *Romeu e Julieta*, sem divulgar os

nomes. E, logo, pensamos nas diversas histórias de *Romeu e Julieta* que passaram na vida deles ou, que já presenciaram? Momento também, conhecido como, banco de histórias de *Romeu e Julieta* da vida real. Nesse contexto, vários amores e desamores foram descobertos pelo profissional da Educação Física, já que muitos adolescentes chegam por vezes, agitados ou, tristonhos na escola. As paixões, os encantamentos e os amores foram observados através do trabalho proposto, onde “(...) o fluir das emoções se expressa através da música e é vivenciado nos círculos sociais, independentemente do contexto social onde se desenvolva” (MADUREIRA, 1996, p. 43-44).

Cena 3 - No universo da **Língua Portuguesa** os alunos encenam a morte trágica dos jovens, do clássico *Romeu e Julieta*, utilizando a linguagem como forma de expressão do pensamento, uma vez que, constitui hoje, uma extrema necessidade, não só no meio acadêmico, como também nas salas de aula. “Ama - Oh, dia triste! Oh, dia triste! Oh, dor! O dia mais escuro e lamentável que eu vi em toda a vida” (SHAKESPEARE, 1998, p. 100).

A ama de Julieta nos faz entender a tragédia entre os jovens, colhida do romance, nos transportando para as múltiplas esferas comunicativas, repensando nossas atitudes e sentimentos perante o processo ensino e aprendizagem. Assim, ampliamos esse mundo literário textual, na perspectiva de superar as dificuldades de produção, explorando a interpretação crítica dos alunos. Para Morin (2003, p. 39):

A tragédia da reflexão materializa-se na crescente emergência de obstáculos às que ornar possível a reflexão sobre o saber. Tragédia essa que se situa em meio do jogo do dizível e do indizível, entre o fragmento e a totalidade, entre o que pode ser classificável e delimitável e aquilo que é impossível delimitar.

De acordo Morin (2003), a tragédia representa os conhecimentos, as informações e subjetividades que existem em cada um de nós, o que produz um sofrimento. Relembrando a história: se passa em uma cidade italiana, em meados do ano 1500 e narra o amor proibido entre *Romeu e Julieta*, já que suas famílias eram antagonistas. Após se conhecerem em uma festa, apaixonam-se e casam-se em segredo, apenas o Frei Lourenço sabia do casamento às escondidas. A

obra tem o seu desfecho quando um mal-entendido acontece entre o casal e o Frei que se esquece de avisar a Romeu sobre o suposto veneno que Julieta havia tomado.

A tragédia da complexidade situa-se tanto no nível do objeto de conhecimento, como no nível da obra de conhecimento. No nível do objeto, deparamo-nos incessantemente com a alternativa de escolher entre o fechamento do objeto de conhecimento que, por um lado mutila suas solidariedades com os outros objetos assim como com seu próprio meio (o que exclui de vez os problemas globais e fundamentais) e, por outro, com a dissolução dos contornos e fronteiras que estrangula qualquer objeto e nos condena à superficialidade (MORIN, 2003, p. 40).

Nesse cenário da tragédia foi apresentado o lirismo presente na obra, usando a forma poética do soneto como recurso cênico. Os alunos estabeleceram uma relação dos acontecimentos na cena com os dias atuais e seus comportamentos emocionais, na perspectiva de explanarmos o momento social que estamos vivendo, compartilhando outros conhecimentos de mundo, ressaltando a moral, a ética, costumes e ideias. Ao lidarmos com o público de adolescentes percebemos e aprendemos com as diversas classes sociais, raças, gêneros e idades, que vão se compondo em diferentes formas de vida na escola.

A música, por sua vez, nos inspirou a falarmos da literatura clássica de *Romeu e Julieta* construindo laços afetivos entre docentes e alunos, já que a música na vida das pessoas é tão importante quanto o seu bem-estar no mundo, onde encontramos com outros estilos de épocas passadas e culturas diferentes.

A música é uma forma de pensamento, de conhecimento. Como uma forma simbólica, ela cria um espaço onde novos insights tornam-se possíveis. [...] podemos ver que a música não somente possui um papel na reprodução cultural e afirmação social, mas também potencial para promover o desenvolvimento individual, a renovação cultural, a evolução social, a mudança (SWANWICK, 2003, p. 38-40).

Nesse contexto a música apresentou uma estreita ligação com a literatura de Shakespeare (1998) no sentido de proporcionar um melhor desenvolvimento educacional aos alunos, ampliando seu pensamento crítico e proporcionando a auto expressão, transformando

o espaço escola a partir do papel de impulsionador de saberes, atitudes e valores. Cabe ao professor procurar estratégias de trabalho inovadoras para as suas aulas, de forma a acender o interesse e a nostalgia pelo aprender, facilitando a sua aprendizagem e alargando o campo dos seus conhecimentos, numa interligação com as outras áreas do saber. Para Aragão (2011, p. 21), “a música é um veículo de comunicação utilizado pelo intérprete para levar ao público a verdadeira mensagem de carácter universal, a emoção”.

A transversalidade da música fez habitar outras vertentes na escola, como a sensibilidade, criatividade, imaginação e encantamento que brotou em situações de aprendizagens oferecidas pela música aliada ao contexto literário, diferenciando das atividades corriqueiras escolares, logo, os estudantes assumiram, espontaneamente, uma postura de apreçamento para com as aulas, onde desfrutaram prazerosamente do assunto estudado com profunda reflexão.

Neste sentido, percebemos que a escola é percebida como um lugar onde se constroem as relações afetivas, onde se expressam e revelam as sociabilidades e sensibilidades. Nas escolas acontecem os amores e desamores; os delírios e as paixões; felicidades e infelicidades. Quem não conhece alguma história de amor que começou numa determinada escola? Ou, quem não conhece uma história de amor desfeita numa escola? Para além de tudo isso, o que realmente ficou desta aquarela de sentimentos foram as aprendizagens e mudanças de valores, da convivência com os outros e, consigo mesmo.

3 Lições deixadas pelo Amor

Romeu e Julieta é um dos romances mais fascinantes e apaixonantes do mundo. Na presente narrativa nos deixou grandes lições para o ensino das Ciências Naturais, Educação Física, Língua Portuguesa e para a vida. As representações do amor, do desejo, da felicidade e saudade, elucidadas pela história são temas frequentes nas composições das nossas escolas que refletem intensamente as características dos adolescentes na sociedade moderna. A escola em sua essência guarda muitos amores que começaram e terminam ali. Lembrando que, ainda existem pessoas que acreditam num amor

avassalador, puro, intenso, tal qual, “Romeu e Julieta”.

Oh, coração serpente, mascarado com feições de uma flor! Em algum tempo dragão já houve em cova tão formosa? Monstro atraente, angélico, demônio, corvo de belas penas, cordeirinho devorador como o insaciável lobo, substância desprezível de aparência mais que divina, justamente o oposto do que mostrava ser! Santo maldito, muito honrado o vilão! (SHAKESPEARE, 1998, p. 67).

A diferença da sociedade da época de Shakespeare pode ser percebida neste momento por Julieta, como reflexões hoje, aos desentendimentos, desajustes e questões que retratam os desamores, suicídios e outras vertentes sociais que temos enfrentado. A importância do amor como sentimento, como aborda a obra, fez provocar a ruptura dos laços familiares, reconciliando as famílias rivais, ou seja, a morte dos jovens, reinando a paz e, assim, onde passamos a compreender a literatura de forma universal ao cenário da educação.

O contexto social do romance propicia condições para discutirmos os mais variados tipos de expressão e modos de identidade que perpassam pelos nossos alunos em sala de aula. A leitura e sua interpretação em seu movimento, expressa forças e significados que vão sendo agregados à vida e condições dadas a subjetividade, nos fazendo perceber os sonhos, gostos, crenças e os valores ligados aos sujeitos demonstrados em palavras. Acreditamos que, a literatura ajuda a elaborar novos sentidos para o conhecimento, permitindo-nos falar dos conflitos existenciais do mundo, do belo da vida, dos saberes, da história humana e dos amores. Essa realidade precisa ser vivida na escola, no resgate à criatividade para a construção do conhecimento.

Frei Lourenço - Serei breve, porque meu curto fôlego não é mais longo do que a história insípida. Romeu, aqui sem vida, era marido desta Julieta, assim como ela mora também aqui, era a fiel consorte deste Romeu. Fui eu que os desposi. O dia dessas núpcias clandestinas foi o do juízo final de Teobaldo, cuja morte banuiu de nosso burgo o recene marido (SHAKESPEARE, 1998, p. 116).

Partindo do trecho do romance, sob a fala de Frei Lourenço, é válido perceber que, as tragédias ensinam novas lições de forma a melhorarmos nossas atitudes no dia a dia, repensando sobre os

significados da vida e as fragilidades que nos acompanham. Que as tragédias tragam como pano de fundo, a força de transformar o nosso estilo de vida, cada vez mais egoísta, capitalista e desumano, fortalecendo a fé e o amor como elementos fecundos para o viver. Estamos certas de que, ler bons romances, é uma das possíveis e, mais criativas estratégias para ensinar e aprender, lembrando que esse exercício deverá ser o reconhecimento de si mesmo, percebendo as verdades mais difíceis que, muitas vezes, se fazem invisíveis ou, passam despercebidos no nosso caminhar. À luz de *Romeu e Julieta*, vamos encerrando a discussão, lembrando que, o romance nos faz entender o processo precioso de refinamento do ser humano e suas lições extraídas da vida e do amor, mesmo, em meio, a uma profunda tragédia.

Referências

ARAGÃO, Monique. **Música, mente, corpo e alma**: interpretação, a comunicação através da música. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CLAYDERMAN, Richard. **Romeu e Julieta – instrumental**. 1976.

DEL PRIORI, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

DOMINÓ. Nem **Romeu nem Julieta**. 1985. 3:31 min.

HELIODORA, Bárbara. **Falando de Shakespeare**. 2001.

MADUREIRA, Sevy. Bairro do Recife: **A Revitalização e o Porto Seguro da Boemia**. Recife: SEPLAN, 1996.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio Roger; MOTTA, Raul. **Educar na Era Planetária**. O Pensamento Complexo como Método de

Aprendizagem no Erro e na Incerteza Humana. São Paulo: Cortez, 2003.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Tito Andronico; tradução e texto sobre o autor e a obra por Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.

MUNDO HUMANO COMUM E AMOR MUNDI: REFLEXÕES ARENDTIANAS SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Jenerton Arlan Schütz¹

Cláudia Fuchs²

DOI: 10.46550/978-65-88362-12-9.27-38

1 Introdução

Amor Mundi:

Trata-se do mundo que se forma como tempo-espaço, assim que os homens estão no plural, em que construímos nossas casas, nos instalamos, querendo deixar algo permanente. O mundo ao qual pertencemos porque *somos* no plural, em que permanecemos eternamente estrangeiros porque somos também no singular, cuja pluralidade, e somente ela, nos permite estabelecer nossa singularidade. (Hannah Arendt)

A cada nascimento, a cada novo ser que chega ao mundo, a educação, uma vez mais, precisa assumir a sua tarefa. Diferentemente dos outros seres vivos, que já nascem sendo o que deveriam ser, o que hão de ser irremediavelmente, aconteça o que acontecer, nós humanos nascemos para a humanidade. É, também, para isso que Kant chama atenção: “o homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução como a formação” (KANT, 1999, p. 11).

A partir disso, considera-se que fornecer aos alunos conhecimentos, introduzi-los nas linguagens públicas e nos saberes

1 Doutorando em Educação nas Ciências (Unijuí). E-mail: jenerton.xitz@hotmail.com

2 Mestra em Educação nas Ciências (Unijuí). E-mail: claudia_fr17@hotmail.com

culturalmente produzidos pela humanidade é uma tarefa árdua, lenta e gradual, que exige esforço, dedicação e escolhas, tanto por quem está a equipar como também por aquele que está sendo munido. Nossa condição, como lembra Savater (2001), é essencialmente simbólica, e ela é também a base da importância da educação em nossas vidas. Por mais que possamos aprender coisas por nós mesmos, há conhecimentos e objetivações simbólicas que nos têm de ser ensinados por outros humanos, por nossos semelhantes. Quem sabe seja por isso que nós humanos sejamos os primatas com a infância mais prolongada, justamente por precisarmos de muito tempo para conhecer e reconhecer os símbolos que depois irão passar a configurar o nosso modo de existência no mundo humano comum.

Nesse contexto, é possível alegar que adentramos o mundo como já sendo humanos, mas somente a partir das aprendizagens com as gerações que nos antecedem no tempo e no espaço nos tornamos totalmente humanos. É essa influência plural que configura a possibilidade da humanidade, pois ninguém chegaria à humanidade se não fosse contagiado pela humanidade dos outros, já que o tornar-se humano nunca é uma tarefa de um só, mas de vários.

A existência humana, portanto, necessita de uma teia de relações humanas, que pode ser efetivada onde quer que os humanos vivam juntos. A teia de relações produz aquilo que podemos considerar como comum, como pertencente aos humanos, logo, a ação humana com os seus processos feitos e inaugurados pelo humano constituíram um mundo humano comum. Desse modo, o mundo é, segundo Arendt (2010), produto do homem, do *amor mundi* do homem. O mundo humano comum é resultante do significado que nós humanos construímos uns com os outros, na mediação linguística, nos espaços essencialmente plurais.

Nessa direção, o presente capítulo investiga o que vem a ser e constituir o mundo humano comum, para, em seguida, frente ao desmantelamento do mundo humano comum, apresentar a noção de *amor mundi* e sua relação com a educação escolar. Afinal, o mundo só se torna um lugar habitável e a convivência possível e desejável se assumirmos por amor ou gratidão a responsabilidade por ele e se por amizade e respeito nos relacionarmos com nossos iguais.

2 Sobre o mundo humano comum

O ser humano habita o mundo. Habitar não tem o mesmo significado de estar incluído no repertório de seres que estão no mundo, não consiste apenas em estar no mundo, assim como um tênis que está em sua caixa, ou então, de ter um mundo “natural” próprio, como os cachorros, gatos e outros animais.

Entendemos que considerar um certo ideal denominado de “natureza”, seja para medir, padronizar ou valorar a realidade humana, significa que todas as coisas no mundo são espontâneas ou então um desígnio do Criador, *sendo como deveriam ser*³. Mas, os homens surgiram, cresceram e se multiplicaram, sobretudo, pecaram, isto é, criaram artifícios não previstos no projeto natural, condenando-os a uma forma de vida que poderíamos denominar de anti-natural.

Nós, humanos, temos um mundo no qual atuamos, um mundo que é fruto das relações que tecemos com os outros que nele vivem. Atuar no mundo consiste em *habitar* o mundo, logo, atuar no mundo não se resume apenas a estar no mundo, como também não corresponde a simplesmente se mover e reagir aos estímulos do mundo. Os outros animais, a saber, apenas respondem ao mundo segundo o programa genético que é próprio das necessidades instintivas e biológicas de cada espécie, ou seja, todas as coisas deste mundo são aquilo que deveriam ser, foram fixadas de antemão, menos o humano.

Diferentemente dessa característica que marca e estabelece uma programação prévia nos animais, nós humanos não apenas respondemos ao mundo em que estamos, mas, principalmente, temos a capacidade de inventar e transformar o mundo de uma maneira que não pode ser prevista por uma programação genética (previamente e definitivamente).

Para Moreau (2006, p. 93, tradução nossa):

[...] o homem é desprovido de instintos e órgãos especiais: a natureza não lhe deu nem os chifres do touro, nem as garras do leão, nem os dentes do cachorro; somente lhe deu a mão. [...] se o homem é um ser inacabado, acrescenta Kant, este é o sinal de que

3 A natureza, o natural, tem a ver apenas com o que as coisas são, mas jamais com o que elas deveriam ser.

sua vocação consiste em realizar sua humanidade para si mesmo, isto é, através da razão e da liberdade.

Nessa direção, podemos considerar que a nossa espécie não está fechada pela determinação biológica, ou então, presa às inclinações instintivas. Constitui-se, por isso, em uma espécie capaz de deliberar e a agir intencionalmente.

O homem não é, por natureza, o que é ou deseja ser; por isso necessita formar-se, ele mesmo, segundo as exigências de seu ser e de seu tempo, voltado para além do que decorre no dia-a-dia da existência e no reino das motivações imediatas. Necessita cada homem re-atravesar a história do gênero humano e da cultura, para delas fazer-se parte viva e operante. Necessita ele assumir o sentido da própria vida, com a capacidade de articular na intersubjetividade da palavra e da ação sua própria experiência biográfica (MARQUES, 1992, p. 39).

Se a espécie humana não está “fechada” pela determinação biológica, e pode, ao mesmo tempo, transcender os instintos, então significa que ela se revela como uma espécie aberta e inacabada, que incessantemente cria e recria a si mesma. Contudo, se o humano é uma espécie inacabada, aberta, imprevisível e criativa, então seria correto afirmar que ele cria a partir do nada e que todos aqueles que adentram o mundo estão fadados a iniciar da estaca zero?

A resposta é não! E justifica-se pelo fato de habitarmos e atuarmos em um mundo, a partir das coisas do mundo, até mesmo, mudando o mundo. Se há um mundo no momento em que cada nova geração aqui chega, significa que esta geração precisa aprender e se familiarizar com esse mundo. É isso que também nos distingue dos outros animais, ou seja, o fato de sermos uma espécie capaz de aprender com os outros.

3 Sobre a necessidade do *Amor Mundi*: cuidados e (ir) responsabilidades

A tarefa de acolher os novos e mostrar a eles como o mundo é e introduzi-los nesse mundo público, através da transmissão dos saberes

teoréticos⁴, é papel da escola. É a escola que deve apresentar aos mais novos as tradições, as histórias, suas conquistas e os conflitos, é ela que cuida do mundo que confiaremos às próximas gerações, agregando para a continuidade dele. É a partir da educação que também se acolhe os recém-chegados, que têm o direito de conhecer o mundo, de se apropriar dele para depois buscarem seus próprios caminhos e intervir naquilo que compartilham com os outros (SCHÜTZ, 2016), percebe-se, desse modo, o papel indispensável da autoridade adulta para com os recém-chegados.

A autoridade educativa tem a função de acolher a humanidade, universal e não excludente. Uma vez que, uma escola que acolhe em nosso mundo, um mundo que foi constituído pelas gerações anteriores – de que nós, adultos, fazem parte – com seus esplendores e seus horrores. A autoridade é, essencialmente, um ato de confiança, confiança na humanidade e no outro, grosso modo, não educamos as crianças apenas em função do processo vital ou para satisfazer seus desejos, mas, principalmente para que no futuro possam fruir e recriar o mundo comum. Entretanto, primeiramente, sem ainda assumirem a responsabilidade por ele, precisam conhecê-lo.

O termo educação, para Arendt (2013), é constituído na relação entre o mundo comum e público e os novos que chegam com a natalidade⁵. Nesse sentido, a aprendizagem e o ensino justificam-se não somente por sua funcionalidade ou aplicação imediata, mas também pela sua competência formativa, uma vez que, a educação deve introduzir os novos num mundo que lhes antecede e que continuará depois delas. Por isso, a educação

[...] é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante

4 Transmite-se saberes teoréticos, isto é, teoréticos vem da palavra teoria, que é uma palavra lindíssima, que, por sua vez, vem do étimo grego *theoria*, que significa visão, contemplação. Por isso, o ensino é definido como o processo de “dar a ver”. Dar a ver, exatamente, por esses saberes que introduzem uma visibilidade do mundo e dos seres que o habitam, visibilidade essa que tem como característica fundamental poder ser objeto de transmissão discursiva. (POMBO, 2002).

5 Conforme a autora, “a essência da educação é a natalidade” (ARENDRT, 2013, p. 223), ou seja, o mundo recebe constantemente novos seres humanos que, ao nascer, aparecem nele como uma novidade, por este fato, precisam ser acolhidos e familiarizados com o mundo comum e seu legado, que futuramente estarão sob sua responsabilidade.

para assumirmos a responsabilidade por ele e salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças, o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDRT, 2013, p. 247).

Contudo, ao atribuir uma especial atenção ao papel da autoridade na educação, Arendt critica uma conjuntura em que tanto as práticas como os discursos educacionais tendem a recusar a essencialidade da autoridade ou, até mesmo, negá-la por completo. Se pensarmos nas instituições educacionais brasileiras, por exemplo, parecem que estas sempre predispostas a aderir “servil e indiscriminadamente” às teorias mais modernas, às metodologias salvadoras/inovadoras, entre outras panaceias que prometem revolucionar o ensino, enfim, a toda sorte de pedagogismos, a essa paixão desenfreada pelo *novo*.

Entretanto, essa paixão desenfreada por aquilo que é novo e redentor apresenta pressupostos problemáticos. O mais conhecido deles refere-se ao ensino centrado na criança, o que corresponde trabalhar segundo o interesse e a necessidade da criança. O slogan que marca essa tendência ficou conhecido como: “*Nós não ensinamos matérias, ensinamos crianças*”, como se o ato de educar significasse formar crianças independentemente de ensiná-las conteúdos escolares.

Em decorrência disso temos um declínio crescente dos conteúdos, do ensino, das disciplinas e dos conhecimentos que fazem e podem vir a fazer uma diferença na vida do aluno. O professor passa a ser visto como aquele que respeita, ama e considera a criança, concentrando-se em criar “ambientes pedagógicos”. Em vez de ensinar a lógica de um raciocínio demonstrativo ou argumentativo que permite compreender razões, são valorizadas a intuição e a criatividade. Ou seja, não se enfatiza a estrutura do pensamento e, de quebra, não se foca o importante papel da memória no processo de estruturação das aprendizagens.

Como sabemos, a humanidade levou três mil anos para chegar

a elaborar o alfabeto, mas agora se considera que qualquer criança é capaz de “construir” o conhecimento, desconsiderando a experiência que o adulto possa oferecer. Não obstante, são organizadas oficinas e também projetos sobre todos os tipos de assuntos para despertar o interesse do aluno, mas se esquece de ensinar as disciplinas, o apreço pelos livros, a iniciação nas linguagens públicas... Prioriza-se o “como” sobre o “o que”. Passa-se da prioridade do conhecimento das disciplinas à aplicação de certo método.

Não é por acaso que muitos alunos desconhecem em que consiste o trabalho intelectual. Que estudar exige pensamento, silêncio, concentração, conhecimentos prévios e esforço de vontade ano após ano, um esforço justificado pelo ganho a ser obtido a longo prazo. Ignora-se o que significa entender, pensar, julgar e argumentar.

Por isso chegam até a pensar que o trabalho intelectual é produzir textos escritos com “palavras próprias”, mas nem se quer entendem o motivo. Acreditam que o trabalho escolar é transformar parágrafos de livros e fragmentos tirados da internet em pretensos textos próprios, num verdadeiro “vale tudo”. Alguns alunos, inclusive, enganam seus professores lendo resumos em vez dos próprios livros, mas enganam somente a si mesmos, pois jamais chegarão a reunir um vocabulário rico que os capacite a compreender e se iniciar na cultura literária. Em consequência, qualquer opinião vale o mesmo que as conclusões de alguém que se ocupou com um campo de conhecimentos por longos anos.

O que antes se denominava de ensino, ou seja, que consistia em dar certa disciplina a um grupo com determinada preparação e maturidade, é agora tido como apoio às atividades iniciadas pelos alunos (linguagem da aprendizagem). Rejeita-se não somente a ideia da importância dos conhecimentos, das disciplinas, mas também das exigências, da autoridade docente, das condutas, assim como as referências de uma cultura compartilhada.

Consideramos que há muitos modos de se respeitar e de se cuidar das crianças: entre eles, o de iniciá-las em uma educação escolar, através do ensino, do conhecimento, das disciplinas. Este é o modo *específico* que caracteriza nossa profissão.

Além disso, assistimos a crescente decomposição das bases de um possível mundo humano comum, resultando finalmente na sociedade de massas, na qual as experiências humanas fundamentais são o abandono e a superfluidade dos seres humanos – radicalmente opostos ao pertencimento a um mundo compartilhado.

Em oposição a isso, antes de mais nada, é preciso “dizer não” ao totalitarismo e à sociedade de massas que favorece tendências totalitárias. Pelo fato de não encontrarmos nenhuma proposta educacional frente à crise na educação, nem programas políticos diante do desmantelamento do mundo.

Afinal, indagamos: O que nos torna humanos? Quais são as condições dadas e quais são as que precisam ser constituídas por nós que possibilitam que de fato sejamos humanos e não elementos de uma espécie de seres vivos? O que possibilita que, além de habitar a Terra junto a outros seres vivos, possamos constituir um mundo humano?

A nosso ver, o “*amor mundi*” constituiu uma resposta frente à destruição do mundo. Isso não é uma solução pragmática, mas também não é uma fuga romântica, nem um fechar os olhos diante dos fatos. Esse amor pode se referir à gratidão por aquilo que nos é dado e que é anterior a nós, como também pode nos levar a dar nossa contribuição no mundo.

Em face da destruição do mundo e de tudo que nos servia de parâmetro para nos mover nele, muda a “acentuação” do *amor mundi*. Mais do que abraçar o que é dado, ele precisa se reconciliar com um mundo que permitiu barbaridades e, mais do que dar continuidade precisa, sobretudo, renovar ou refundar. O ponto decisivo é que, embora o mundo esteja em crise, nós, em princípio, não perdemos (pelo menos me parece) as capacidades de pensar e agir, não obstante tenhamos de pensar sem a orientação e o apoio de uma tradição ileusa e nossa ação dependa cada vez mais de nossa capacidade de iniciar algo novo, impensável.

Importa destacar que o *amor mundi*, para Arendt, não se confunde com um sentimento, mas tem a ver com o mundo que precisamos para *ser*. O *amor mundi* diz respeito à realização do ser

humano, diz respeito às atividades relacionadas com o mundo humano comum, com as novas gerações. A aposta no mundo humano comum é uma opção, não está ligada ao nascimento biológico, mas à nossa inserção nele, num mundo que depende de nós e que é fruto do *amor mundi*.

Se aqueles que constantemente chegam ao mundo se engajarão nesses desafios, depende, ao menos em parte, de que na educação consigamos contagiá-los com o *amor mundi*, com o assumir a nossa responsabilidade pelo mundo humano comum e pela educação das novas gerações. Se diante da barbárie perguntamos o que é necessário para que possamos viver num mundo minimamente humano, nossa questão é de que forma a educação pode fazer parte nisso.

Uma educação comprometida com o mundo humano comum não deixa de ser uma resistência contra a sociedade de massas que mantém as pessoas no isolamento, e a preocupação educacional com as capacidades de agir e de pensar se opõe à ameaça da extinção dos espaços de interação com outros e consigo mesmo no pensamento. Em resumo, talvez se possa dizer que “introduzir no mundo” é um “não” qualificado ao não mundo e à situação de abandono. “*Amor mundi – por que é tão difícil amar o mundo?*” Hannah Arendt.

Por isso, educar e ensinar tem a ver com o compromisso que nós humanos temos para com o mundo humano comum e as novas gerações. Aliás, somos sempre aquilo que somos capazes de fazer com o nosso passado e com o que queremos legar ao futuro, aos novos, às crianças.

A educação é o modo como as pessoas, as instituições e as sociedades *respondem* à chegada dos que nascem. A educação é a forma em que o mundo *recebe* os que nascem. Responder é abrir-se à interpelação de uma chamada e aceitar uma responsabilidade. Receber é fazer lugar: abrir um espaço no qual aquele que vem possa habitar, isso é, respectivamente, *o amor mundi*.

Nós, adultos, somos os representantes do mundo, os responsáveis pelo mundo e pelas novas gerações. Essa responsabilidade tem a ver com preservar, admirar e cuidar das coisas do mundo comum. Por isso, é preciso proteger, conservar e amar o mundo, mostrando as

coisas valiosas para as novas gerações, como que dizendo: “isso é o nosso mundo, sintam-se em casa aqui”.

Uma educação que assume o caráter planetário, o *amor mundi*, está preocupada com a continuidade e durabilidade do mundo comum, com o enfrentamento das incertezas, com a condição humana, com a humanização e emancipação, com o cuidado e a formação das novas gerações, com a imprevisibilidade do novo, com o conhecimento pertinente, com as aprendizagens significativas, com a complexidade do mundo atual, com o enfrentamento dos problemas planetários, com a diversidade, com a pluralidade e a singularidade.

4 Considerações finais

Inserimo-nos na Terra como estrangeiros por meio do nascimento e somos acolhidos à familiaridade por aqueles que nos esperam, mas no mundo propriamente humano, ingressamos apenas mediante palavras e atos, em uma espécie de segundo nascimento, por meio do qual confirmamos e assumimos nosso aparecimento físico original e ao mesmo tempo fazemos do mundo a nossa casa, sentimo-nos “em casa” no mundo.

É aqui, no mundo humano comum que reside a possibilidade de assumirmos a responsabilidade por termos nascido (para a vida) e de nascermos também para o mundo; desejamos ser acolhidos no mundo por meio da revelação de quem somos mediante “palavras e atos”; eis a capacidade de nascermos de novo e nos afirmarmos natais e não mortais; a possibilidade, enfim, de que nos tornemos mundanos, amantes do mundo (*amor mundi*).

Esta é a nossa trajetória: Nascemos nesse mundo de pluralidade no qual pai e mãe estão à nossa espera, prontos para nos receber, dar-nos boas vindas, guiar-nos e comprovar que não somos estrangeiros. Crescemos para nos tornarmos como qualquer outro, mas quanto mais crescemos, mais nos tornamos iguais no sentido de uma absoluta e insuportável unicidade. Depois somos nós que amamos, e o mundo entre nós, o mundo da pluralidade e familiaridade, põe-se em chamadas, até que nós próprios estamos prontos para receber os novos que chegam, os recém-chegados a quem comprovamos aquilo em que

não mais acreditamos inteiramente, que eles não são estrangeiros. Morremos em absoluta singularidade, estrangeiros que afinal dizem adeus a um lugar estranho após uma curta estada. O que continua, porém, é o mundo da pluralidade... o mundo dos outros... o mundo dos sempre novos.

Não há maior afirmação de algo ou de alguém do que amar este algo ou alguém, isto é, do que dizer: quero que sejas! O *amor mundi* converte-se então em “quero que o mundo persista”. O mundo só se torna um lugar habitável e a convivência suportável e desejável se assumirmos por amor ou gratidão a responsabilidade por ele e se por amizade e respeito interagimos com nossos pares. Sem isto, o mundo converte-se em um deserto.

Ademais, finalizamos afirmando que o *amor mundi* tem a ver com as seguintes máximas: “Aja de modo que os efeitos de sua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida autenticamente humana sobre a Terra”, ou então, “aja de modo que os efeitos de sua ação não se tornem destruidores da possibilidade futura de uma tal vida”.

Nos despedimos com o belíssimo poema de Brecht: “Aos que vão nascer”:

“De fato, vivo em tempos sombrios!
 ... Ah! nós,
 Que queríamos preparar o terreno para um mundo [amistoso]
 Não pudemos ser amistosos.
 Mas vocês, quando estiverem aqui,
 Quando o homem for um amigo para o homem,
 Pensem em nós
 Com indulgência.”

Referências

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

ARENDT, H. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Revisão e apresentação de Adriano Correia. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Tradução de Francisco C. Fontanella. 2. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1999.

MARQUES, M. O. A formação do profissional da educação. Ijuí: Editora Unijuí, 1992. (Coleção Educação; v. 13).

MOREAU, P. Autoridad y responsabilidad em educaci3n. In: TORRALBA, F.; QUINTÁS, A. L.; MOREAU, P. **Educar em um mundo vulnerable**. Editorial Milenio: LLEIDA (Espanha), 2006. pp. 83- 110.

POMBO, Olga. **A Escola, a Recta e o Círculo**. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.

SAVATER, F. **As perguntas da vida**. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHÜTZ, J. A. **Educação e cidadania**: reflexões à luz de Hannah Arendt. 2016. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências. Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Ijuí, 2016.

SEMEANDO O AMOR FREIREANO PELOS CAMINHOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Jocelma Gusmão Barreto Lima¹

DOI: 10.46550/978-65-88362-12-9.39-50

1 Para começar a aula

Lembro-me de dona Margarida, nome fictício que escolhi para denominar uma linda senhorinha de cabelos grisalhos, estatura baixa, voz serena, apresentava-se na escola sempre feliz e sorridente, carregava consigo um amor imenso em seu coração. Então. Por que o nome de Margarida? Na infância, especialmente nas brincadeiras, essa flor sempre representou o “Bem-me-Quer”. Por revelar pureza, delicadeza e amor, associei aquela senhorinha, com a qual, tamanho respeito e admiração. Com suas dificuldades de leitura e escrita nunca deixou que, suas limitações e dificuldades fossem barreiras para impedir de apreciar a Educação de Jovens e Adultos, pela qual tinha tamanho apreço. Recordo-me do dia que dona Margarida me falou: “o amor me guiará a perseverar na escola até o dia da minha formatura! Esse será um grande dia em minha vida ”

Tomando como exemplo, dona Margarida, na Educação de Jovens e Adultos busco estreitar o conceito de amor e suas possíveis contribuições à EJA no sentido de formação humana, que está para além dos espaços institucionalizados da escola. Destaco nas primeiras palavras uma história significativa de diálogo, busca, perseverança e profundo amor, assim como nos ensinou Freire (2015, p. 110): “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos

1 Professora da rede estadual e municipal de ensino na cidade de Vitória da Conquista, Bahia. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGen), Mestrado Acadêmico em Ensino, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de recriação, se não há amor que o infunda”. Certamente, o diálogo e o amor foram elementos fundantes para o contexto de dona Margarida no cenário da EJA, não apenas, o mérito da conclusão do seu curso. O patrono da educação nos faz entender que, a amorosidade está ligada a outros conceitos, como a solidariedade, ética, o diálogo, fatores que deveriam ser mais desenvolvidos, aprofundados, colocados em destaque na Educação de Jovens e Adultos, certamente, dona Margarida, sentiu ao adentrar o espaço da EJA.

Neste trabalho procuro ressaltar a amorosidade em Freire (2015) para discutir as relações professor-aluno no processo ensino aprendizagem que se desenvolve em sala de aula, transpondo os papéis formais da educação. Logo, informações mais importantes do desenvolvimento comportamental e elemento agregador de valores nos membros da espécie humana, assim, como a vivência com dona Margarida. Para Freire “[...] o ato de amor está em comprometer-se com sua causa” (FREIRE, 2015, p. 111).

O conceito de amorosidade é também, preocupar-se com o outro, procurando a libertação dos oprimidos em sua contextualização, uma vez que, o educador deve promover a liberdade de homens e mulheres, sem distinção de classes sociais, em nome da vida e do amor. “A não ser assim, não é amor” (FREIRE, 2015, p. 111).

Paulo Freire (2015) foi puro amor ao tratar da Educação de Jovens e Adultos nos movendo a compreensão e o reconhecimento do outro nos espaços da sala de aula. Tudo isso, nos leva a reflexão de educadores nos dias atuais. Nas mais belas palavras do autor, expresso um dos seus pensamentos que marcou profundamente minha vida e a carreira docente, quando o patrono da educação faz referência a perspectiva “Libertadora”, permitindo-me ao exercício do pensamento amoroso:

E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. É a procura que nos permite rejuvenescer o processo educativo, uma busca constante que leve o professor não apenas à especialização, ao domínio da sua área, à investigação de novas estratégias de ensino, mas que lhe possibilite tornar-se mais sensível, aliando o domínio afetivo ao cognitivo, estimulando

a participação, o diálogo, a autonomia dos alunos. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (FREIRE, 1996, p. 142).

O processo ensino e aprendizagem na EJA precisa simbolizar a boniteza, a alegria, paz e o rejuvenescimento de uma prática diária nas salas de aulas, tornando esse cenário educacional mais atraente e mais feliz e, todos esses elementos, necessariamente, perpassam pelo amor. Um novo pensar capaz de redimensionar limites e procedimentos, já que se tem vivido tempos de desamores. Cabe a nós, construirmos uma história na educação em que a valorização do conhecimento e do sujeito seja nutrida constantemente, pelo viés do amor, trazendo à luz o processo de construção da cidadania do aluno.

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens (FREIRE, 2015, p. 98).

Diante desse pensamento, não se pode deixar de ver a maneira como cada um de nós ensina, já que o verdadeiro sentido da educação tende a aproximar-se da *amorosidade* como a tarefa de estruturar o ser, de estimular os alunos para as compreensões que a vida nos apresenta. Na intimidade da palavra amorosidade, vê-se: qualidade ou virtude do que é amoroso, trazer os ensinamentos pelos caminhos que levam ao coração, proporcionando uma nova concepção para o ensino da EJA.

2 Pelos campos do amor

Penso que as atividades exercidas pelo professor na EJA voltadas a concepção da amorosidade e seu relacionamento com os alunos em sala de aula, também nascem da construção de um campo sedento de novos conhecimentos, outras abordagens, uma vez que, somos constituídos de fatores biológicos, psicológicos e sociais, permanentemente em transformação na relação ensino/aprendizagem. Mediante a esta relação o ambiente reproduzido precisa se configurar em um campo viçoso de capacidade para ouvir, refletir e discutir suas compreensões de vida, estreitando pontes entre o conhecimento e o

deles. Como enfatiza Freire: “A partir deste momento, o ‘percebido destacado’ já é objeto da ‘admiração’ dos homens, e, como tal, de sua ação e de seu conhecimento” (FREIRE, 2015, p. 100).

Para dialogar com Freire (2015,) ofereço o pensamento revolucionário de Hannah Arendt (1983), filósofa e pensadora política alemã, denunciou o totalitarismo e as barbaridades perpetradas pelo nazismo, no absurdo do ódio, não perdendo a dimensão quanto ao valor do amor no mundo. Ao versar a importância do amor em sua obra: *A condição humana*, faz-nos despertar para uma admiração do mundo, nos entrelaçando com as possíveis reflexões sobre o *amor mundi* como via para a ética e o espírito revolucionário, fazendo-me discutir a difícil tarefa educativa. “O amor, por exemplo, em contraposição à amizade, morre ou, antes, se extingue assim que é trazido a público” (ARENDDT, 1983, p. 61).

A autora alemã aborda uma compreensão de amizade como *amor mundi*, logo, trata dos fundamentos e princípios da moral num convite a pensarmos teoricamente sobre a ética. Sob a égide dos tempos em que predominava os governos autoritários, de escravidão, prisão, exílio e dos campos de batalha e dos trabalhos forçados, Arendt (1983) indica vias que possibilitam aproximar os indivíduos, mesmo, em meio, a tirania e a ditadura. Nesse cenário torna-se evidente a crise dos valores humanos derrotados pelos próprios governos tirânicos, gerando cada vez mais, o isolamento e a solidão. Ao rebater a maldade e a crueldade que provocando sofrimento e dor, Arendt (1983) anuncia:

O que torna tão difícil suportar a sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos não é este o fator fundamental; antes, é o fato de que o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e de separá-las (ARENDDT, 1983, p. 62).

Nessa obra, a alienação, a sociedade massificada e a necessidade da amizade perpassar pelo amor foram questões amplamente discutidas por Arendt. A amizade como amor mundi começa a ressoar e se traduzir na retirada dos campos de concentração como uma retomada política na redução da violência. Afirma Arendt: O filósofo sempre pode contar com a companhia dos pensamentos, ao passo que as obras não podem ser companhia para ninguém: devem ser esquecidas a partir

do instante em que são praticadas, porque até mesmo a memória delas destrói sua qualidade de bondade (ARENDDT, 1983, p. 86).

Por isso, há em Arendt, sobretudo, um sentido político da responsabilidade e da pluralidade humana, alargando os caminhos que podem ajudar a humanidade a superar o poder destruidor dos homens, capazes de superar o mundo bárbaro que implica em viver bem e escapar do mal-estar produzido pela civilização da crueldade. Estas passagens arendtianas nos remete diretamente para um dos maiores pensadores da complexidade, Edgar Morin (2011) no qual se insere nos conteúdos éticos do pensamento, buscando compreender o quadro teórico-metodológico que subjaz ao obscuro, as barbáries planetárias e ao amor. Assim, diz: “é preciso levar em conta o mito, o afeto, o amor, o arrependimento, que devem ser considerados racionalmente” (MORIN, 2011, p. 56).

O pensamento acima nos apresenta um pensador pluralista, que combina as ciências humanas com a biologia e a física, entre outras disciplinas do conhecimento, para estudar os problemas do mundo contemporâneo, na construção do presente. Morin (2011) mergulha no irracionalismo, na arrogância e destruições profundas de uma cientificidade insustentável para estudar a complexidade da vida. O desenvolvimento ignora o que não é nem calculável nem mensurável, ou seja, a vida, o sofrimento, a alegria, o amor [...] (MORIN, 2011, p. 77).

Em consonância com Arendt (1983), Edgar Morin (2011) nos fala de uma história impiedosa das crueldades, das infelicidades humanas, das catástrofes avassaladoras que promovem as criminalidades e as barbáries, assim, traz uma ascensão ao nazismo, bem como, do sistema rígido da sociedade brutal configurada nas grandezas de horror, exasperando na era planetária em que se vive. Diz o expoente da complexidade:

Acabamos de esboçar o esquema racional e humanista de uma sociedade-mundo, como se ela devesse se formar segundo essa racionalidade e esse humanismo. [...]. Há, sobretudo, a imaturidade dos Estados-nação, das mentes, das consciências, ou seja, no fundo há uma imaturidade da humanidade para se realizar plenamente (MORIN, 2011, p. 77).

Dessa maneira nos direciona aos caminhos instigantes da pluralidade como uma aventura de possibilidades da vida, para fazer refletirmos que o sofrimento e o amor estão sempre presentes em suas concepções. Que os profissionais da EJA suscitam a curiosidade, reflexão e humanismo em suas práticas educativas, religando razão e emoção, ensinando os alunos a ligar as interrogações sobre este mundo e as interrogações sobre nós mesmos. Vale lembrar que, ainda não fomos instigados a refletir profundamente sobre o destino terrestre, uma vez que, somos seres permanentemente inacabados, repletos de temores e desejos. Fica nessa passagem, um dos mais belos ensinamentos de Edgar Morin (2011, p. 155): “A vida só é suportável se ela for introduzida não apenas a utopia, mas a poesia, ou seja, a intensidade, a festa, a alegria, a comunhão, a felicidade e o amor”.

3 Do amor à esperança

Nesse cenário, o destino da humanidade nos coloca diante dos encontros dos desejos que tornam o processo de mundialização menos doloroso e tumultuoso. Aqui, nascem imensas faíscas de esperanças para se fazer uma alusão ao mundo de paz e justiça. O reconhecimento do amor universal, certamente, atenuará as relações interpessoais, uma vez que, se deve criar os laços afetivos de amizade entre homens/mulheres, pais/filhos, transformando-os na perspectiva de sempre fortalecê-los. Pergunta o autor da complexidade: “É possível, então, manter a esperança na desesperança” (MORIN, 2011, p. 93).

Pelo viés do amor as emoções vão se dissipando e contribuindo para criar esperança no indivíduo mesmo em tempos de desesperança. A escuta, a tolerância e o amor, precisam estar na tarefa do ensinar e aprender dos educandos que ocupam o espaço da EJA, logo, o conhecimento não pode ser imediatista, ou seja, selecionar e trabalhar com conteúdo que partem e ficam especificamente somente na realidade próxima dos seus alunos, mas que possam avançar no processo de desenvolvimento e aprendizagem da cultura humana. Visualizando a história de dona Margarida no começo da narrativa, percebe-se o quanto a experiência se fez importante no processo de escolarização de jovens e adultos, a realidade da escola e do contexto social, em

que tanto professores quanto alunos construam significados para a aprendizagem, o que nos permite construir alternativas para lidar com os diferentes níveis de conhecimento e de ritmos de aprendizagem no espaço da aula.

Dirigir o olhar para essa questão é perceber o sujeito que procura o conhecimento na escolarização na EJA como um sujeito inscrito nas práticas da história humana, já que os “Sujeitos socioculturais constituem-se, pois, em suas experiências vividas no mundo da vida, pelas quais se fazem a si mesmos e à história humana. Uma história-práxis de sujeitos que são, ao mesmo tempo, sua própria história” (TEIXEIRA, 1996, p. 183).

Estas reflexões são extremamente relevantes, pois no cotidiano, principalmente da EJA, ressalta-se a importância de uma docência na qual o professor/a acumula os seus saberes e experiências no seu caminhar, contribuindo para a construção de estratégias teórico-metodológicos, potencializando o campo pedagógico, bem como, o campo da pesquisa. Vale refletir acerca das fragilidades que acometem o campo educacional, uma vez que é preciso despertar para uma história de sujeitos plenos de autoestima, necessidades, expectativas e emoções que precisam sustentar tanto no caráter indisciplinar quanto nos aportes da dimensão humana e no fazer educacional.

Através das concepções de Douglas Meslin (2010) em sua obra *Pedagogia da Emoção: Para educadores que educam através do coração* destaca ao estudo da EJA, a importância das emoções nas relações interpessoais em salas de aula, sendo esse tema, ainda tão pouco valorizado e que se mostra fundamental na construção da formação humana e do conhecimento. O livro envolve-nos de maneira fascinante com a premissa de que o processo ensino e aprendizagem não é somente cognitivo, como também, emocional. Sendo necessário, sentir as emoções do cotidiano e da humanidade. “Agir com emoção, para alcançar o coração é uma tentativa de olhar para o aluno como alguém semelhante ao próprio educador, com suas mazelas mal resolvidas e com as potencialidades a serem resolvidas” (MESLIN, 2010, p. 13).

Um trabalho desenvolvido com emoções, permite que os conhecimentos se construam a partir das relações que as pessoas

estabelecem num determinado contexto, essas relações edificam o seu campo de experiência profissional e do desenvolvimento humano, responsável por um melhor desempenho, marcado pela formação de uma cidadania e pelo respeito. “É esse processo que nos identifica como pessoas, seres humanos, mas também nos determina como profissionais vocacionados para uma missão especial” (MESLIN, 2010, p. 13).

Sabe-se que as emoções são imprescindíveis em qualquer relação humana, assim como na relação ensino aprendizagem, ficando impossível separar as origens emocionais mesmo nos momentos de transmissão e produção de conhecimento. Relacionar essas questões as práticas educacionais na EJA é trazer para o ambiente escolar uma convivência agradável entre todos. O professor, neste caso, desempenha um papel fundamental entre o indivíduo e o conhecimento, criando um elo entre a cognição e as emoções. Segundo Meslin (2010, p. 13-14):

Ao ser desafiado a participar desta tarefa, sentimos que precisamos contribuir com toda a nossa capacidade. Essa contribuição se efetivará quando educadores, mais do que reprodutores de um conhecimento pré-elaborado, alcançarem seus alunos com objetividade. Procura ver não apenas mais um à sua frente, mas alguém para ser alcançado com afeto e carinho, alguém com potencialidades a serem descobertas e estimuladas, alguém que possa agir mais com o coração (emoção) do que com teorias frias e restritivas. Que desafio! Mas não é impossível.

É a partir das experiências vividas em meio a um contexto educacional de desesperanças e desamores que professores precisam reorientar seus entendimentos enquanto líder para aproximar-se do outro. Dessa maneira, é preciso perpassar também pelas histórias dos indivíduos, desigualdades sociais e discriminação, em direção às lutas cotidianas, onde o amor precisa estar ancorado na docência, fazendo-os esperar. Volta-se a Freire (2003, p. 10):

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não

ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída.

Freire fornece um valioso suporte aos educadores que atuam na EJA. Muitos dos educandos que vêm às escolas de EJA ainda caracterizados pela desesperança em relação ao sistema social, conseqüentemente, em relação à instituição escolar e ao ensino; tal desesperança é marca deixada pelas fortes desigualdades enfrentadas por esses sujeitos; desse modo, ressaltar o esperar no âmbito escolar é uma tarefa urgente. No final de uma longa entrevista, publicada no Pasquim, em 1978, Freire declarou:

[...] Para mim é imprescindível a afetividade e o amor. Eu tenho aliás, recebido muitas críticas, sobretudo da América Latina, porque eu falo muito de amor e amor segundo essas críticas é um conceito burguês. Em primeiro lugar eu não admitiria que foram os burgueses que inventaram o amor. Eles podem ter a propriedade das fábricas, mas do amor não. O amor é uma dimensão do ser vivo e que ao nível do ser humano alcança uma transcendência espetacular. Nesse sentido é que eu digo que a revolução é um ato de amor (FREIRE, 1978, p. 11).

O amor nesse contexto, nos move a esperança como papel essencial ao reencontro do projeto de vida sobre os educandos da EJA, sendo uma ponte, ligando os sonhos e a realidade. A obra “Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 2003) nos impulsiona a lutar, buscar, alcançar e acreditar. A importância do esperar é um tema que merece destaque na educação atual de Jovens e Adultos, pois se vive numa sociedade do consumo que reflete, na autoestima dos jovens e adultos, permeado por um individualismo originário de um capitalismo dominante. Aqui configuram trabalhadores estudando na maioria das vezes depois de uma jornada árdua de trabalho, em subempregos ou empregos de exploração, o que precisa encontrar ânimo para enfrentar as aulas do ensino noturno.

A presente narrativa busca acenar uma visão crítica, reflexiva e contextualizada do processo democrático na Educação de Jovens e Adultos, para refletir sobre a prática gestora desenvolvida nas instituições de ensino e propor alternativas criativas e flexíveis que buscam a democratização, o amor e o esperar dos alunos na escola.

Dar visibilidade a prática docente, requer passagens que carregam modos de relação com o mundo contemporâneo, para pensamentos sobre as relações complexas que se estabelecem entre as práticas escolares e a cultura local, entrelaçadas em seus múltiplos aspectos da vivência, ao mesmo tempo em que atribui sentido a história de vida que extrapolam limites da sala de aula. Para tanto, o aprender precisa ser valorizado em suas dimensões: emotivas e cognitivas, de modo que as características próprias do sujeito sejam mescladas no processo educativo. Nessa abordagem, o amor desponta como desejo para o processo de humanização.

É preciso, [...] reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (FREIRE, 1996, p. 161).

Como atitude social moderna de uma sociedade notória em crises de afetos e de desesperanças, o processo ensino e aprendizagem urge em empregar e difundir uma concepção educacional em cultivar o conhecimento e o desenvolvimento cognitivo por meio de atitudes e estratégias devidamente embasadas no respeito, diálogo e na existência do amor ao ser humano como elementos primordiais para a formação do homem, passando por essa escola do aprender e do ensinar, a qual venho chamar de vida. O processo de constituição do sujeito não se consolida de modo homogêneo, mas cada pessoa elabora o processo de maneira singular, ainda que esteja vivenciando as mesmas influências do contexto social, o que configura, a subjetividade e a história de cada um.

A afetividade constitui, certamente, um caminho importante das pesquisas em educação, produzindo conhecimento ao mesmo tempo colocando-se em movimento de abertura com os outros para situar-se nos espaços de aproximação das relações humanas. É preciso o reconhecimento das práticas na EJA que atravessam nossos corpos e sentimentos, redesenhando a abordagem científica e os aprendizados que aprendemos a cultivar a partir das experiências vividas. Trabalhar, assim, é praticar sentidos para o amor na EJA.

Neste sentido, as criações voltadas às concepções afetivas compõem outras formas de deslocamento para o interior da pesquisa e do ser humano, uma vez que, se encontra com a legitimidade da escrita, o que faz reconhecer o desdobramento do conhecimento para o nosso tempo. O trabalho do amor nesta obra foi envolvê-los em múltiplas experiências e, assim, inscrever outras vozes, gerar outros textos, criar outros espaços de práticas de sala de aula na EJA. A narrativa se apresentou como um dispositivo formativo capaz de promover importantes reflexões sobre a educação, provocando movimentos de pensar e agir no cotidiano, fazendo das salas de aula, espaços de refinamento do amor e das experiências construídas, como possibilidade de ilustração a inserção desses educandos no contexto educacional, para mudar sua realidade, bem como, potencializando-os como produtores da sua própria história. Sobre o amor, lembro-me do grande poeta Carlos Drummond de Andrade (2011) em seu poema *Os ombros suportam o mundo*:

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de absoluta depuração. Tempo em que ao se diz mais: meu amor. Porque o amor resultou inútil. E os olhos não choram. E as mãos tecem apenas o rude trabalho. E o coração está seco. [...] Chegou um tempo em que não adianta morrer. Chegou um tempo em que a vida é uma ordem. A vida apenas, sem mistificação. (Andrade, 2011, p. 182).

À luz dessas concepções, os intensos problemas que atravessam a nossa vida se tornou um peso sobre nossos ombros. Aqui, estamos procurando um mundo melhor, uma educação que nos salve. A escola em sua essência, deve estar atenta aos aspectos que valorizem o aprendizado, a cultura, afetividade e a história dos alunos colaborando efetivamente para a realização do trabalho na EJA numa dimensão humana, no resgate do amor-próprio, além de enfatizar a importância das relações sociais e afetivas, sempre na busca do amor e da esperança. Como afirma, Freire (2003, p. 18): “Paixão, saudade, tristeza, esperança, desejo, sonhos rasgados, mas não desfeitos, ofensas, saberes acumulados, nas tramas inúmeras vividas, disponibilidade à vida, temores, receios, dúvidas, vontade de viver e de amar. Esperança, sobretudo”.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MESLIN, Douglas. **Pedagogia da emoção: para educadores que educam através do coração**. São Paulo: Atlas, 2010.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade**. Tradução Edgar Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

TEIXEIRA, I. C. Os professores como sujeitos socioculturais. In: DAYRELL, J. T. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

PASSAGENS DE DESAMOR QUE ME LEVARAM AO AMOR

Nilma Costa dos Santos da Silva¹

DOI: 10.46550/978-65-88362-12-9.51-65

1 Os desamores da infância

A janela abre para o pátio de uma escola. Algazarra de recreio. Fica-se a saber que, durante um quarto de século, o autor exerceu o ofício de professor e que, se escolheu aquele apartamento voltado para dois pátios de recreio, foi ao jeito de um ferroviário que vive, após reformar-se, por cima de uma estação de comboios de mercadorias [...]caminhando, solitário, pela bruma das altitudes, falando sobre a sua arte, a língua, o estilo, a estrutura romanesca, as personagens... Novo escritório, desta vez aberto sobre o esplendor alpino (PENNAC, 2008, p. 13).

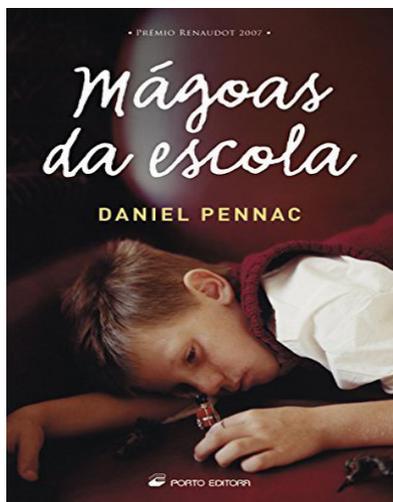
Inspiro-me nas palavras de Pennac (2008) para iniciar esta preciosa escrita que compõem parte de minha existência, abarcando o meu percurso formativo, onde venho denominar de *passagens de desamor que me levaram ao amor*. Tempos marcados pela infância, num regresso ao desencanto com a matemática, de dificuldades referentes à aprendizagem e a implicação do fracasso nessa disciplina com a disseminação do medo e da resistência. A partir dessa análise, trago algumas reflexões para uma possível abordagem na educação que repense o passado sob a luz do presente, ao que parece inevitável.

Em toda minha vida de estudante de ensino fundamental, sempre fui uma aluna rotulada, com muitas limitações de aprendizagem

¹ Graduada em Ciências Exatas com habilitação em Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e em Engenharia Civil pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). Docente da Educação Básica. E-mail: nilmacosta@hotmail.com.br

na referida disciplina o que representou dificuldades, muitas vezes, num disfarce de rebeldia, outrora, de preguiça, mas, por trás desse comportamento, um tenebroso sentimento em lhe lidar com números e operações. Trecho que remete a Daniel Pennac, ao apresentar a obra, *Mágoas da escola* (2008).

Figura 1 - Livro



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Mágoas-Escola-Daniel-Pennac/dp/9720045019>.
Acesso em: 24 jul. /2020.

Esta é uma obra fascinante, capaz de ilustrar uma criança condenada pelo fracasso da escola, podendo ser um adulto com sucesso, neste caso, como professor; o que me fez narrar minha história vivida no contexto da escola, ainda nos tempos de menina. Pelo viés das recordações, o autor discute a pedagogia desenvolvida na área de Matemática e as carências do amor na educação que levam, muitas vezes, a exclusão no processo ensino e aprendizagem. Pennac (2008) vai nos apresentando uma série de acontecimentos que marcaram, profundamente, sua vida na escola, de forma, a ressaltar a importância do tratamento sensível, por parte do professor, onde muitos casos traumáticos oriundos da Matemática foram superados. Assim, diz o autor:

Na minha infância, chegava todos os dias a casa perseguido pela

escola. As minhas cadernetas reflectiam a censura dos professores. Quando não era o pior da turma, era o penúltimo. (Bravo!) Impenetrável à aritmética primeiro, à matemática em seguida, profundamente disortográfico, refractário à memorização das datas e à localização dos pontos geográficos, inapto para a aprendizagem de línguas estrangeiras, considerado preguiçoso (lições não estudadas, deveres por fazer), levava para casa notas lamentáveis que nem a música, uma qualquer actividade desportiva ou extracurricular, de resto, conseguia remediar (PENNAC, 2008, p. 17).

A referida obra, em sua autenticidade, desenha o escritor num panorama geral da educação, desvelando sedução pela leitura e ao mesmo tempo, refletindo as agruras dos tempos de menino ao estudar matemática. Pennac (2008) expressa seus propósitos para uma prática pedagógica ainda insensível no campo da Matemática, longe das alegrias e da subjetividade que atravessam o ser humano, sem nenhuma significação para o viver. Nessa abordagem, o autor de *Mágoas da escola*, deixa evidente as cicatrizes do não aprender e todos os males da incapacidade penetrados em sua existência. No texto o autor, traz à vertente desse aprendiz frágil, com seus insucessos e barreiras fincadas em seu processo de ensino e aprendizagem.

O autor de *Mágoas da escola* me fez reconhecer os incômodos causados pela escola que afetou intensamente a minha infância, me assustou e não deu oportunidade do entendimento real da disciplina, sendo “mal vista” pelos: pais, professores, adultos e, até mesmo, os mais jovens. É assim, e pronto. Naquele contexto, a escola parecia ser o lugar da obrigação e do trabalho; o prazer, a proximidade e a sensibilidade, certamente, não faziam parte do universo escolar. Nos primeiros anos escolares, devido pouca idade, não sentia tanto esse peso com relação a matemática. À medida que fui crescendo, entendendo a cobrança que a disciplina estava tendo na minha vida, certamente, as reflexões particulares passaram a me incomodar. Sentia uma distância naquilo tudo, não conseguia ver sentido, me perguntava para quê aprender esse tanto de assuntos e conceitos, uma vez que, não usaria no cotidiano. Por que isso, tem que ser tão importante? Ficava a me indagar...

Nesses movimentos, misturaram-se dúvidas, certezas,

incertezas, infelicidades e desejos de superação. Assim, encontrava-me num espaço que ensinava o conformismo, a Matemática, por exemplo, tinha a característica de ser muito complexa, de difícil acesso, marcada por dificuldades. Havia um mito muito forte, onde poucos conseguiam êxito, notas boas e sucesso no final do ano. E, foi essa ideia aterrorizante da Matemática que me acompanhou por longos anos! Hoje, tomo como ponto de partida, a reconstrução dessas impossibilidades que se fizeram tão acirradas para refletir o olhar docente que não conseguia enxergar com sensibilidade as carências e limitações dos seus alunos, os quais, se tornavam resistentes às mudanças e aos novos desafios.

Figura 2 - Eu, menina



Fonte: Acervo da autora, 2020.

Volvendo o olhar a minha história, lembro-me que, ao chegar na quarta série dos anos iniciais, hoje quinto ano; a professora na época, chamou minha mãe e disse: ela é tão boazinha! Comportada! Porém, tem uma dificuldade imensa com Matemática. O tempo dela é maior que o dos outros colegas, “tadinha”! Passagem que marcou minha vida profundamente e que, me faz dialogar com Pennac (2008), quando o autor atravessa pelo mesmo sentimento. Logo, comenta:

A verdade é que fui um mau aluno e que a minha mãe nunca se refez completamente desse desgosto. Hoje que a sua consciência

de senhora muito idosa abandona os limites do presente e reflui lentamente para os longínquos arquipélagos da memória, os primeiros recifes que emergem recordam-lhe a inquietação que a devorou durante toda a minha escolaridade (PENNAC, 2008, p. 15).

Em consonância com a experiência do autor, retomo o momento em que a professora me apresentou a minha mãe como coitadinha. Situação que causou um tamanho desespero. Na tentativa de fazer a Matemática “entrar na minha cabeça” e lembrar de conteúdos que se faziam abstratos, abria o forro do travesseiro e colocava a tabuada dentro, por várias vezes, com a intenção de aprender; memoriar, fixar. O pior era ter que dormir com esse papel fazendo barulho na minha cabeça, fora os castigos com as infelizes sabatinas, intermináveis... O saber rigoroso, a precisão quantitativa, a rejeição, o desencantamento, a falta de prazer e de emoção no cenário da matemática fez com que eu perdesse riqueza de compreensão para com os estudos. Recordo-me de Freire (2015) ao versar sobre a *Educação Bancária* como prática de transmissão dos conteúdos, sendo o professor o detentor do saber e o aluno o depósito de conhecimento, no qual o docente, em suas aulas, faz o uso de uma educação opressora. Assim, afirma:

O desespero é uma espécie de silêncio, de recusa do mundo, de fuga. No entanto a desumanização que resulta da “ordem” injusta não deveria ser uma razão da perda da esperança, mas, ao contrário, uma razão de desejar ainda mais, e de procurar sem descanso, restaurar a humanidade esmagada pela injustiça (FREIRE, 2015, p. 114).

A referida passagem freireana fez-me pensar: Será justo uma criança sofrer tantos traumas? E, se recuar o seu mundo de fuga? Não culpo minha mãe pela sua postura imatura, ela não tinha estudo, conhecimento o suficiente para tomar outras atitudes. Não sabia me ensinar; achava que aquilo era o melhor para mim e, um dia, eu ia aprender. Sendo que, tal metodologia, era o que menos importava para mim. Para ilustrar essa reflexão, Freire (2015) aborda a *Educação Bancária*, que se nega ao diálogo e a conscientização, onde perpetua o autoritarismo, logo, trata das situações tiranas entre “oprimidos e opressores”, educador e educando.

Para tanto, não existe um saber acabado e definitivo, mas

construído junto, entre professor e o aluno, já que, o papel docente não deve estar atrelado somente à concepção de ensinar e transferir conhecimento, mas criar condições para sua construção a partir da realidade em que vive o educando, abrangendo as alegrias, o choro, os amores, desamores e, até mesmo o silêncio que imperam no cenário da sala de aula. A palavra Matemática me perseguia constantemente, era realmente o “bicho papão” que afligia e amedrontava qualquer ser humano, um pesadelo literalmente, já que fazia parte do meu travesseiro de dormir. Para Fiorentini (1994, p. 38):

[...] por trás de cada modo de ensinar, esconde-se uma particular concepção de aprendizagem, de ensino e de educação. O modo de ensinar depende também da concepção que o professor tem do saber matemático, das finalidades que atribui ao ensino de matemáticas, da forma como concebe a relação professor-aluno e, além disso, da visão que tem de mundo, de sociedade e de homem.

O referido autor me faz refletir sobre as aulas de matemática na atualidade que são muito diferentes das que experimentamos no passado. E, quando compartilhamos das nossas histórias, a exemplo da minha e do Daniel Pennac (2008), há temas comuns a serem cogitados, discutidos e avaliados na intenção de melhorarmos o processo ensino e aprendizagem. A escola precisa ter um papel decisivo de minimizar defasagens e as abstrações naturais definidas nas aulas de Matemática, levando em consideração o conhecimento que o aluno traz e a quebra de paradigmas, como: “não são bons em matemática”, assim, muitos entram em pânico com testes programados ou, lutam para passar por ela. Essa quebra de paradigmas na educação básica se faz imprescindível, pois a escola é a maior responsável na formação do cidadão consciente, reflexivo e feliz para suprir as necessidades do mundo atual.

O tempo passou, ingressei na quinta série, hoje sexto ano, as dificuldades, certamente, evoluíram. Desde a pré-escola até a oitava série, essa última, hoje denominada de nono ano, estudei numa renomada escola particular da minha cidade, isso teve uma grande significância, porque eu observava a situação financeira dos meus pais que não era confortável. Minha mãe, sempre dizia: *visto chita, mas,*

minha única filha tinha que estudar em uma das melhores escolas. Essa era a herança do conhecimento que eu podia herdar deles. Durante o decorrer do ano letivo escutava frases dos meus pais dizendo: *Estude! Não perca! A escola é cara! Fazemos muitos esforços para você está lá!* E eles tinham toda a razão.

Interpretar tais influências de pensamento ainda são muito fortes e presentes em todo o ‘universo’ escolar e, principalmente, no ensino e na aprendizagem de Matemática, já que a disciplina tem ocupado, formalmente e informalmente, uma posição de destaque nos currículos escolares e na vida social das pessoas. Lembra Pennac (2008, p. 17):

Eu não compreendia. Esta incapacidade de compreender remontava tão longe na minha infância que os meus familiares criaram uma lenda para datar a sua origem: a aprendizagem do alfabeto. Sempre ouvi dizer que precisei de um ano inteiro para aprender a letra a. A letra a, num ano. O deserto da minha ignorância começava antes do intransponível.

Muitos estudantes, em algum momento de suas vidas, tiveram alguma experiência negativa ou, com um professor que apresentava uma didática inadequada; uma nota baixa ou até mesmo uma reprovação nesta disciplina, deixando-o com sua autoestima baixa. Diante disso, algumas questões são colocadas nessa narrativa: Por que os jovens têm tantas dificuldades em lidar com a Matemática nas escolas? Por que aprender Matemática se constitui um problema? Por que os alunos dizem que têm “traumas” com a Matemática?

2 Dos traumas ao amor da Matemática

Regressando à vida escolar, agora, em pleno fundamental II, meu pesadelo duplicou, pois, era Matemática e Geometria que me agonizavam. Todo ano era a mesma história: notas baixas, vermelhas no boletim e sempre a mesma opinião de professores e coordenadores: *Ela tem muita dificuldade, precisa de ajuda, coloca na banca*. Apesar de todo ano ter o mesmo parecer, fazia banca, estudava dobrado e conseguia depois da recuperação, ser aprovada. Fui reprovada na disciplina de Geometria no nono ano, antiga oitava série. Não conseguia entender

porque, mesmo tão esforçada, isso aconteceu. Foi um final de ano triste, me senti tão humilhada, frustrada, decepcionada, inferior, “burra”, mesmo com todas as apostas de sucesso dos meus pais, pareciam acabar ali. Escutei todos sermões da família, chorei muito, fiquei com trauma até de passar pela porta daquela escola que deixou minha “autoestima no chão”. Como é possível superar o trauma de Matemática e até mesmo passar a gostar da matéria?

No ano seguinte é claro, fui parar na escola pública, porém eu não sabia que ali iria se dar uma nova história, completamente diferente de tudo que já tinha vivido. Tive que repetir o ano letivo, já que, depois não se tornou uma perda, mas sim um ganho, uma vitória muito importante do que tudo, havia acontecido. Nessa escola eu conheci uma professora fascinante da Matemática, hoje professora do Ensino Superior. Tal professora, marcou a minha vida, mudou a história, foi com ela que conheci uma nova matemática. Uma disciplina de forma prazerosa de aprender. Naquele ano o trauma virou amor. Ah! Como virou! Foi um ano de sucesso! Elogios e aprovações! Sem sombra de dúvidas...

No âmago da loucura, o delírio assume um novo sentido. Até então, ele se definia inteiramente no espaço do erro: ilusão, falsa crença, opinião mal fundamentada, porém, obstinadamente mantida, ele envolvia tudo aquilo que um pensamento pode produzir quando não mais se coloca no domínio da verdade. Agora, o delírio é o lugar de um eterno e instantâneo confronto entre a necessidade e o fascínio, a solidão do ser e o cintilar da aparência, a plenitude imediata e o não-ser da ilusão. Nada é despido de seu velho parentesco com o sonho, mas alteou-se a face dessa semelhança; o delírio não é mais a manifestação do que existe de mais subjetivo no sonho.... Se ainda mantém parentescos com o sonho, é por tudo aquilo que, no sonho, é jogo da aparência luminosa e da surda realidade, insistências das necessidades e servidão das fascinações, por tudo aquilo que nele é diálogo sem linguagem do dia e da luz. Sonho e delírio não mais se comunicam na noite da cegueira, mas nessa claridade na qual o que há de mais imediato no ser enfrenta o que há indefinidamente refletido nas miragens da aparência. É esse trágico que delírio e sonho recobrem e manifestam ao mesmo tempo na retórica ininterrupta de sua ironia (FOCAULT, 1999, p. 347).

Partindo do pensamento de Michel Foucault (1999) fui levada a acreditar que o fracasso vivenciado, me classificou como sujeitos melhores ou piores, limitando-me por muitas vezes, ao potencial da sala de aula, na hora de corresponder às necessidades. É preciso, portanto, assumir que fé e amor para uma condição na teoria e, no sentido filosófico mais radical, trazem contribuições importantes para o desenvolvimento de novas orientações éticas fundamentadas na Matemática. É preciso que muitas revisões históricas sejam reproduzidas para que possamos criar possibilidades que se imbriquem no contexto educacional. Devemos deter uma teoria que produza uma análise da cultura que vem subordinar à sua lógica, mas, que nos eleve como seres racionais e emocionais; críticos, científicos e criativos no sentido de existir.

Ao ir para o ensino médio meu desejo era fazer naquela época o chamado científico, já que pensava em me preparar para a academia e, mais uma vez minha mãe foi sábia e incisiva: *Você vai fazer magistério para ter uma profissão! Para que esse tal de científico?* Não tenho condições de lhe mandar estudar fora. Está decidido! Vai fazer magistério! Uma profissão bonita e não fica desempregada! E eu me perguntava: Meu Deus! O que vou fazer estudando magistério? Ser professora? Mas não tinha o que fazer, ela determinou que teria que cursar o magistério. Muito obediente, apesar de questionadora, fiz então, o magistério, esse tão desejado pela minha mãe. Confesso que não era meu sonho, mas durante o curso gostei. Me formei no ano de 1993, prestei vestibular, advinha para quê? Ciências Exatas com habilitação em Matemática, naquela época a universidade da minha cidade só tinha os cursos de: Letras, História, Geografia, Administração, Agronomia e Matemática. E, diga-se de passagem! Como o mundo dá voltas! Dos traumas encontrei o amor na Matemática.

A minha paixão pela matemática só fazia aumentar, era avassaladora, logo, cursei o primeiro semestre em Licenciatura de Matemática no ano (1994), quando chegou no segundo semestre, fui surpreendida mais uma vez, a minha professora amável e, eternamente, admirável, que tornou meu trauma em amor, estava de volta. Imagina a minha felicidade e a dela.... Durante os quatro anos de graduação, não foram fáceis, passei por caminhos tortuosos e a cada dia, colegas

iam se perdendo no meio das veredas e, outros colegas, até desistiam do curso; eu, que era vista como fracassada da escola privada, estava na Universidade firme e forte, como diz o dito popular. Na academia era uma aluna exemplar, dedicada, estudiosa, só tirava excelentes notas. Agora, sim! Tenho um histórico perfeito. “Tenho um sonho. Não um sonho infantil, um sonho actual, enquanto escrevo este livro” (PENNAC, 2008, p. 27).

A graduação foi concluída no tempo certo, após quatro anos, sem nenhum prejuízo. Em 1998 colei grau em Licenciatura Matemática, resultado de muitos esforços, lutas, superações, alegrias e sonhos. Da minha turma inicial, de 40 alunos, apenas 14 formaram, ali, estava entre os formandos, enchendo meus pais e meus parentes de orgulho, pois, era a primeira da família a ter concluído uma Universidade. No mesmo ano de 1998 comecei a dar aula em uma escola particular e prestei concurso para o município onde fui aprovada nos primeiros lugares. Em 1999 iniciei dando aulas como professora concursada, daí em diante, novas histórias para contar... A vivência me fez notar que, a academia infelizmente não nos prepara para uma pedagogia centrada no amor e no diálogo como anuncia Paulo Freire (2015).

O ensino ainda, é muito conteudista, tecnicista, na verdade saímos despreparados para a prática, sem um olhar fundante para o amor. O professor em início de carreira se acha posseiro de conhecimento, principalmente os de matemática que precisam manter a sua “fama de mal”, daquele professor que reprova. Para Freire, a “educação é um ato de amor”, sentimento que faz, com que homens e mulheres se reconheçam como seres humanos inacabados, em constante processo de busca pelo conhecimento, dispostos a aprender sempre, sendo que, quando: “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda” (FREIRE, 2015, p. 110).

A relação pedagógica da Matemática com o ensino de sala de aula, precisa perpassar necessariamente pela amorosidade e pela dialogicidade como afirma Freire (2015) oportunizando a prática de ensinar como processo de liberdade e humanização, recuperando o sentido de educar num mundo em que a autoridade, o rigor, opressão,

intolerância e o autoritarismo, ainda estão presentes no cenário educacional. A construção desta nova compreensão, prima por uma convivência saudável e mais feliz, buscando a beleza nas relações dos estudos com a Matemática e consigo mesmo. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2015, p. 108).

A maternidade muito me ensinou e, com ela, acendeu novas reflexões para as práticas pedagógicas. Comecei a mudar o meu íntimo, as subjetividades que carregamos ao longo da vida, deixando de ser apenas professora, mas, passando a ser um ser humano que se preocupa com as relações pessoais entre professor e aluno. Passei a perceber que para a aprendizagem acontecer, primeiro ela tem que sair do coração, conquistar seu aluno, valorizar, amar o que você sabe e transmitir, acima de qualquer coisa, entendi que, para aprender o professor precisa encantar seu aluno, assim como aconteceu comigo com aquela professora. Se bem soubessem, os professores de Matemática usariam do encantamento para aprendizagem acontecer e, com certeza, teríamos alunos mais felizes com a referida disciplina, com menos dificuldades e sem rótulos. Passagem que me faz apresentar Nogueira (2013) quando a autora trata do reencantar e do reinventar que inaugura uma linguagem que seduz a emoção, histórias e encanamentos para a construção de novas formas de existência na educação.

No percurso de suas narrativas, Nogueira (2013), nos faz desconstruir os conceitos que recebemos como prontos e acabados para formar professores em uma sociedade globalizada, num exercício permanente de leitura e da abertura para as novas abordagens e pensamentos distantes dos modelos paradigmáticos, de modo a revermos valores e visões de mundo. Assim, comenta: “Com quantas fórmulas significamos e aprisionamos os outros e a nós mesmos a partir daquilo que a escola classifica como certo/errado, falso/verdadeiro, bom/ruim?” (NOGUEIRA, 2013, p. 35).

3 Pelos caminhos fundantes do amor

Depois de muitos anos em sala de aula, colho hoje, os

frutos dessa relação de amor que plantei no passado com meus alunos, apresentando boas ações na Matemática. São tantos relatos, testemunhos, depoimentos que passaram por minha vida; que fizeram edificar meu campo educativo e afetivo. Nessa abordagem, utilizarei de três acontecimentos que mais marcaram o percurso profissional. Nesta narrativa, o discurso mostrou-se criativo e, ao mesmo tempo, saudoso, fazendo circular na pesquisa lugares de histórias e memórias, desafios e reconstruções no processo ensino e aprendizagem, numa aproximação entre a prática e teoria. Anuncia Laurence Bardin: “Por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar” (BARDIN, 1977, p. 14).

Abordarei depoimentos de três alunos como categoria de análise para refletirmos práticas docentes, capazes de produzir saberes, novas abordagens e valores para o contexto da educação em Matemática. Vale ressaltar que, os participantes da pesquisa foram previamente comunicados e esclarecidos sobre o trabalho em questão, sendo, posteriormente, solicitado as assinaturas do termo de consentimento e livre esclarecido (TCLE). Por questões éticas, seus nomes serão substituídos por denominações fictícias, como: Palhaço da Matemática, Esperança da Matemática e Pérola da Matemática.

4 Alegria da Matemática

Ano passado, no dia das crianças, estava num clube, com minha filha e se aproximou um palhaço, dizendo assim, para a minha pequena: Sabia que sua mãe foi minha professora de matemática? E que eu nunca esqueci dela? Então, perguntei: quem é você? Ele falou: sou alegria, lembra? Aquele palhaço que te pirraçava, mas, também te descontraia. Fazia palhaçadas e atrapalhava suas aulas. É professora.... Eu era literalmente um palhaço alegria, apesar de atrapalhar eu aprendi muito com você. Porque era exigente, mais tinha uma forma diferente de ensinar, tenho muito a lhe agradecer seus ensinamentos.

Disse a ele: como te esquecer, apesar de brincalhão e de realmente atrapalhar as aulas. Não costumo esquecer até enquanto tiver memória de alunos que passaram pela minha trajetória. Por onde andas professora? Eu falei que estava em uma coordenação na

Secretaria de Educação. E ele disse: Então somos colegas, também trabalho pelo município nas escolas com teatro. Fiquei muito emocionada com a caminhada desse aluno. “O discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso comporta de contradições, de incoerências, de imperfeições” (BARDIN, 1977, p. 170).

5 Esperança da Matemática

No segundo caso, uma mulher me passa uma mensagem, particular, na rede social e pergunta se já lecionei em uma certa escola pública e, se era professora de Matemática. Respondi que sim. Ela se identificou como *Esperança da Matemática*, dizendo que já me procurava a algum tempo nas redes sociais. E me falou: Professora, sou aquela aluna que engravidou aos quatorze anos e que você foi um anjo naquele momento mais difícil da minha vida. Te procurava porque precisava lhe agradecer; dizer o quanto você foi importante para mim. Só Deus para lhe recompensar. Sabe o que eu fiz por essa aluna? Ofereci acolhimento, amor, compreensão, gestos simples, que fazem a diferença na vida do outro e transcende ao ato de ensinar e aprender. Chorei muito com essa história, mas a cada dia, sinto que estou no caminho certo. Na vida não só ensinamos regras e conceitos, mas, aprendemos também, com os nossos alunos. “Por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar” (BARDIN, 1977, p. 14).

6 Pérola da Matemática

Tive um aluno durante quatro anos, esse marcou muito, pois, ele também foi rotulado e desacreditado pela escola privada. Dos quatros anos em que fui sua professora, *Pérola da Matemática* foi três vezes medalha de ouro nas Olimpíadas de Matemática, fui com ele receber premiação na câmara de vereadores, e logo, foi para o Rio de Janeiro receber a premiação oficial. Será que foi fácil ser professora daquele menino? Ele simplesmente lia o tempo inteiro durante as aulas e quando levantava as vistas para o quadro já era com a resposta, com seu raciocínio muito rápido, já que criava seus próprios caminhos.

Não era fácil lidar com tanta inteligência diante dos demais, porque eu e, toda classe perguntava como que ele embriagado na leitura de livros enormes conseguia num “passe de mágicas” encontrar a resposta de um problema que a turma ainda estava num processo de construção do raciocínio. Essa *Pérola da Matemática*, também, foi desacreditada pela rede privada. Ele descobriu na escola pública a felicidade e a liberdade que não conseguiu encontrar em outros espaços. “Isto é particularmente evidente nas entrevistas em que a produção é ao mesmo tempo espontânea e constrangida pela situação” (BARDIN, 1977, p. 170).

7 Eterna apaixonada da Matemática

E a paixão pela área das exatas continuou tomando conta do meu curso de vida profissional. Depois de muitos anos, diante de uma situação familiar, resolvi voltar a estudar, ir para academia novamente, atualizar os conhecimentos. Em 2013 entrei para o curso de Engenharia Civil, outra história de sucesso, pois trazia uma bagagem de uma professora de matemática isso me ajudou muito. Engenharia é um curso para quem realmente ama as exatas, pois é fundamentado na Física e na Matemática. Passei um tempo sem muito me identificar com as aulas práticas; mas, as disciplinas próprias da área, me envolveram e fui amando essa segunda profissão. Hoje atuo nas duas áreas, sou feliz profissionalmente. Dedico-me em tudo que me proponho a fazer, minha trajetória serviu como reflexão para nós professores da área de Matemática e Geometria, bem como, a olharmos de perto a vida que traz cada um dos nossos alunos.

Vamos amar mais, acolher e rotular menos, fazer das nossas práticas pedagógicas algo prazeroso para o nosso aluno, fazer a diferença e levá-los a ter esperança de um futuro melhor; com histórias de sucessos, como, por exemplo, a minha e a de Pennac (2008). A educação é um tripé que deve ser baseada no amor, acolhimento, conhecimento e a aprendizagem acontece, como consequência dessa composição.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1977.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FIORENTINI, Dario. **Rumos da Pesquisa Brasileira em Educação Matemática**: o caso da produção científica em cursos de Pós-Graduação. Campinas, FE/UNICAMP. (Tese Doutorado em Metodologia de Ensino), 1994.

FOCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

NOGUEIRA, Silvia Chaves. **Reencantar a ciência, reinventar a docência**. São Paulo: Editora, 2013.

PENAC, Daniel. **Mágoas da escola**. Tradução de Isabel St. Aubyn. Porto Editora.: Lisboa, 2008.

DA POÉTICA A UTOPIA: DESBRAVANDO O AMOR EM PAULO FREIRE NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Guacyra Costa Santos¹
Iranildo Freire Oliveira²
Rivaldo Vicente da Silva³

DOI: 10.46550/978-65-88362-12-9.67-80

1 Caminhos trilhados

Os caminhos trilhados pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos últimos anos, tem sido marcado pelas lutas e esforços, o que nos permitiu desbravar o pensamento utópico em Paulo Freire (1992) que intenciona justificar a tarefa de mudança social e interna dos indivíduos. Pelo viés poético, a narrativa constituirá de recortes do pensamento do autor freireano, onde buscaremos⁴ analisar fragmentos extraídos de suas obras que exprimem a utopia, enquanto, aspecto valoroso e fundamental para a educação centrada na essência humana; sendo tais fatores, um dos mais ricos e importantes legados deixados pelo autor para a sociedade dos nossos dias.

Nosso interesse por estudar a poética em Freire é impressionar a EJA através da capacidade maravilhosa de entender o mundo,

-
- 1 Mestre pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente da Educação Básica. E-mail: guacyracosta22@hotmail.com
 - 2 Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). (1995). Pós-Graduado em Ciências Sociais: História e Geografia do Brasil (Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral (1998). E-mail: irage.freire@gmail.com
 - 3 Engenheiro Agrônomo, graduado em Educação Física. E-mail: rivaldovicente@hotmail.com
 - 4 Justificamos o uso da primeira pessoa do plural no corpo do trabalho, devido ao fato de abordarmos nossas vivências enquanto educadores.

os sentimentos que trazemos ao longo da vida e a história que nos acompanham, bem como, suas implicações em sala de aula (compreensão e produção por parte dos alunos), que surge através de observações feitas ao longo experiência docente. O presente estudo nos mobilizou a sentirmos a necessidade de encontrar formas de nos aproximarmos dos educandos da EJA e conhecer melhor sua realidade. Nessa perspectiva, traduzimos uma riqueza de pensamentos do “patrono da educação” como fonte de investigação, produção científica e cultural, ao pensarmos no papel do profissional docente, como espaço dinâmico, criativo e sensível.

Cheguei ao Chile de corpo inteiro. Paixão, saudade, tristeza, esperança, desejo, sonhos rasgados, mas não desfeitos, ofensas, saberes acumulados, as tramas inúmeras vividas, disponibilidade à vida, temores, receios, dúvidas, vontade de viver e de amar. Esperança, sobretudo (FREIRE, 1992, p. 35).

Uma vez entendida como ato comunicativo e instigador, a poética em Freire assume uma análise sobre a nossa criação de entendimento do mundo, abordando concepções em suas várias nuances encontradas por aqueles que lidam na missão de refletir sobre um assunto indecifrável e fascinante como a poética ao olhar na EJA. Essa complexidade se deve, em parte, ao carácter intrincado em Paulo Freire (1992) ao considerar a educação como uma realidade vivida, muitas vezes, de paixões, desejos e sabres acumulados, como anuncia o autor, no fragmento acima, tornando-se fundamento imprescindível no processo educativo aos diferentes contextos em que os educandos estão inseridos. Certamente, a poesia contribuirá para uma reflexão crítica e restauradora do indivíduo em sua essência e do contexto social, já que o caminho educacional deve ser de liberdade, afeição e inteligência no combate aos embates bélicos.

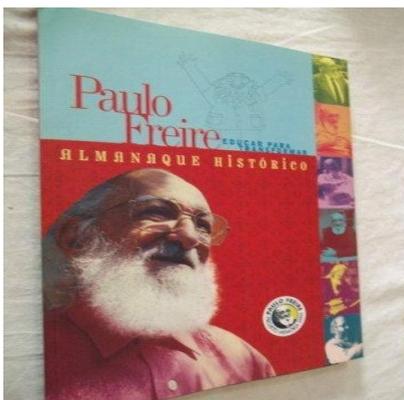
2 Cultivando a poética na EJA

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e prender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (FREIRE, 1996, p. 160).

Por considerarmos a importância de uma educação poética,

construtora, reflexiva e bonita do ser humano; o educar em Freire (1992) nos ensina a humanizar, transformar com alegria e valorizar o processo de mudança dos sujeitos, uma vez que, nos faz elaborar um pensamento entre a história e a poesia com delicadeza e leveza, para um cenário, que às vezes se faz tão triste e angustiante. E, nesse sentido, a educação precisa promover a dignidade e esperanças no contexto da EJA. De acordo Vale; Jorge e Beneditte (2005, p.22) em sua obra *Paulo Freire educar para transformar: Almanaque histórico*, os autores ressaltam o gosto de Freire pela música, artes, poesias e, tudo que expressa beleza: “Freire adorava passarinhos. Adorava a palavra certa, verdadeira, sensível: a que toca e canta. Adorava música brasileira, música popular brasileira, música nordestina. Música... Gostava de música, poesia, literatura, das artes todas”.

Figura 1 - Almanaque



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=almanaque+paulo+freire>. Acesso em: 18 agos. 2020.

Conta Freire que queria ser cantor, viver de música, sair cantando para as gentes e com elas. De certa forma, Paulo Freire é mesmo um cantor. Melhor, um cantador da palavra criada, intencionada e cultivada desde o povo, do contexto social, brasileiro ou universal, como o são Guimarães Rosa, Chico Buarque, Augusto Boal, Thiago de Mello, Jorge Amado, Geraldo Vandré, Gilberto Gil, Patativa do Assaré, Ariano Suassuna, Henfil, dentre outros tantos, por ele admirados. E canta a música da luta. Queria ser lembrado por isso. Canta a esperança. Canta, com amor ardente,

a autonomia, a libertação, a justiça social, o diálogo e a criação, na educação e na vida (VALE; JORGE; BENEDITTE, 2005, p. 1).

É com este fragmento que se tem o início da leitura. O almanaque versa a vida de Paulo Freire, lembrando suas incontáveis publicações, contribuindo com o estudo do cordel, das artes, ciências, história e meio ambiente, com belíssimas referências poéticas e literárias do autor, o que nos move a praticar a beleza do ensinar. Ancorados nessa literatura diversa, passamos a melhor compreender esta época difícil de ensinar, com suas dores, misérias e limitações; mas, com o objetivo de reacendermos esse cenário educacional fragilizado e carente, almejando um possível desdobramento do imaginário, que certamente, nos levará ao sonho de mudança social, uma vez que, a potência negativa da crise produziu desesperança, bem como, ignorância, tornando-nos alienados da ideologia abstrata e sem sentidos para o nosso viver. A realidade, contudo, é muitas vezes bem diferente do sonho. Como anuncia Gadotti (2003, p. 12):

A realidade, contudo, é muitas vezes bem diferente do sonho. Muitos de meus alunos e alunas, seja na Pedagogia, seja na Licenciatura, não pensam em se dedicar às salas de aula. Muitos revelam desinteresse em seguir a carreira do magistério, mesmo estando num curso de formação de professores. Pesam muito nessa decisão as condições concretas do exercício da profissão.

No tocante a poesia, acreditamos ser o instrumento criativo, capaz de aproximar linguagens e experiências relevantes para compreendermos conteúdos, disciplinas que, ainda se fazem tão arbitrarias no contexto educacional da EJA e distantes da realidade do educando. É por essa via da poética que precisamos cultivar o diálogo e os vínculos de afetividade para com os nossos alunos, promovendo a motivação e o interesse em sala de aula. Dessa maneira, diz o filósofo francês Morin (2010, p. 45):

A poesia, que faz parte da literatura, é, ao mesmo tempo, mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente sujeitos à utilidade e a funcionalidade, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos opõe em comunicação com o mistério, que está além do dizível.

Por meio da poética descobrimos a vivência do belo e do surpreender para a vida; os contos e abordagens realizados pelos professores de maneira significativa, certamente, conseguirão ajudar os alunos a superarem suas dificuldades, descobrirem suas potencialidades e a melhorarem a sua autoestima por meio dos múltiplos exercícios em sala de aula. A imaginação nos faz reconstruir o pensamento do binômio razão-emoção e, todo o processo de ensino e aprendizagem voltado a realidade que estamos inseridos. Como nos faz lembrar Freire (1995) ao tratar da leitura de mundo, importante para o processo de alfabetização em posição frente aos problemas sociais. *A sombra desta mangueira* é uma obra que nos faz refletir um lugar de aprendizagem, de sensibilidades e amor para com as nossas origens, bem como, o pensar na transformação do homem, enquanto *Educação Libertadora*. Quando sentado embaixo de árvores em sua casa no Recife, estudou, conversou com o irmão, fazendo descobertas a partir das suas primeiras leituras de mundo e da palavra, exprimindo uma poética para o nosso viver na EJA.

Meu primeiro mundo foi o quintal de casa, com suas mangueiras, cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, jaqueiras e barrigudeiras. Árvores, cheiros, frutas, que, atraindo passarinhos vários, a eles se davam como espaço para seus cantares (FREIRE, 1995, p. 24).

Essa é uma das mais belas obras de Freire (1995) que nos faz regressar a saudosa infância e a revisitar as mangueiras, cajueiros e jaqueiras que habitaram o fundo dos nossos quintais e, até mesmo, a sentirmos o cheiro das árvores e frutas, tão importantes para uma compreensão política e formação do cidadão, numa construção mental que apresenta um mundo diferente onde se efetiva a felicidade humana. À sombra desta mangueira, revela o amor de Freire por sua terra (cidade, seu estado e país), um amor que faça enxergar as dificuldades, as desigualdades, a complexidade da nossa sociedade; a miséria, a fome do povo. Mesmo com seu amor ele sabia que havia muito a ser transformado e, não só sonhava, intensamente, como lutava por essa transformação, acreditando sempre no sonho e na utopia. Corroborando, Vale, Jorge e Beneditte (2005), comentam:

Sim, toda a *boniteza* era bem-vinda, fosse seu criador artista

consagrado ou anônimo, da cultura popular ou erudita, fosse boniteza de uma obra exposta num museu, numa feira de artesanato ou a expressa por um gesto, por uma maneira especial de ser homem, mulher ou grupo, quando as pessoas se colocam, relacionam-se umas com as outras (VALE; JORGE; BENEDITTE, 2005, p. 22).

Passagem que nos leva as concepções filosóficas de Gadotti (2003) quando o autor nos apresenta *Boniteza de um Sonho: ensinar e aprender com sentido*. Inspirado nos princípios freireano, Gadotti (2003) busca pensar num mundo educacional de amor, capaz de superar as crises, adversidades e dificuldades que encontramos no caminho da carreira docente, fazendo-nos sonhar com um futuro melhor. “Aprender com emoção, ensinar com alegria”, é o tema chave que faz Gadotti (2003) abrir o quinto capítulo do livro, ressaltando os sentimentos de forma a contribuir com a integração das pessoas que fazem parte da nossa história e da evolução humana, tornando o ato de ensinar uma prática bonita em consonância com a realidade do educando.

A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade; depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar (GADOTTI, 2003, p.11).

A presente narrativa desabrochou do universo de trabalhos na sala de aula que promoveram reflexões acerca das práticas poéticas que se fazem bonitas e sensíveis destinadas à EJA, que se vale da vida como meio para repensar a atual realidade desse ensino. Discutir boniteza com alunos da EJA é acima de tudo sair dos “conceitos concretos” e lançar-se na subjetividade repleta de significações. Não que seja irrelevante dialogar sobre “conceitos concretos”, porém, precisamos caminhar para um ensino cada vez mais pensante, sensível e forte na vida das pessoas, assim, como nos ensinou Freire (1995). Travessia que nos faz lembrar Gadotti (2003) quando o autor versa: “Hoje vale tudo para aprender” (GADOTTI, 2003, p.12).

De acordo com Vale; Jorge e Beneditte, (2005, p. 21), “o poeta popular é um representante do povo, o repórter dos acontecimentos da vida do Nordeste do Brasil”. Ele divulga fatos reais e de ficção por

meio de livretos de cordel ou do repente, um tipo de poesia cantada e improvisada. Essa tradição é de origem europeia e o nome da publicação, cordel, vem da maneira como este é vendido: dependurado em cordéis em feiras, praças e bancas de jornal. O povo, no entanto, chama-o simplesmente de folheto.

No almanaque histórico: *Paulo Freire educar para transformar*, aprendemos de todas as formas, seja através da literatura, da poética, do cordel, das histórias, curiosidades e, todas as mais interessantes maneiras que nos move a aprender. Vale; Jorge e Beneditte (2005, p. 21) relembram Francisco Ciro Fernandes, para expressar o cordel em homenagem a Paulo Freire. Destacamos que, a poesia nesse enredo, traduz manifestações literárias sobre os nossos costumes regionais e enquanto aprendizagem, desenvolve a capacidade de criar conceitos de diálogo entre as teorias de linguagem, comunicação e vivência de um povo. São representações da cultura oral que transcendem as fronteiras da regionalidade nordestina levando a consciência e essência do povo brasileiro. Nesse momento, Francisco Ciro Fernandes, nos leva a cantar o cordel sob à luz em Paulo Freire:

Vou falar de uma vida
Com muita satisfação
Nesse verso pé quebrado
Mas que é de coração
Da vida de Paulo Freire
Na alfabetização
Quero homenagear
Este ilustre cavalheiro
Que veio revolucionar
Nosso ensino inteiro
Fazendo a gente ficar
Um pouco mais brasileiro

(FERNANDES *apud* VALE; JORGE; BENEDITTE, 2005, p. 21).

Nesse contexto, o professor é muito mais que um mediador do conhecimento, pois, tem a missão de construir e reconstruir o conhecimento a partir do que faz. Para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o processo ensino e aprendizagem, apontando novos

sentidos para a vida dos seus alunos em meio a sala de aula. É preciso despertar outros modos de pensar o ensino da EJA, a partir de uma visão poética e literária, sendo fundamental, ao pensamento “mágico” e a criatividade, nos conduzindo ao entendimento dos fenômenos na sua pluralidade e das novas formas de pensar a educação da EJA. Num regresso a Edgar Morin (2010), interligamos os conhecimentos de várias áreas; como a história, a ciência, artes e poesia, combatendo o reducionismo, o modelo linear do conhecimento científico; o que nos ajuda a amar e a vivermos poeticamente para a educação, considerando que, o amor está sendo esvaziado em sua plenitude, não somente nas salas de aula, como na vida. Por isso, é indispensável um caminho que faz necessário recompor esse amor, acompanhando os esforços dos nossos alunos e retomando as alegrias e esperanças, para que possamos viver mais felizes.

3 Desbravando o amor em Paulo Freire

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou esquerda. [...] Sou professor a favor da luta constante contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura (FREIRE, 1996, p. 115).

Certamente, nesse fragmento “o amor falou mais alto”. Ele não só está presente nas escritas de Paulo Freire, quanto nas suas palavras e na maneira forte de expressar a vida. O cuidado com a profissão docente, a preocupação com os oprimidos, são algumas das atitudes que revelam amor para com a existência humana e a importância dessa temática na EJA. Ser professor em meio à pobreza, a violência e as limitações é, também, fazer a diferença que exige muito nós e das nossas buscas constantes. É importante que o professor perceba seus alunos enquanto protagonistas de um palco sofrido, de trajetórias de vidas tristonhas, mas, de riquíssimas experiências vivenciadas.

Para atender as necessidades de aprendizagem dos alunos da EJA, é que volvemos o nosso olhar a metodologias atraentes e interessantes a uma poética literária, na perspectiva de melhor compreensão do contexto em que estão inseridos, muitas vezes, de profundas barbáries.

Nesse caminho, torna-se essencial conhecermos esses alunos, com seus sofrimentos, lutas, dores, opiniões e sonhos, com o objetivo de estimulá-los e trabalharmos a favor de uma alfabetização justa e consciente para a vida, o que torna a aprendizagem, cada vez mais, gratificante e amorosa, já que vivemos sempre em busca de sentidos.

O amor precisa ser cultivado, especialmente, nas instituições que trabalham com educação EJA, haja vista que, a escola carece de fortalecer as relações humanas exercendo o papel de incentivador, contribuindo para processo ensino-aprendizagem. Freire (2015) anuncia o educar como um ato de troca, de vida; o caminho que nos direciona ao encontro da felicidade, já que, para sermos docentes para a vida precisamos exercer ofício de plantar, regar e colher os frutos. O grande desafio da sociedade contemporânea está aí: em educar para a humanidade! Pelo conhecimento a liberdade em Paulo Freire, ao desenvolvimento dos povos em favor a humanização. Como lições apreendidas procuramos abraçar a preciosa abordagem educacional desses educandos na tentativa de alcançarmos o necessário amor em Paulo Freire (2015), buscando uma atuação junto a condição sociocultural desse público em questão; frente as experiências didático-pedagógicas, importantes à formação da cidadania, já que trazem em seu íntimo, histórias de vidas e lutas marcadas pelas desigualdades sociais. Freire (2015) deixa em nossas lembranças:

Mas, ao se descrer do povo, ao temê-lo, a revolução perde a sua razão de ser. É que ela nem pode ser feita para o povo pela liderança, nem *por* ele, *para* ela, mas por *ambos*, numa solidariedade que não pode ser quebrada. E esta solidariedade somente nasce no testemunho que a liderança dá a ele, no encontro humilde, amoroso e corajoso com ele. Nem todos temos a coragem deste encontro e nos enrijecemos no desencontro, no qual transformamos os outros em puros objetos. E, ao assim procedermos, nos tornamos necrófilos, em lugar de biófilos. Matamos a vida, em lugar de alimentarmos a vida. Em lugar de buscá-la, corremos dela. Matar a vida, freá-la, com a redução dos homens a puras coisas, aliená-los, mistificá-los, violentá-los são o próprio dos opressores (FREIRE, 2015, p. 174).

Trabalhar com educação de jovens e adultos, traz um sentido vivo e especial, pois o amor precisa ser uma ferramenta primordial

engajada na luta de humanizar, conscientizar, haja vista que, o vínculo afetivo construído ao longo do processo com os estudantes, torna suas histórias menos sofridas e doloridas, já que um dia receberam uma educação bancária, autoritária, que não respeitava uma transferência mútua de conhecimentos, entre professor e aluno. Graças a postura reflexiva e as atitudes para com os tons de justiça social e humana, que Paulo Freire (2015), censurou tal questão, dos opressores e oprimidos, em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, que retrata justamente a opressão desses estudantes, bem como, em todo o sistema educativo, dialogando sobre a importância do professor, transmitir o conhecimento e respeitar seus alunos longe de qualquer preconceito existente, levando estes indivíduos mais interessados em alcançar os seus objetivos.

Nossa discussão evolui cada vez mais, ao nos aproximamos dos deveres docentes e de cidadão, na tentativa de acabarmos com o analfabetismo e a opressão nas instituições, além de mostrar que sozinhos, pouco, podemos fazer, para mudarmos um cenário que ainda se faz excludente nos dias atuais. Neste momento, não podemos construir um mundo onde homem e mulher se discriminam, se oprimem. Cabe à educação mudar esse pensamento retrógrado e implantar uma nova perspectiva de paz e consciência no contexto educacional. No processo da opressão e dos oprimidos, fica evidente a desumanização que necessita se reinventar no interior das escolas e das práticas escolares. Aqui, nasce uma busca pelo reconhecimento desses indivíduos com suas histórias de vida fragmentadas; dilaceradas e oprimidas. Para tanto, é preciso buscarmos uma reformulação de políticas públicas e da ética profissional pautada em valores, que façam valer a vida.

4 Um encontro com a utopia

Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico (FREIRE, 1979, p. 16).

Aspiramos por uma educação utópica na Educação e Jovens e Adultos, já que não vivemos sem sonhos, esperanças e buscas

constantes. A utopia é realidade que ainda não foi concretizada, realizada; mas que pode ser efetivada, significando a procura do *sonho possível*. A esperança, o sonho e a utopia são tratados como sinônimos na concepção freireana, onde partimos do princípio que é possível projetar, lançar-se adiante e contemplar o horizonte que está tão distante de nós. Essa busca ancora-se na perspectiva ontológica do homem como um ser inacabado, constituinte da sua própria história, movido sempre pela esperança. Cremos que a educação carece de alimentar essa esperança por dias melhores, pois isso é fundamental na EJA, o alcance dos resultados desejados, não só nas notas, mas, na edificação humana. Retomando o almanaque histórico: *Paulo Freire educar para transformar*, encontramos a seção “Conhecendo um pouco mais”, na qual, os autores retratam a paixão pela utopia ao mencionar a cerimônia da entrega do título de Doutor Honoris Causa, oferecido pela UNICAMP-SP, em 24 de outubro de 2000, onde Dom Pedro Casaldáliga tece um lindo fragmento sobre paixão e utopia, sendo abordado no Almanaque:

[...] a paixão que poderia, mais ou menos, justificar o título que a Universidade me concede é a paixão pela utopia. [...]. Uma paixão que, em primeira e última instância, coincide com a melhor paixão da própria Humanidade, quando ela se quer plenamente humana, autenticamente viva e definitivamente feliz (VALE; JORGE; BENEDITTE, 2005, p. 42).

Mais adiante, Vale; Jorge e Beneditte (2005, p. 42) citam Casaldáliga, esse que declama os versos do poeta Oscar Campana, versando a paixão e a utopia:

Se não houver caminho que nos leve
nossas mãos o abrirão,
e haverá lugar para as crianças,
para a vida e para a verdade;
e esse lugar será de todos,
na justiça e na liberdade.
Se alguém se anima, avise:
seremos dois a começar.

(CAMPANA *apud* VALE; JORGE; BENEDITTE, 2005, p. 42)

Que os versos do poeta façam permitir a compreensão da história enquanto sonhos, movimentos e dialética, possibilitando ao educando o entendimento da utopia como sinônimo de esperança, daqueles que buscam na educação uma forma de emancipação e de compreender o ser humano em seu contexto existencial. Este panorama faz com que pensemos sobre o conceito de esperança/utopia perante as precárias realidades dos oprimidos que, ainda trazem marcas da desesperança ao longo da vida. Nos despedimos da escrita com as grandes lições que Paulo Freire nos ofertou e que, de alguma forma especial, marcou a nossa caminhada educacional e humana, lembrando dos sonhos, da utopia e esperança que são fontes inesgotáveis do viver que atravessam nossos conhecimentos de mundo. Nesse momento, fica em nossos corações a poética de Sônia Couto (1996), citada por Vale; Jorge e Beneditte (2005, p. 62):

No cheiro da terra, a inspiração
Graveto na mão
Lousa no chão

Palavras, rabiscos, desenhos, figuras,
anseios, procuras, leituras...

Um mundo a ser transformado
Um sonho a ser sonhado
Uma utopia a ser alcançada
Um menino, um moleque, um aprendiz,
mais nada...

Homem que o tempo moldou,
que a vida esculpiu,
que o amor fermentou,
que a paixão consentiu

Homem-menino, que rabisca o mundo
deixando suas marcas
Que tem na esperança sua maior aliada,
companheira de sonhos...

Menino-homem que pensa o pensar
como quem tece,
como quem fia,
como quem borda...

Guerreiro, sereno,
irado, gentil
doutor, aprendiz
Cidadão planetário
Na fala a doçura,
No olhar, o afeto, a ternura
Nas mãos o fazer
Ser que sabe ser

Homem-mulher-criança...são todos,
são muitos... São Paulo!
(COUTO *apud* VALE; JORGE; BENEDITTE, 2005, p. 62).

Referências

ALMANAQUE. Disponível em: Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=almanaque+paulo+freire>. Acesso em: 18/08/2020.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo. Feevale, 2003.

VALE, Maria José; JORGE, Sônia Maria Gonçalves; BENEDITTE, Sandra. **Paulo Freire, educar para transformar**: almanaque histórico. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

DO ABISMO AO AMOR: RESILIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Guacyra Costa Santos¹
Cléria Santos Oliveira e Silva²
Rivaldo Vicente da Silva³

DOI: 10.46550/978-65-88362-12-9.81-92

1 Distanciando do abismo

Ela acreditou na luz porque estava no escuro. Eu, que vivia em pleno dia, não conseguira ver nada. (CYRULNIK, 2006, p. 3).

É preciso acreditarmos na existência da luz; seja noite ou dia, assim, como esperar pela presença do amor, que emana a qualquer momento em nossas vidas. Falar de abismos nesse contexto, é fazer desenharmos os penhascos, cavernas, túneis, despenhadeiros, precipícios, escarpas Como algo a sempre nos incomodar. Utilizamos dessa temática para assinalarmos a necessidade de nos afastarmos do abismo e aproximarmos cada vez mais do amor, numa profunda reflexão acerca de temas que tem direcionado os nossos alunos da Educação de Jovens adultos (EJA) ao abismo, prevalecendo nessa situação passagens que levam a resiliência. Aproveitamos da linguagem metafórica para ressaltarmos o amor em suas mais belas expressões, servindo aqui, como referência para uma prática educativa reforçando a necessidade de transformarmos obstáculos, adversidades

1 Mestre pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente da Educação Básica. E-mail: guacyracosta22@hotmail.com

2 Graduada em Letras com Habilitação em Português /Inglês. Especialização em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: pescobeia@hotmail.com

3 Engenheiro Agrônomo, graduado em Educação Física. E-mail: rivaldovicente@hotmail.com

em circunstâncias que venham se potencializar nas salas de aula.

Neste ensaio vibrante sobre a vida e o amor recorreremos ao autor da resiliência Boris Cyrulnik (2006) que nos ensina sobre pessoas que tiveram graves feridas afetivas e um dia caminharam rumo ao abismo, mais tarde, transformando-as em superações, felicidades, realizações. O francês Boris Cyrulnik é neuropsiquiatra, psicanalista, etólogo, um dos maiores escritores em teoria e prática da resiliência, logo, regressa seu olhar para pacientes que acompanhou em sua clínica num tempo de sofrimento, dores e feridas da alma. *Falar de amor à beira do abismo* é uma das mais belas obras que já lemos e nos deixou comovidos, encantados e apaixonados.

O etólogo reúne o vigor de suas reflexões num tom suave, delicado e, ao mesmo tempo, metafórico para ajudar a transformar as narrativas dos seus pacientes numa bela dimensão literária, repleta de superações e esperanças. Abismo, palavra que induz medo, pavor, pânico, pela sua profundidade imensurável, precipício, escarpas, algares, talvez sejam lugares que guardam segredos monstruosos.

Falar de amor à beira do abismo é uma obra que nos coloca diante do cenário da EJA com suas dores, lutas e sofrimentos, inaugurando uma nova proposta metodológica e teórica a cada momento de nossas reflexões, nunca dissociando uma da outra. Deste trabalho, se delinea entre educandos e professores um destino comum, buscar cicatrizar as “feridas afetivas” que costumam arranhar as relações no processo ensino e aprendizagem. As histórias de resiliência nesse contexto são revisitadas através das passagens presentes na obra, que nos move a construirmos um tempo sensível, fluente, poético na promoção de uma prática educativa mais coerente com o mundo em que vivemos.

Nota-se como Cyrulnik (2006) vai se desapegando de si, das suas dores, das “feridas afetivas”, das lembranças tristonhas, ainda do tempo de menino; quando uma mulher que o conhecia empurrou para dentro de uma ambulância, enquanto ele via os pais e familiares serem deportados para os campos de extermínio e nunca mais os encontrou... Passagem comentada nos livros de Bernard e abordada: (Revista brasileira de Psicanálise v. 41 n. 04. 2007).

Deste modo, Cyrulnik (2006) não só viveu o problema como

entregou-se ao drama vivido e, hoje, apresenta-se a nós com um dos expoentes da resiliência, isto é, voltou a viver a condição de sujeito, anterior à situação do trauma. Nas palavras do autor a *resiliência* refere-se àqueles que superaram um profundo trauma emocional e experimentaram da superação e o prazer de viver o que ainda é possível. Assim, comenta: “É uma necrose. É carregar a morte dentro de si” (CYRULNIK, 2006, p. 5).

As discussões encontradas nessa narrativa revelam ao leitor uma visão ampla e reflexiva sobre a Educação de Jovens e Adultos em interface com a abordagem da resiliência à luz de Boris Cyrulnik (2006), num espaço em que devem ser contempladas as peculiaridades de cada sujeito, enfatizando as experiências de vida que eles trazem consigo, que é algo inegável. Entretanto, há muito a ser feito para que esses sujeitos, donos de suas próprias histórias de lutos, percas e dores, sejam levados em consideração no ambiente escolar. É imprescindível que os jovens e adultos percebam que a escola não apenas aceita, mas valoriza os conhecimentos, a perseverança e as expectativas que abarcam ao longo da vida. De acordo com Cyrulnik (2006, p. 8): “E falaremos de abismo, pois as pessoas que se amam estão à beira de um precipício e se debatem para se afastar dele”.

O pensamento do francês nos faz pensar que partilhamos do mesmo destino planetário, já que sofremos com a crueldade, repressões, preconceitos, pré-julgamentos, que desmorona sobre nossas vidas, sentindo-nos impotentes, resignando-se a todos e a tudo, caindo no abismo. Agregado a isso, vivenciamos ainda, o individualismo desenfreado; degradação das solidariedades humanas; exacerbação da violência e a separação que compartimentaliza; deixando-nos carentes de afeto. Diz o autor da resiliência:

O mundo íntimo pulverizado, aturdido, deixou de dar forma ao que aos deportados percebiam. Transtornados por informações insensatas, formam incapazes de pensar, de se situar, de se relacionar com os outros e seu passado. Mas o devir desses mutilados da existência foi submetido a uma confluência de pressões, que conjugou a gravidade da ferida, sua duração, a identidade que essas pessoas tinham construído antes do baque e o sentido atribuído ao seu colapso (CYRULNIK, 2006, p. 8).

Acreditamos que a escola é um lugar de convivência entre professores e alunos que, conversem, ensinam, aprendem e se divertem juntos, capaz de agregar a autoestima e bem-estar social e humano; num espaço que priorize a solidariedade, confiança e a esperança. O estudo dessas condições no âmbito da EJA fortalece a resiliência institucional da escola e pessoal dos alunos, essencial para promover o melhoramento da qualidade educativa e combater o fracasso escolar e da vida. “É terrível, você está condenado, não vai sair dessa nunca [...]” (CYRULNIK, 2006, p. 8).

Certamente, encontraremos nesse cenário, inúmeros fatores que já levaram ou, levarão nossos alunos rumo ao abismo: a solidão, a tragédia, a morte e, muitas coisas que nos fazem sofrer. Ao olharmos fora de nós veremos pessoas às quais estamos ligadas por amor, afeição, lealdade, compromisso de ensinar e, aprender com elas. Não devemos perder de vista que, a condição social é parte de nós, somos parte dela e não podemos negá-la. É importante educar nossos alunos para que eles conheçam a criatividade, a alegria e o sofrimento remediável inerentes da espécie humana. Vale lembrar que, o professor desperta amor ou desamor no aluno e nesta acepção, exerce um papel fundamental no processo ensino aprendizagem, já que a sala de aula não é apenas um recinto onde acontece simplesmente a troca de conhecimentos, mas de valores, de comportamentos comprometidos com a amizade, respeito e a vida.

2 Rumo ao amor

Na tentativa de combater esse cenário obscuro do abismo, que reflete as brumas nas suas mais temíveis profundezas; andemos em direção ao amor, uma vez que, esse nos lança ao caminho da luz, dos nossos sonhos, da paz e das nossas realizações pessoais. Movidos pelo desejo ardente de compreender a realidade da EJA e suas dores, fazemos uma analogia com a obra *Falar de amor à beira do abismo*, ao tratarmos de um percurso que, até aqui, nos possibilitou novos aprendizados, bem como, subsídios para o aprimoramento humano e profissional, num período especial de nossas vidas, do qual chamamos de *resiliência* sob a inspiração de Cyrulnik (2006).

Falar de Boris Cyrulnik (2006) é também falar do amor, é fazer despertar nas pessoas a essência do conhecimento e da sensibilidade para a vida, reacendendo a esperança como possibilidades de transformações a esse contexto de educação que se apresenta com suas angústias e “feridas afetivas” que custa a cicatrizar, servindo-nos como instrumento de renovação as nossas práticas pedagógicas. Nessa linguagem secular, o etólogo, nos aproxima da beleza da vida e das pessoas, nos transportando às reflexões sobre a educação, através dos ensinamentos de vida e histórias que passaram por sua clínica. Nesse cenário, Cyrulnik (2006) fala do *retorno à vida*, tratando-se de histórias em que o ser torna-se privado de falar de si mesmo, logo, precisa da palavra, do diálogo, para superar o trauma e assim, voltar à vida.

O retorno à vida é feio em segredo, com o estranho prazer que o sentimento *sursis* dá. O trauma fez explodir a personalidade anterior e, quando ninguém junta os pedaços para contê-los, o sujeito fica morto ou volta mal a vida. Mas, quando é sustentado pelo cotidiano afetivo das pessoas de convívio próximo e quando o discurso cultural dá sentido à sua ferida, ele consegue retomar outro tipo de desenvolvimento (CYRULNIK, 2006, p. 8).

Segundo o psicanalista, todo ferido necessita de se encontrar com o silêncio para reorganizar as suas lembranças, sua vida e emoções, entendendo o efeito devastador do trauma ou, fazendo desaparecer a mágoa. E, quantos de nossos alunos estão feridos pela realidade em que vivem? As escolas precisam promover práticas que levem a sensibilidade, a dimensão interdisciplinar e as inter-relações no contexto educacional, já que lidamos com a pluralidade de sujeitos educacionais, sociais, políticos e econômicos, enfim, com identidades diferentes. Torna-se imprescindível, caminhar com o amor, com a mudança, trabalhando o aprimoramento do indivíduo.

É preciso saber ouvir e perceber o aluno, reconhecer sua voz e entender suas atitudes na sala de aula, pois, atrás deles, existem histórias carregadas de feridas, dores, angústias, mas, também de esperança. “Não existe atividade mais íntima que o trabalho de atribuir sentido. O que ficou impregnado pelo trauma real alimenta sempre representações de lembranças que constituem nossa identidade íntima. Esse sentido persiste em nós e tematiza nossa vida (CYRULNIK, 2006, p. 8).

Em se tratando, do sentido atribuído por Cyrulnik (2006), regressamos ao filósofo sul coreano Byung-Chul Han (2015), ao versar a obra “Sociedade do Cansaço”, nos comovendo com um tempo que se tornou concreto para o cansaço, carregado de mazelas, insatisfações, depressões e fracassos. A leitura nos move para uma maneira especial de perceber o mundo e o outro que está a nossa volta, numa relação mais afetiva, fundamental para compreendermos o educando da EJA, suas atitudes e comportamentos, minimizando os obstáculos que o tempo lhes acrescentou.

Han (2015) nos alerta para o fato de quando uma sociedade está cansada, conseqüentemente, ela perderá seus sentimentos e sentidos em apreciar o que ainda, há de belo na vida e nas pessoas. Todas essas questões nos fazem perceber o papel do professor envolvido num momento de crises: emocional, moral, social, política, econômica e de valores, marcadas pelo poder da globalização que penetrou profundamente na vida do homem e afetou a escola. Nessa linha de pensamento, Cyrulnik (2006) comenta: “A pedra desprovida de sentido submete o infeliz à realidade, ao imediato que nada mais oferece a compreensão senão o peso do maço e o sofrimento do golpe” (CYRULNIK, 2006, p. 22).

A partir do pensamento do psicanalista, tal estudo se configura na importância das compreensões aos conteúdos trabalhados em sala de aula, como produtores de sentidos para a *resiliência* desses sujeitos, desenvolvidas pela construção da linguagem entre o aluno e o mundo. O etólogo, ainda acrescenta:

O sentido se constrói em nós com o que está antes de nós e depois de nós, com a história e imaginação, a origem e a descendência. Mas, se nossa cultura ou as circunstâncias não dispõem, à nossa volta, alguns laços afetivos para nos comover e constituir lembranças, então a privação de afetos e a perda de sentido farão de nós homens-instantes (CYRULNIK, 2006, p. 23).

Retratando a pedra desprovida de sentidos, nos colocamos diante da complexidade de Edgar Morin, Ciurana e Mota (2003), nos aproximando das associações e articulações para uma melhor compreensão dessa realidade que tem se instalado nos espaços da escola noturna, em especial, na EJA. Ao narrarem sobre a missão de

educar para uma era planetária, os autores anunciam:

Onde não há amor, não há mais do que problemas de carreira, de dinheiro para o docente, e de aborrecimento para aluno. A missão supõe, evidentemente, fé na cultura e fé nas possibilidades do espírito humano. A missão é, portanto, elevada e difícil, porque supõe, simultaneamente, arte, fé e amor (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 99).

Estar na sala de aula é, acima de tudo, um ato de amor; já que precisamos socorrer esse espaço que se encontra entristecido e amargurado pelas dores sociais e emocionais que acometem os alunos da EJA. Ao abordar sobre o sofrimento os autores da complexidade, aborda as questões humanas e suas relações com o mundo sofrido e com o outro. Cyrulnik (2006) nos brinda ao dizer: “[...] quando há pessoas que sofrem, é preciso socorrê-las, sem levar em conta sua origem, crenças e valores. Esses organismos encontram-se a serviço dos seres humanos, independentemente de suas identidades [...]” (MORIN; CIURANA; MOTTA, 2003, p. 92).

Para que haja resiliência nas salas de aula e na vida, é indispensável que haja paixão para com o exercício da docência, modificando atitudes negativas em positivas, na busca pela superação daqueles que têm ou, tiveram graves “Feridas Afetivas”. E a partir, de então, colocá-los em caminhos que levam a superação e ao amor.

3 Resilientes da educação de jovens e adultos

Nesta seção faremos uma breve abordagem dos vários abismos existentes na EJA, a exemplo do precipício das drogas; da violência; desigualdades sociais; dos desamores, na perspectiva de alcançarmos um contexto de superação e lições de vidas. Essa seção se dará por passagens narrativas oriundas dos alunos estudantes, onde intercruzamos memórias ao cenário da resiliência. Por questões éticas suas identidades serão preservadas, sendo substituídos por nomes que se aproximam do amor (perdão, claridade, serenidade, benevolência); sentimentos contrários do pessimismo. Vale ressaltar que, utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), dos entrevistados e seus responsáveis para participar na pesquisa.

Nessa passagem surgem as memórias repletas de saudades, experiências, de encontros, conhecimentos e de vivências que marcaram profundamente a caminhada dos educandos da EJA. Corroborando Souza (2006, p. 66): “Narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado”. Deparamo-nos com tristes experiências vividas por alguns desses que os tornaram mais vulneráveis do que já são, o que resultam na maioria das vezes na desistência de prosseguir com os estudos.

Quando dizemos que as situações vividas por eles os tornam mais vulneráveis é no sentido de entender, quem procura esta modalidade de ensino, a busca é árdua por não ter tido condições de estudar no período que se esperava, pois, normalmente são alunos-trabalhadores, que precisam responsabilizar-se pelo próprio sustento ou, quando pela subsistência da família. Logo, o seu cansaço físico e mental é visível, além da baixa autoestima, deparamo-nos com outros problemas, que se originam no lar, perpassado pela sociedade e recaindo na escola, entre eles, o envolvimento com prostituição, drogas, algumas vítimas de violência doméstica, assédio sexual e conflito de gênero. Caminhemos rumo as narrativas:

Serenidade. Fruto de um lar problemático, muitos irmãos, nenhum deles conheceu o pai, pois a mãe era prostituta e, apesar de ser um menino, não se aceitava como tal, preferindo ser mulher. Ora, se nos grandes centros urbanos, já é muito difícil viver como trans, imagine numa pequena cidade no interior da Bahia, com apenas uma escola pública de fundamental maior.

Resultado: serenidade não se sentia à vontade no turno diurno, onde seu problema não era comum e como consequência, não tinha um bom rendimento, era constantemente reprovado e por conta disso, buscava todo meio de chamar atenção sobre si. Atingindo a idade correta, foi enviado para a EJA, onde, a princípio, usava o mesmo procedimento que estava acostumado: a revolta! Felizmente, a EJA nem sempre prioriza conteúdos e tempo pedagógico, ainda que, mesmo raramente, analisa o problema no contexto educacional. Numa dessas reflexões entre os professores, discutimos o problema de Serenidade, que, entre outras coisas, não gostava do nome de registro, não era aceita no banheiro feminino e temia o assédio no masculino e sempre que podia parava a aula para se expor, muitas vezes, vulgarmente, muito embora, o que realmente queria era ter um espaço de ser o que ela

era. A escola parou para ouvi-lo, conversando abertamente, fazendo as críticas necessárias, mas, atendendo as solicitações básicas cabíveis, como o banheiro para pessoas na sua condição e o uso do nome social e elelela aceitou o acordo, mostrando aproveitamento satisfatório disso.

Todas essas questões nos levou a importância do diálogo e do respeito à pessoa humana, independente de suas particularidades, dentro do contexto da sala de aula. “Esperamos o primeiro amor, e a imagem que fazemos do outro já se desenha em função da autoimagem que se construiu em nós: As mulheres são fadas que me perturbam” (CYRULNIK, 2006, p. 36).

Outra história que temos a contar é do aluno chamado Perdão, pois essa palavra é tudo aquilo que nos leva a remissão dos erros que cometemos na vida e com as pessoas, o recuo do tempo como ensina o fascinante Boris Cyrulnik (2006, p. 29): “O sentido nasce do recuo do tempo, que permite olhar para si e para o passado”.

Perdão estudava à noite, já que, trabalhava no comércio durante o dia. No entanto, cabulava a aula para encontrar-se com seus amigos, todos homossexuais, os quais não tinham boa aceitação pela família, que não aceitava sua homossexualidade. Os pais acreditavam que ao negarem esta realidade, a mesma deixaria de existir e, o resultado era o desempenho negativo do rapaz na escola.

No início do ano de 2016, um dos amigos dele foi assassinado pelo suposto namorado e todos os amigos tiveram que depor no inquérito, deixando-o exposto perante a sociedade local. Assim, a família se viu obrigada a tomar posição no sentido de encarar a realidade, aceitando, enfim, a opção sexual do filho, mostrando a importância da afetividade e o acolhimento das diferenças. Sem mais necessidade de se esconder, sendo aceito da sua forma, com seus amigos, não mais havia necessidade de relegar a escola a um segundo plano, conseguindo acompanhar as aulas e concluir seu curso.

Corroborando Cyrulnik (2006, p. 29): “O sentido nasce do recuo do tempo, que permite olhar para si e para o passado”.

A história de Claridade ocorreu a três anos. Aluna que chamava atenção pela sua beleza física e o lindo tom de voz. Sem contar que era muito aplicada, a mais participativa, sentava-se na frente, aluna do ensino regular do diurno. Primeiro trimestre, foi a melhor aluna, segundo trimestre, ela começou a faltar por morar na zona rural e pela irregularidade do transporte. Achávamos, então, que esse fosse o

motivo das ausências. Passou a sentar-se no fundo, ficar desatenta e conversar apenas com uma colega. Num determinado dia, teve uma crise nervosa, alegou que era uma crise de ansiedade e foi encontrada cortando-se no banheiro. A coordenação foi avisada e tomou o caso na intenção de resolvê-lo.

Resultado: Claridade desistiu de estudar, alegando estar doente. E o caso foi esquecido naquele ano. No último ano, ela reapareceu, desta vez no noturno, achamos estranho, pois ela ainda era menor. Parecia a menina alegre de antigamente, embora, o olhar mostrasse uma certa insegurança. Então, ficamos a observar a gravidade do problema. A menina estava sofrendo abuso sexual por parte de um familiar, naquele ano que ela desistiu. O caso foi descoberto, investigado em segredo e providências foram tomadas pelo conselho tutelar e juizado de menor, mas ela recusou-se a manter a rotina escolar anterior, até porque, ela mudou de residência, passando a morar em outra região do município. Ficamos felizes que, apesar dos traumas, ela conseguiu superar o medo e voltar à escola com êxito.

“A resiliência só se interessa pelos modos de recosturar esses dilaceramentos traumáticos. Mas, para pensar a resiliência, é preciso fazer da nossa história uma imagem em que cada encontro é uma escolha de vida” (CYRULNIK, 2006, p. 32).

Deixamos o relato de Benevolência para o final, pois testemunhamos sua história de longas datas. Lembramo-nos das circunstâncias em que nasceu, correspondente aos nossos primeiros anos de docência. Como tantos outros, seus pais não planejaram sua concepção, eles nem mesmo tinham um relacionamento amoroso. Seu nascimento foi motivo de dor para muita gente, o casamento do seu pai foi desfeito, sua mãe foi banida da família por um tempo e, desde pequena, acostumou-se a ouvir da própria mãe que, ela era um erro em sua vida. De tanto ouvir, acreditou nos ataques de amargura e não acreditava no seu potencial.

Aos 17 anos, ainda cursava a 7ª série, pois havia sido reprovada por diversas vezes. Tinha uma carência afetiva tamanha e se apaixonava pela primeira pessoa que lhe sorrisse. Iniciou sua vida sexual muito cedo e confundia sexo com amor. Nessa busca pelo amor verdadeiro, esse foi lhe negado. Começou a trilhar pela prostituição e durante esta etapa de sua vida, engravidou do seu primeiro filho. Sem trabalho, estudo e sem condição de manter sua rotina boêmia, só lhe restou engolir o orgulho e voltar para aquela mãe que durante toda sua vida, lhe chamou de erro.

Para sua surpresa, sua mãe, estava casada com um amigo de infância e feliz. Logo, acolheu Benevolência e seu filho, dando-lhes apoio necessário. Depois de um ano, ainda confundindo sexo com amor, engravidada do segundo filho e sua mãe, desta vez, apesar de apoiá-la, exige que ela assumisse seu segundo filho, com a intenção de vê-la uma mãe transformada e dedicada para dar exemplo ao seu filho. Retorna à escola, desta vez na EJA, já que trabalha durante o dia. Torna-se a mais dedicada das alunas, termina o Ensino Médio e em seguida ingressa no Curso de Pedagogia da UESB. Este relato em especial mostra a superação de Benevolência, mas também, a redenção de sua mãe, que teve a chance de se redimir perante a filha, mesmo não podendo apagar as mágoas do passado, mas, contribuiu para a mudança do futuro da sua filha, uma vez que, “o amor fala mais alto”.

A partir das narrativas, forma observadas motivos de abandono e retorno; sucesso e resiliência, constituindo-se numa poderosa ferramenta para uma mudança social, trazendo a oportunidade de conhecermos suas vidas, na dimensão da superação do processo ensino e aprendizagem. “Todos os tutores de resiliência estão ao alcance da mão, desde que o meio social e a cultura não os destruam e que o sujeito ferido tenha adquirido antes de sua infelicidade alguns recursos íntimos que lhe permitam amparar-se deles” (CYRULNIK, 2006, p. 85).

Destacamos a influência dos âmbitos familiar e escolar na vida do aluno adulto: que podem contribuir significativamente, para o sucesso na aprendizagem do mesmo com incentivo às capacidades através do afeto que, por sua vez, proporcionam condições saudáveis ao indivíduo, dando-lhe uma vida feliz e mais perspicaz diante das adversidades do cotidiano. A questão central deste trabalho foi, justamente, despertar o desejo pelo saber e continuar seus estudos por meio da resiliência, estimulando-os as potencialidades dos jovens e adultos através da afetividade e da confiança, fazendo romper barreiras, limites, de maneira a realizar sonhos, levando-os, assim, à satisfação profissional e pessoal.

Certamente, uma das grandes contribuições da educação deve incidir em gerenciar emoções e pensamentos negativos, no sentido de superá-los, combate-los, filtrando-os como lições de aprendizados para a vida, afastando-se do medo e da insegurança, elementos que constituem abismos em nosso viver, fazendo prevalecer sentimentos positivos que promovem a resiliência, como a exemplo, a determinação,

a fé e a esperança.

Gerenciar a emoção é o alicerce de uma vida encantadora. É construir dias felizes, mesmo nos períodos de tristeza. É resgatar o sentido da vida, mesmo nas contrariedades. Não há dois senhores: ou você domina a energia emocional ainda que parcialmente, ou ela o dominará (CURY, 2003 p. 21).

Tomando como referência os conceitos da emoção e do amor que são fontes inesgotáveis de vida e que faz mover o mundo, a educação deve indicar soluções para a transformação de uma sociedade que, ainda é desarmônica devido à ausência desse amor. Para tanto, esse sentimento é fundamental no processo ensino e aprendizagem, no entusiasmo de aprender e na capacidade de refletir sobre a realidade. Através de uma atmosfera amorosa, as salas de aula tendem a apresentar mais brilho, ao invés de serem monótonas e impessoais. Assim, o aluno será o maior beneficiado e mostrará maior interesse em aprender, principalmente, quando caminha ao lado do amor.

Referências

CYRULNIK, Boris. **Falar de amor à beira do abismo**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CURY, Augusto Jorge. **Dez leis para ser feliz**: ferramentas para se apaixonar pela vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio Roger; MOTTA, Raul. **Educar na era planetária**. o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2003.

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. v. 41, n.4. São Paulo, dez. 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Educação em Questão**, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan. abr. 2006.

DO MUNDO DAS MARAVILHAS A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA: O AMOR COMO FERRAMENTA ESSENCIAL NO CENÁRIO EDUCACIONAL

Guacyra Costa Santos¹

Sandra Valquíria Costa de Novais²

DOI: 10.46550/978-65-88362-12-9.93-106

No submundo de Alice...

E assim cresceu este País
Das Maravilhas. Uma a uma
Surgiram as suas aventuras.
Está pronta, sem falha alguma,
A história. Voltamos lépidos
Antes que o sol da tarde suma.
(CARROLL, 1865, p. 8).

Nossa narrativa começa com uma grande viagem fascinante, a qual nos faz lembrar de Alice que viveu no país das maravilhas. Naquele cenário, a história reuniu vários elementos do clássico da literatura infantil e personagens brilhantes que nos aguçaram a imaginação, curiosidade e o amor à literatura, nos colocando hoje, em contato com a “alfabetização científica”. E quem se recorda dessa belíssima história criada no início do século XX, que encantou muitas crianças? Lembremo-nos que, até mesmo os adultos puderam se apaixonar e identificar com os encantadores personagens

1 Mestre pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente da Educação Básica. E-mail: guacyracosta22@hotmail.com

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente da Educação Básica. E-mail: val.cnovais@hotmail.com

que viveram à narrativa.

Sendo assim, as autoras deram evasão ao precioso clássico da Literatura Infantil Ocidental, escrita por Lewis Carroll (1865) com passagens emocionantes e de ensinamentos profundos, que nos faz refletir sobre as séries iniciais e o trabalho na sala de aula, tomando como base uma divisa do mundo da infância com o mundo dos adultos. A partir das nossas práticas do magistério no município de Vitória da Conquista, Bahia, na condição de professoras regentes, trazemos a referida história ao campo das Ciências Naturais e da Pedagogia, lugar de conhecimento e encantamento, mas, de inquietações, dúvidas e contextualizações para o momento atual de pandemia. Sendo assim, adotamos como ponto de partida os desafios postos pela sala de aula, uma vez que, faz-se necessário olhar a escola de perto, seus sujeitos, suas complexidades e sua rotina. “Ardendo de curiosidade, correu atrás do Coelho campo afora, chegando justamente a tempo de vê-lo enfiar-se numa grande toca sob a cerca” (CARROLL, 1865, p. 9).

Figura 1 – Alice no País das Maravilhas



Fonte: <https://www.purebreak.com.br/noticias/-alice-no-pais-das-maravilhas-conheca-20-curiosidades-sobre-o-filme/91996>. Acesso em: 05/07/2020.

Ao longo da história *Alice no País das Maravilhas*, tudo se revela ao despontar animais falantes para compor o cenário da criação, bem como, figuras humanas extravagantes como o Chapeleiro Maluco e a Rainha de Copas, com os quais, extraímos aprendizados e os princípios

a serem desenvolvidos nas séries iniciais, no que se refere a ética, a moral, respeito e valores, sempre buscando uma concepção para com a realidade, tornando a história interessante e cada vez mais cativante.

O mundo da imaginação começa quando a menina, numa bela tarde, meio que, sonolenta, avista um coelho branco ao qual decide seguir e, em seguida cai em um buraco, o que permite viver os deslumbramentos do país das maravilhas. Nesse viés, a leitura nos conduz a contribuir com mudanças de pensamentos e metodologias para o ensino das séries iniciais com ênfase na “alfabetização científica”, já que, algumas atitudes sempre nos incomodaram na sala de aula, como por exemplo, a perda do fascínio em reviver a literatura; o distanciamento dos sonhos; fragilidade dos alunos no processo de escrita e leitura que reflete de forma negativa na evolução educacional. “Que esquisito tudo isso, disse Alice a si mesma, fazendo mandados para um coelho!” (CARROLL, 1865, p. 40).

Do Mundo das Maravilhas à Alfabetização Científica

Vivendo num contexto com inúmeras dificuldades e muitas vezes, de cruéis realidades que tem marcado a nossa sociedade, percebemos o quanto nossa tarefa de educadoras torna-se, de fato, complexa nessa trama de relações que perpassam o ambiente da escola. Destacamos que a literatura concernente ao assunto “alfabetização científica” tem preocupações mais abrangentes nas séries iniciais e, neste sentido, aborda referências explícitas que têm como foco o ensino nesta fase da formação dos alunos. No tocante a “alfabetização científica”, ela nos ensina que:

Ler o mundo por meio da Ciência, é também, empregar o conhecimento para a tomada de decisões, reflexões, reformas e de contextualizações, já que “entender a ciência nos permite também controlar e prever as transformações que ocorrem na natureza. Assim, teremos condições de fazer que essas transformações sejam propostas para que conduzam a uma melhor qualidade de vida” (CHASSOT, 2003, p. 82).

Para Chassot (2003), a alfabetização científica significa saber ler a linguagem que está escrita na natureza, resolver problemas cotidianos que envolvam acessar conteúdos de ciências ou tecnologia simples,

ou seja, é ser alfabetizado cientificamente. Ensinar ciência e suas linguagens e o mesmo levar a criança a interagir com o conhecimento científico, fazendo deste a sua realidade cotidiana. Assim a necessidade vital da “alfabetização científica” no ensino fundamental e ainda nas séries iniciais se dá por inúmeros motivos, mas principalmente porque o mundo está evoluindo em acessão tecnológica, como também, para que os sujeitos consigam interpretar os fenômenos naturais, por favorecer uma melhor qualidade de vida e por proporcionar transformações humanas, no sentido de incluir aqueles que estão à margem do conhecimento científico e por vezes, social.

Dessa maneira, o processo ensino e aprendizagem deverá estar contextualizado com as discussões do fazer científico e a compreensão do mundo no qual os alunos estão inseridos, tendo como base os conhecimentos adquiridos a partir dos dilemas sociais. Nessas relações há um envolvimento humano, marcado por trocas, conflitos, diálogos e empenho numa intimidade entre docentes e discentes. Nessa linha de pensamento, Morin comenta: “A aventura da vida é, em si mesma, uma história atropelada, com catástrofes que provocam extinções em massa entre as espécies e o surgimento de novas espécies” (MORIN, 2010, p. 58).

Aludindo ao aspecto do amor, podemos considerar que as aventuras de *Alice no país das maravilhas* possuem um caráter humano, de respeito para com o próximo; de amizades e convivência fiel com seus amigos, vista como fator primordial, onde as relações humanas se fortalecem com o tempo. À medida que estes elementos contribuem para a construção de um mundo fantástico, nos faz perceber como essas afinidades afetuosas estão carentes, desprovidas de bons sentimentos no momento atual. Como elucida Morin: “Cada um contém em si galáxias de sonhos e de fantasias, de ímpetos insatisfeitos de desejos e de amores, abismos de infelicidade [...] tempestades furiosas[...]” (MORIN, 2010, p.44).

A presente narrativa aborda um feixe de interpretações na qual as autoras estabelecem um diálogo com o contexto educacional, de modo a apreciarem o ensino, percebendo que o sensível, o imaginário e a criatividade sobrepõem ao mero processo do ler e escrever. Nesse sentido, a literatura configura-se como palco de inspiração para o

pensamento científico atrelado ao cotidiano da escola.

Vale ressaltar que, a literatura é uma ferramenta indispensável e que nos ajuda a pensar sobre a *condição humana* e encontrar reflexões capazes de sinalizar inquietações sociais ou, até mesmo expressar a realidade, pensando na nossa própria história. “Trata-se, enfim, de demonstrar que, em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana” (MORIN, 2010, p. 45).

Para entender melhor a *condição humana* que cada aluno traz de sua vivência, a literatura, o romance, oferecem uma grande aventura para tratarmos das crises existenciais e das experiências do homem na sociedade já que, nos auxilia a elaborar novos sentidos para o conhecimento. Tudo isso, fomenta a conduta moral e ética a serem discutidos e ampliados no espaço da escola, na perspectiva de criarmos um mundo melhor, mais inspirador e ciente das diversidades que permeiam nosso viver.

Essa literatura de encanamento ao olhar da “alfabetização científica” precisa ser vivida no cenário da sala de aula, no resgate da criatividade para a construção do conhecimento ao encontro da prática educativa, essencialmente humana, onde abarca a leitura de mundo como ponto de partida para o entendimento da vivência, dos conteúdos, contextos trabalhados, rompendo, assim, com antigos métodos antes adotados pela escola, chamados de tradicionais. “A primeira coisa que tenho de fazer, dizia Alice a si mesma, mesma divagava pelo bosque, é voltar ao meu tamanho normal; e a segunda é achar o caminho para aquele lindo jardim. Acho que este é o melhor plano” (CARROLL, 1865, p. 47).

Um encontro com o amor nas práticas educativas

Diante da casa, sob uma árvore, havia uma mesa posta: a Lebre de Março e o Chapeleiro tomavam chá: um Leirão estava imprensado entre os dois, profundamente adormecido, e eles o usavam como se fosse uma almofada, descansando nele os cotovelos e falando por cima da sua cabeça (CARROLL, 1865, p. 77).

A escola precisa ser parte do processo de humanização e, para que isso aconteça, é preciso reconstruir aprendizados, atitudes e relações de convivência, e, paralelamente a essas questões, os teores da imaginação, que certamente, podem nos ajudar quando associados a realidade. A escola onde não se cultiva a compreensão, o amor, vínculos de afetividade e de positividade para com os alunos, possivelmente, gera a desmotivação e o desinteresse dos mesmos. “A ética da compreensão humana constitui, sem dúvida, uma exigência chave de nossos tempos de incompreensão generalizada [...]” (MORIN, 2010, p. 51).

Todas essas abordagens nos fazem pensar na resignificação do papel do professor permeado pelo amor, em meio a uma prática social muitas vezes desumana, carregada de conflitos e angústias, que exige de nós sensibilidade e conhecimento pedagógico voltado a formação humana, problematizando situações do cotidiano através do ato de ensinar. Tal passagem tem nos colocado a serviço da humanidade, talvez em caminhos poucos percorridos e imagináveis. Acreditamos que as crianças, jovens e adolescentes, até mesmo os adultos, aprendem muito por meio da imaginação e da criatividade. Ao fazermos associações das histórias com os heróis, vilões e outros personagens, estaremos trabalhando as formas de ser e de agir no mundo, o que nos permite ampliar o vocabulário e conhecermos outras experiências, para que dessa forma, possamos melhor entender a vida e o amor como ferramenta essencial ao cenário educacional.

A partir daqui, destacaremos algumas observações referentes às colocações da história, enquanto, pressupostos de dicotomia entre as maravilhas de um país que encantou a infância, mas, que também, deixou de existir no imaginário de outras. Cabe refletirmos, sobre os tempos da infância que vivemos hoje, muitas vezes, desprovidos de encanamentos e como passamos a sobreviver distantes uns dos outros; presos no mundo solitário dos aparelhos de celulares. Ao mesmo tempo em que nos deparamos com o contexto eletrônico, tão comuns à sociedade contemporânea, não podemos desmerecer os ensinamentos do livro impresso, da leitura silenciosa, das boas e belas histórias que servem como fonte de motivação a nós e aos alunos. É preciso imaginarmos a literatura na sua função mais profunda, como anuncia Edgar Morin (2010):

Mas também o romance e o cinema oferecem-nos o que é invisível nas ciências humanas; estas ocultam ou dissolvem os caracteres existenciais, subjetivos, afetivos do ser humano, que vive suas paixões, seus amores, seus ódios, seus envolvimento, seus delírios, suas felicidades, suas infelicidades, com boa e má sorte, enganos, traições, imprevistos, destino, fatalidade[...] (MORIN,2010, p. 44).

A literatura, enquanto uma das formas mais belas de expressão humana relata histórias criativas e, muitas vezes devastadoras de amor, ódio e paixões, mas de profundos ensinamentos e novas experimentações para o ensino. A leitura é um elemento indispensável para a formação de um sujeito, com seus medos, questionamentos, sentimentos, curiosidades e dor em relação ao mundo, construindo a base de seus conhecimentos. Trata-se de buscar na ficção os acontecimentos como valorização da realidade e aproximação de mundos tão distantes. “Atravessou depois a pequena passagem. E, *então...* achou-se dentro do lindo jardim, entre canteiros de flores reluzentes e fontes de água fresca” (CARROLL,1865, p. 90).

Personificando os personagens da história na sala de aula

Uma grande roseira se erguia à entrada do jardim: as rosas eram brancas, mas três jardineiros se ocupavam em pintá-las de vermelho
(CARROLL,1865, p. 91).

À luz das práticas pedagógicas, faremos analogias, personificando os personagens da literatura *Alice no País das Maravilhas* com o cenário da sala de aula, papel importante na vida imaginativa e na realidade que podem ser entendidos como projeções para a aprendizagem, na representação dos conflitos da adolescência, a capacidade de sonhar, busca pela criticidade, aprimoramento dos valores morais e éticos; as lições colhidas das confusões sociais e emocionais que precisam serem restabelecidas para esse momento de pandemia do Covid-19.

Adentrando ao universo literário de *Alice no País das Maravilhas*, comecemos pela fauna antropomorfizada (que recebeu características humanas) despontando vários sentidos e significados para as séries iniciais, uma vez que, não podemos perder a essência de discutirmos os conceitos em sala de aula e sua relação com a realidade, como sugere

o trabalho de “alfabetização científica”. A natureza primitiva e intacta da história nos permite pensar sobre os dias atuais, bem como, a ação do homem e os meios de destruição que ameaçam a sobrevivência de nossa espécie, a água, o ar, o solo e os animais. Trecho que nos lança a refletirmos sobre as questões ambientais e os danos causados pelo ser humano, como fruto de um sistema capitalista injusto e criminoso para com a natureza, que visa a ganância e o poder, fazendo com que o homem se afaste, cada vez mais, da solidariedade e da dignidade, elementos fundamentais para promover a paz. No trabalho com a “alfabetização científica” é necessário conduzirmos os alunos a compreenderem também, como podemos combater a poluição dos rios, do ar, as queimadas e todas as mais diversas formas de agressões que afetam o ambiente e a humanidade.

No enredo de *Alice no País das Maravilhas* o chapeleiro é apresentado como um dos personagens inesquecíveis da narrativa, louco, divertido e criativo, simbolizava a soberania no submundo das maravilhas, uma vez que, transmitia ensinamentos superiores aos demais personalidades da história. Hoje, essa soberania pode ser vista como palco de poderes e ideologias cujas culturas estão sendo exterminadas, populações assassinadas; regimes políticos ao exercerem seus poderes de guerras científicas, ecológicas e tecnológicas.

Abordagem que nos leva a repensar a nossa relação com a natureza, com os outros, com a vida e com nós mesmos. A soberania hoje, pode ser entendida como uma denúncia da “Educação Bancária”, como aborda Paulo Freire (2015), denunciando o acúmulo de informações sobre os alunos, sendo o professor, detentor do saber e do conhecimento, negando a prática do diálogo, deixando de assumir uma posição crítica perante à vida. Nesse caminho, é necessário anunciar uma educação liberadora sobre as concepções dos educadores, propondo uma nova maneira de ensinar possível, reconhecendo as emoções, numa vertente epistemológica que permite as aproximações entre alunos e professores, já que a educação, não pode ser aquela que, incentiva puramente, a memorização mecânica.

Figura 2 - Alice no País das Maravilhas



Fonte: <https://pt.quizur.com/trivia/voce-conhece-o-filme-alice-no-pais-das-maravilhas-yKZ>. Acesso em: 5 jul. 2020.

O que essa história ainda revela é a separação entre as duas irmãs, Rainha de Copas que representa a diretora do sanatório e a *Rainha Branca* simboliza a mãe de Alice, mostrando que a modernidade está longe de viver em concordância. Essa harmonia, parece romper com questões afetivas, deixando as pessoas carentes e fragilizadas. Tal consideração, revela a necessidade de assumirmos um processo de educação de amizade, desconstruindo os conceitos geradores dos ciúmes, da inveja, possessão e da intolerância para com o próximo.

De acordo Chassot (2003), a *alfabetização científica* representa o conjunto de conhecimentos que facilitariam aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem. Nesse contexto, destacamos a rivalidade existentes entre as duas irmãs na história, para tratarmos da importância da família, como “base da vida”, caracterizando o laço familiar que vai além do sangue, como também emocional e espiritual. Mas esta base pode se desintegrar e tornar-se fragilizada quando um dos membros se torna instável no âmbito familiar e busca a dependência química e o comportamento violento, para dentro de casa e para com a sociedade.

Nessa perspectiva, é fundamental, termos a consciência para um novo modo de amar e entendermos a vida, de acordo com a necessidade que estamos inseridos. Cabe recordar que, hoje vivemos o

individualismo, as amizades sutis e o medo de amar, fazendo nascer a solidão, insegurança, conflitos, disputas, confusões subjetivas e outros elementos negativos que acometem o ser humano. Devemos ter em mente que, nossas ações e atitudes reproduzem em sala de aula, talvez, traduzindo-se em ensinamentos que levam ao vazio ou, até mesmo, ao amor, a depender da forma que, ministramos as nossas práticas. Até aqui, as pessoas têm desenvolvido o pensamento crítico e político, mesmo que dilacerado. O desenvolvimento econômico, ambiental e social, mesmo que desumano. Jamais, o progresso saudável do emocional, que emana do coração, sem gerar consequências humanidade.

Nesse caminho das *Maravilhas*, os seres falantes como a lagarta, nos faz refletir sobre o processo de transformação que precisamos atravessar, seja profissional ou, humano. Ainda, no casulo, a lagarta vive momentos de crises e conflitos; ao transformar-se em borboleta nos mostra que, cada problema pode ser visto como uma solução, que ainda não aconteceu, devendo ser analisados entre as crises e as oportunidades. A necessidade da transformação é vista como a era das redes sociais, da internet, onde as pessoas precisam experimentar da criação, na sinalização da necessidade do momento de pandemia pelo Covid-19 que estamos conhecendo ao bom uso das tecnologias como processos facilitadores para o conhecimento, bem como, para a mudança cultural e comportamental. Attico Chassot (2003, 91), diz: “Acredito que se possa pensar mais amplamente nas possibilidades de fazer com que alunos e alunas, ao entenderem a ciência, possam compreender melhor as manifestações do universo”.

Olhando para essa transformação da lagarta e refletindo para o interior do universo educacional, buscaremos pelas mudanças de procedimentos escolares, rotinas, e, principalmente, na mentalidade de todos os envolvidos no contexto do processo ensino e aprendizagem, já que, as alterações impactam diretamente nas emoções e sensações humanas. Não podemos perder de vista que, as modificações nos levam as novas mudanças e que a escola possui um papel social fundamental quanto aos avanços dos conhecimentos científicos e tecnológicos, uma vez que, têm transformado significativamente a sociedade contemporânea e suas formas de comunicação.

No regresso à literatura, voltemos nossa atenção para o coelho.

Esse que levou Alice para o submundo e sempre a olhar para o relógio preocupado com a velocidade da hora e do tempo, permitindo-nos observar o quanto estamos sempre apressados, atarefados e atrasados pela própria dinâmica da vida. É a sensação de que o tempo não é suficiente para o trabalho, família, escola, saúde, sonho, lazer, academia... não dá tempo para fazer tudo! No campo da agitação do cotidiano o homem absorve a ansiedade, a intolerância e todas os elementos que são hábitos nocivos à qualidade de vida. E, nessa pressa da obrigação vivemos numa sociedade contemporânea de profundo estresse, de extremo adoecimento físico e mental, assoberbados de tarefas e incapazes de lidar com a rotina. Todos esses fatores são característicos da vida moderna, que aliados às modificações de hábitos alimentares, sedentarismo e o novo cenário do mercado profissional tem contribuído para a perda do sono, o extremo cansaço físico e mental, o aumento do número de infartos, hipertensão e outros agravantes que tem comprometido nossa sobrevivência. No que diz respeito a infância, Kramer (2006, p. 13) enfatiza:

[...] é o período da história de cada um. Reforça que o ser humano “é um ser histórico” e, conseqüentemente, “a infância proporciona a construção da história, a qual se faz individual e coletivamente. Quem já não ouviu um adulto dizer: aproveite a sua infância, pois ela não volta nunca mais!?”

No trilhar da história *Alice no País das Maravilhas* deparamos com o misterioso gato sorridente da narrativa que encoraja a menina viver as aventuras e a ser livre, apontando caminhos como possibilidades para conhecer novos cenários. Essa passagem nos leva a apreender que o papel do professor é também, indicar outros percursos para a aprendizagem, colaborando para a criação da realidade no contexto educacional por meio da *alfabetização científica*. Lembremo-nos que, ao aparecer e o desaparecer do gato, como versa a história, vamos refletir sobre os desafios enfrentados em sala de aula que, vão e voltam, como, a indisciplina, notas baixas, falta de estímulo, por exemplos.

Nesse sentido, a profissão de professor implica também, num grande desafio frente às mudanças ocorridas no mundo que refletem no comportamento, nos valores e nas instituições, educacionais, o que nos faz perceber este mundo tão diferente e acelerado como aborda

o coelho. Desse modo, torna-se imprescindível preservar os valores e comportamentos indissociáveis das práticas educativas de todas as épocas, trabalhando sempre a ética e a moral, no entendimento às necessidades de cada criança inseridas neste mundo da atualidade, fazendo da escola um espaço de construção e valorização não só do conhecimento, mas dos sonhos. Kramer (2006, p. 16) salienta a necessidade de considerar a diversidade de aspectos sociais, culturais e políticos para que tenhamos uma visão mais aprofundada sobre quem é essa criança e, logo, sobre quem é o nosso aluno.

Aprendendo com os signos do País das Maravilhas

A relva farfalhava sob os pés dela, enquanto o Coelho Branco corria apressado...o Rato, assustado, espalhava água à sua passagem através da lagoa ali perto... ela podia ouvir o tinir das xícaras de chá enquanto a Lebre de Março e seus amigos partilhavam a sua interminável ceia... (CARROLL, 1865, p. 91).

A literatura soube muito bem personificar os fascinantes personagens da história *Alice no País das Maravilhas* restabelecendo com as crianças os laços de caráter afetivo, ético, social e político exigem que nós, educadores, revermos o papel que temos exercido nas instituições educativas. Cabe aqui, uma reflexão: o que pretendemos ensinar para os nossos alunos? De que maneira? Continuemos com a mera e simples missão de um transmissor de conhecimentos e práticas sistematicamente elaboradas ou, desejamos fazer a verdadeira mudança, que possamos abarcar conhecimentos e afetos, saberes e valores, na vida dessas crianças? Delineando a história como criação e essa nova forma do pensar, Deleuze comenta:

O que nos força a pensar é o signo. O signo é objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; ele é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento (DELEUZE, 1987, p. 96).

Nesse cenário, pensamos nos vários signos apresentados pelos personagens, oferecidos pela história para apostarmos num trabalho docente que venha construir uma relação do sujeito com

o conhecimento, perpassando necessariamente pela pluralidade e, sobretudo, pelo amor. Conceitos que a literatura pode nos oferecer, expandindo novos saberes de forma a lidar com a experiência real e a mágica, permitindo que sejam desenvolvidas atitudes, pensamentos e decisões e para o senso crítico e moral, já que a educação precisa ser vista, como uma experimentação das histórias como um processo de reaproximação para com o mundo e com o amor.

Os conceitos inovadores de Deleuze (1987) nos fazem lembrar das abordagens de Edgar Morin (2010), que atravessam as artes, a filosofia e literatura, rompendo com o pensamento hegemônico, na perspectiva de cogitarmos uma teoria voltada à vida, o que nos remete à literatura inspiradora para esse contexto atual, fazendo inter cruzar os signos da história com o universo da educação. Vale lembrar que, ao se alcançar um aprendizado que faça sentido para o cotidiano e para a vida do aluno, fazemos nascer um processo que atravessa as sensibilidades e alimenta o amor e os afetos, com as quais cada indivíduo constrói suas relações de pertencimento ao mundo.

É importante, associarmos a *Alfabetização Científica* a organização do estudante, para que ele possa fazer conexão dos conteúdos trabalhados com seu processo de integração ao mundo e dos cientistas, com vistas as novas abordagens na área do conhecimento. Assim, inscrevemos nossas experiências, os amores e, até mesmo, os desamores despertados pela literatura que remetem às nossas vivências. É preciso desbravarmos para as leituras polissêmicas de mundo e suas múltiplas possibilidades do entendimento da palavra literária na condição de sentir a vida, a paixão, o sonho, ilusão, solidariedade o respeito e o amor. Nos despedimos da escrita quando a menina acorda desse mundo fascinante e, volta a viver o seu universo real. “Ali sentada, com os olhos fechados, quase acreditava estar ela mesma no País das Maravilhas, embora soubesse que bastava abrir os olhos outra vez e tudo se transformaria na enfadonha realidade em volta...” (CARROLL, 1865, p. 156).

Referências

CHASSOT, A. **Alfabetização científica**: questões e desafios para a educação. 3 ed. Ijuí: Ed. Ijuí, 2003.

CAROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Título original ‘Alice’s adventures in Wonderland’. Tradução cedida por cortesia de Sebastião Uchoa Leite. Edição integral:1865.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 8. ed. Trad. Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

KRAMER, S. (2006). A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, S. D. (Orgs.) **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília, DF: FNDE: Estação Gráfica, 2006, p. 13-24.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MEMORIAL: PELOS CAMINHOS DE TRANSFIGURAÇÃO DAS VIVÊNCIAS: O ENCONTRO COM A DOCÊNCIA E O AMOR

Márcia de Oliveira Menezes¹

DOI: 10.46550/978-65-88362-12-9.107-121

1 Regresso às vivências da infância

Nestes escritos, ofereço algumas lembranças da minha vida na qual chamarei de *Pelos caminhos de transfiguração das vivências: o encontro com a docência e o amor*, passagens repletas de acontecimentos que me moveram a lutas e esforços; avanços e recuos; tristezas e alegrias; amores e desamores que a vida nos traz. Parte da intensidade dos sentidos apurados e exercitados na infância, no município de Vitória da Conquista, Bahia, revelaram-me uma terra de rosas, o que marca um espaço de renovação as minhas vivências e, mais tarde, o embrutecimento da vida adulta. Dentre tantos fios das lembranças, histórias, experiências e afetos que impulsionam essa narrativa, assumo a plasticidade dessa trama, na busca de histórias impossíveis de serem contadas nos limites desse texto, tal como lembra Ecléa Bosi (1994): “Narrar é também sofrer quando aquele que registra a narrativa não opera a ruptura entre sujeito e objeto” (BOSI, 1994, p. XIII).

O verão de 14 de fevereiro de 1968, me colocou aqui na Terra com muita energia, força e determinação para trilhar os caminhos da vida. Filha de Antônio Amaral Menezes (motorista) e Agedalva de Oliveira Menezes (dona de casa), tive uma criação de

1 Professora Assistente do DCN/UESB. Mestra em Ensino de Ciências e Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais /PUC/MG. Doutoranda em Educação Contemporaneidade pela UNEB/BA. E-mail: marciaomenezes14@gmail.com

princípios rigorosos, mas, intensos de bons exemplos, respeito e amor, principalmente, com os mais velhos. Quantas saudades de um tempo que jamais voltará! Lembro-me que, morei com meus pais em casa própria, presente do meu avô materno a minha mãe, desfrutando de uma infância feliz e sadia ao lado dos meus pais, onde habitava as brincadeiras de bonecas, bem como, o conto das histórias e lendas que permeavam nossa imaginação. Regresso a Bosi (1994):

Nesse momento descobri sob meus pés, as pedras do calçamento, as mesmas que pisei na infância. Senti um grande conforto. Percebi com satisfação a relação familiar dos colegas, dos namorados, dos vendedores ambulantes com as esculturas trágicas da ópera que habitam o jardim do teatro (BOSI, 1994, p. XIII).

Foto 1 - Eu, menina



Fonte: Acervo da autora.

A simplicidade revelada no fragmento de Bosi (1994), faz-me recordar, saudosamente, da simplicidade de minha família, constituída pelos meus pais que tiveram cinco filhos; três homens e duas mulheres e que ao longo da vida, eles criaram sobrinhos e netos. A primeira neta foi registrada como filha. Lembro-me da tristeza e vergonha dos meus pais porque minha irmã a teve quando ainda era solteira na década de 80, principalmente a preocupação em contar a meu avô. Então passamos a ser seis irmãos, mas lembro também da alegria de todos quando o bebê chegou da maternidade, eu tinha 13 anos e até aquele momento era a caçula.

Daquele momento passei a ser vigiada, principalmente pelos meus pais e minha irmã. Até meus sonhos eram velados, eles tinham muito medo que eu não terminasse os estudos e tivesse o mesmo destino da filha mais velha. Meus pais ao longo da vida curta que tiveram, agregaram a nossa casa muitos familiares que precisavam de ajuda. Eles tinham pouco, mas dividiam com todos que necessitavam. Viver e conviver com muita gente me deixava as vezes tenebrosa. Lembro-me de uma frase que ouvi desde a infância, “onde come um, come dez”. Gostava do movimento da casa, mas sonhava em ter um lugar mais sossegado.

Em sua arte de narrar, Bosi (1994), me leva a entender: “Os dedos de bronze de um jovem reclinado numa coluna da escada continuam sendo polidos pelas mãos que o tocam para conseguir ajuda em seus males de amor” (BOSI, 1994, p. XIII).

Das lembranças que tenho da infância, além dos meus cinco irmãos, sempre estive rodeada de muitas pessoas na casa dos meus pais. Essa casa tem minha idade, nasci nela e até hoje é um lugar muito marcante e significativo na minha vida. Fui feliz entre a cidade e a roça, brincava nas ruas, no quintal de casa, na casa dos meus primos, com os vizinhos das mais diversas brincadeiras (casinha, jogo de vó com pedras, esconde esconde, baleado, escola, gudes, bonecas e outros).

Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros. “A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança versus mobilidade), a família larga, extensa versus ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (versus objeto de consumo). Eis aí, alguns arrimos em que a memória se apoiava” (BOSI, 1994, p. XIX).

Os suportes da memória, fizeram-me revisitar o cenário da roça, onde moravam os meus avós maternos, alguns tios e tias, a presença da família da minha mãe sempre foi muito próxima. Visitava a casa campestre nos finais de semana e nas férias escolares, brincava de piquenique, andar de carroça, colher vegetais para o presépio, andar

de bicicleta, visitar e brincar na casa de farinha e nos terreiros de café, subir em árvores, enfim, muitas brincadeiras que vivem na memória.

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Acurada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição. BOSI, 1994, p. XXI).

Certamente, o sentimento acompanhou-me até aqui, recordando de forma emocionada das vezes em que nos divertimos na chuva, por vários lugares. Na minha casa escorregávamos no grande corredor, de piso vermelho, molhado pela chuva que nos permitia deslizar, um empurrando o outro. Como o tempo passa rápido! E nos deixa marcas de saudades e fortes lembranças! Na roça fazíamos “olho de boi”, um sinal feito com o pé na terra, no chão, para que a chuva parasse e nossa avó deixasse voltar para as brincadeiras. Nesse contexto vivem as boas lembranças da infância, carregada de ambientes frios, porém, aquecida de familiares, amigos e brincadeiras que tanto nos ensinaram e alegraram. “Os feitos abstratos, as palavras dos homens importantes só se revestem de significado para o velho e a criança quando traduzidos por alguma grandeza na vida cotidiana” (BOSI, 1994, p. XXIV).

2 As primeiras leituras e a escola

Os memorialistas possuem nomes. Nós nos acostumamos com eles, individualizando-os em nossa própria lembrança, rindo, chorando, esperando e desesperando com eles (BOSI, 1994, p. XXVII).

Os escritos memorialísticos revelaram-se como fontes que abriram a possibilidade de operar com a reflexão acerca dos processos de formação que me fizeram observar o meu lugar na construção da memória pessoal e social da profissão docente. Nesse momento, a memória me leva a escola que coabita meu passado, onde aprendi a ler e escrever, primeiro com uma vizinha professora que ensinava na sua própria casa, na época, tinha quase seis anos de idade. Caminhava na

rua lendo todas as placas que encontrava nos muros de oficinas, lojas, salão de beleza.

Minha mãe tinha muito orgulho disso e contava para todas as pessoas. Então, ela me colocou numa escola próxima, particular, onde cursei a 1ª série aos seis anos de idade na Escola Branca de Neve. Em virtude da baixa condição financeira, no ano seguinte, fui para escola pública, acompanhando meus irmãos. Dos sete aos nove anos de idade, estudei da 2ª a 4ª série e, concluir o antigo curso primário no Colégio Estadual Anísio Teixeira. “O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar” (BOSI, 1994, p. XXX).

Naquela época, não havia escola próxima à minha casa para dar continuidade aos estudos, então, como meu pai trabalhava como motorista na Prefeitura da cidade, conseguiu uma bolsa de estudos que era dada para os filhos dos funcionários. Dos dez aos treze anos de idade, estudei como bolsista na escola privada e conveniada da Prefeitura - Fundação Educacional de Vitória da Conquista (FUNDEC). Lugar onde cursei a 5ª série, com dez anos de idade e fui reprovada. Ganhei novamente a bolsa de estudos e estudei até a 7ª série. Em virtude do não pagamento das bolsas pela Prefeitura, essa escola fechou. Era uma escola muito bem falada na época porque contava com um dos melhores professores de português e redação. Passagem que me faz regressar a Bosi (1994, p. XXXI): “A cada passo, algo se estende diante nós como o alvo lençol de um coletivo homogêneo pontilhado pelos bordados das diferenças grupais, pelos crivos familiares e individuais”.

Retornei à escola pública no ano seguinte para cursar a 8ª série, concluída aos quatorze anos de idade. Ali também fiz o Curso de Magistério, concluído aos dezessete anos de idade, em 1985 no Instituto de Educação Euclides Dantas (IEED), conhecida carinhosamente como Escola Normal. Uma das escolas mais antigas da cidade. Nas series iniciais, no Colégio Estadual Anísio Teixeira aprendi a conviver em grupo, a escola desenvolvia projetos como semana da família, da comunidade e sempre as mães dos alunos participavam, preparando lanches diferentes e variados, com a colaboração de todos que culminava com um grande almoço.

Na Fundação Educacional de Vitória da Conquista, apesar de ter conhecido a amargura de ser a única aluna repetente na 5ª série que levantava a mão quando o professor perguntava: “tem algum repetente?”. Quanta tristeza e vergonha. Foi também o lugar que convivi com estudos de personalidades da literatura, como a vida e a obra de Monteiro Lobato, participei de concursos de redação, despertei o gosto pela leitura, pela poesia, romances, além de conhecer e participar de esportes.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito (BOSI, 1994, p. 3).

A tristeza da repetência me levou a refazer um outro caminho e encheu o meu coração de alegria, quando na antiga Escola Normal, hoje, Instituto de Educação Euclides Dantas, me aperfeiçoei no esporte, fui jogadora de handebol, voleibol, disputamos torneios na própria cidade; nos jogos abertos do interior que aconteciam na cidade de Feira de Santana, Bahia. Participei de movimentos diversos, como escolha de representantes de classe, grêmio estudantil, viagens a encontros de estudantes secundaristas. Além da grande gincana que havia na escola e na cidade. Aquele período foi bastante influenciado pelo momento histórico que vivíamos na década de 80. Momentos que se tornaram marcantes para compor a referida narrativa.

Nesse cenário, vivi a amargura e a alegria que a escola representou na minha vida. Amargura porque lembro das diferenças sociais cada vez mais evidentes naquele ambiente autoritário. E ao mesmo tempo, a alegria de fazer amigos; alegria de aprender a ler e escrever porque a emoção que encontro nos poemas, nas letras das músicas, nos livros me leva a muitos lugares.

Percebi esses extremos entre a lembrança pura e o que a imagem nos traz; quantos momentos únicos revividos pela memória, quantos medos a superar e, quantos caminhos a trilhar na busca do

amadurecimento, onde sonho e poesia se misturam dando sentido ao nosso viver.

3 O encontro com a docência e o amor

Na minha família, havia uma tia que era professora da pré-escola e da alfabetização e muitas vezes eu a ajudava em casa fazendo tarefas no caderno dos alunos e outras vezes na própria escola que lecionava, ajudando-a na sala de aula. Entretanto, apesar dessa convivência não deslumbrava em ser professora.

Inicialmente queria ser jornalista, depois médica legista, como não havia condições financeiras da minha família, acabei escutando minha mãe que dizia “ser professora é melhor porque não te faltará emprego, sempre haverá gente para aprender”.

Assim, me sentir um pouco professora no estágio curricular, exigido no curso de magistério, o qual ocorreu em uma turma da 3ª série, no turno vespertino na Escola Estadual de Aplicação, durante a III unidade letiva, no ano de 1985. Foi um momento importante da minha vida, mas naquela época julguei muito trabalhoso e não despertou à vontade em ser professora. Além disso, no início do ano seguinte, a Prefeitura promoveu uma seleção para professores e não foi possível participar porque eu não havia completado dezoito anos de idade. A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, afiara à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios (BOSI, 1994, p. 15).

O trabalho que a lembrança faz de abrigar o passado me faz apresentar o ano de 1986, quando trabalhei em uma agência de turismo. Esse afazer não foi à frente, encerrou rápido porque precisava fazer viagens para cursos em Salvador, acompanhada do dono da empresa, minha mãe e meu namorado, na época, não deixaram. No início do ano de 1987, tive experiência em uma livraria no período de muito movimento, a proprietária era coordenadora de uma grande escola privada que junto com dois sócios fundaram o curso Serviço Especializado de Reforço (SER), o qual atuei como secretária e tive o primeiro contato com um curso de reforço. Esses lugares no qual

trabalhei, estavam de alguma forma associados a educação e/ou a escola, embora eu sempre afirmava que não queria ser professora.

Tudo se passa como se o objeto fosse visto sob um ângulo diferente e iluminado de outra forma: a distribuição nova das sombras e da luz muda a tal ponto os valores das partes que, embora reconhecendo-as, não podemos dizer que elas tenham permanecido o que eram antes (BOSI, 1994, p. 20).

“Sob um ângulo diferente e iluminado” passo no vestibular da UESB para Ciências Exatas e no Concurso Público para professores, promovido pela Prefeitura. As incertezas só aumentavam naquela época. Com meus vinte anos de idade e muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Me casei no mesmo ano que me tornei novamente estudante. Quantas atribuições a uma menina de sonhos velados. Estudar, lecionar e ser esposa me assustaram e me vi diante de tantas responsabilidades. E a imaturidade e o medo de começar a lecionar foram compensados pelo lugar da primeira escola que lecionei, na roça que minha avó morava e que eu passava férias e finais de semana.

Recordo-me do meu desespero com os alunos da pré-escola e da alfabetização. Em ambas, eu carregava muito ansiedade e angústia até o momento em que os alunos começavam a ler. Tempos muitos difíceis para prática inicial do ser professor. Aprendi que, temos que nos fazermos fortes, mesmo em momentos de desmoronamentos, uma vez que, precisamos enfrentar as necessidades dos nossos alunos e as nossas próprias para cumprir a função de ser professor da forma mais responsável e competente possível.

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, afiara à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios (BOSI, 1994, p. 15).

Aquele começo, hoje passado, anunciaram à superação de inúmeras limitações e dificuldades ocorridas na vida, o que me fez enfrentar as adversidades e lutar por uma melhor educação. Trata-se de poder olhar para os limites do território e poder reinventá-lo, pensando nos modos de existência, buscando um novo significado para o viver. As vezes acredito que os sonhos vão se tornando realidade à medida que você encontra motivação para eles. E a chegada de meus filhos,

inevitavelmente, fortaleceu a necessidade do sustento, fortalecendo assim a necessidade de ser professora. Não tive escapatória! O amor de mãe para a superação dessa fase de insegurança, foi muito importante para impulsionar o ser professor e trilhar o caminho dos 27 anos que permaneci na rede municipal.

Distanciando-me das concepções de Bosi (1994), aproximo-me de Marie-Christine Josso (2004) para tratar do meu processo de *vida-formação*. Partindo da afirmativa da autora é preciso ensinarmos sobre as mais diversas formas e sentidos múltiplos de existencialidade como um trabalho *transformador de si*. A pesquisa-formação visa colher experiências que formam o ser durante o percurso do conhecimento, o que também permite, compreender o caminho de vida, dando legitimidade a uma multiplicidade de temas.

A originalidade da metodologia de pesquisa-formação em Histórias de Vida situa-se, em primeiro lugar, em nossa constante preocupação com que os autores de narrativas consigam atingir uma produção de conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevem num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos (JOSSO, 2004, p. 25).

É um trabalho que vislumbra as narrativas centradas no processo de formação em torno da história vivida pelo sujeito o que leva a sua autoformação; como via de interpretação de si e das práticas pedagógicas, considerada como um instrumento de avaliação formadora. Nesse processo de ressignificação da experiência, a realidade cotidiana traz à superfície imagens, histórias, que vão sendo reorganizadas e dotadas de sentidos. A parir da pesquisa-formação apresento um novo olhar às experiências que carregamos ao longo da vida, na tentativa de melhor compreender os desejos, as emoções, crenças, valores, anseios que constituem o ser humano em sua essência e, deles não podemos fugir.

4 Vida formação

A minha trajetória de formação profissional começou na minha infância, mas eu não sabia, hoje sinto que muito do que carrego, têm marcas da infância, da minha adolescência e da juventude. Lembro-

me da luta de meus pais que não tiveram estudos, mas sabiam o valor que a formação teria na vida dos filhos.

Esses registros me permitiram, reconhecer a riqueza dos processos singulares e coletivos de produção de sentidos sobre a docência, e sobre a criação de processos identitários na profissão experienciada, no tempo da formação inicial no encontro com a educação básica, mediada pelas diferentes formações.

O interesse da pesquisa-formação na construção do percurso reside precisamente em conhecer e compreender os significados que cada um atribui ou atribuiu em cada período da sua existência aos acontecimentos e situações que viveu. São precisamente essas interpretações que alimentam as representações que fazem de si mesmos e dos contextos nos quais evoluíram (JOSSO, 1988).

Retornei do Mestrado em agosto de 2013, momento em que atuava como auxiliar de coordenação na Escola Municipal José Mozart Tanajura. Essas experiências foram carregadas de muitas incertezas na minha vida profissional na Rede Municipal de Ensino, desde o início até a tomada de decisão à aposentadoria que ocorreu em março do ano de 2015. “A incerteza nos acompanha e a esperança nos impulsiona. Estamos perdidos, e nessa condição do humano não se trata de buscar a salvação, mas de procurar o desenvolvimento da hominização” (MORIN, 2003, p. 99).

Morin (2003) nos ensina que devemos enfrentar as incertezas e saber viver com elas, já que a mesma, nos acompanham diariamente. É preciso reforçar a certeza para o despertar da solidariedade, do amor, da amizade e comunhão. Não podemos perder de vista que, a nossa cultura sempre está em busca de certezas, mas, as incertezas é a grande certeza do amanhã.

Nesses caminhos de incertezas e de buscas profissionais, regresso ao ser professora da pré-escola e alfabetização, recém-formada, inexperiente, trabalhando no matutino, fazendo faculdade à tarde, não foi uma tarefa fácil. Porém, o ponto crucial, naquele momento, foi continuar com os mesmos alunos da pré-escola, com os quais já havia desenvolvido um trabalho de coordenação motora, musicalidade e leitura inicial, para alfabetizar, ensinar ler e escrever.

Muito difícil, pedia ajuda e sugestões aos colegas, e quando os alunos não conseguiam formar palavras e/ou frases eu sofria bastante. Foram muitas noites em claro, buscando respostas e formas para alfabetizá-los até chegar a III unidade letiva quando enfim, estavam lendo e escrevendo, no meu entendimento, alfabetizados. Paralelamente a essa experiência inicial, participei da fundação do Sindicato de Professores que me possibilitou importante vivência no movimento docente, já que naquele contexto, o amor pulsava mais forte dentro de mim. Carrego comigo as lembranças dos colegas que me apoiaram naquela escola rural, a Escola Municipal Maria Leal.

Onde há amor, não há mais do que problemas de carreira, de dinheiro para o docente, e de aborrecimento para aluno. A missão supõe, evidentemente, fé na cultura e fé nas possibilidades do espírito humano. A missão é, portanto, elevada e difícil, porque supõe, simultaneamente, arte, fé e amor (MORIN, 2003, p. 99).

Foram incansáveis no apoio a fé, o esforço e a determinação que levaram-me a concluir a licenciatura de 1º grau em ciências na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, no ano de 1992, que exigiu estágio em ensino de ciências e matemática da 5ª a 8ª série. Aproveitei essa experiência para completar a minha renda e ministrei aulas de reforço escolar de matemática, na minha casa, em decorrência do nascimento do meu primeiro filho.

A oportunidade de ampliar a carga horária de 20 para 40 horas me afastou da docência e possibilitou a experiência na coordenação pedagógica, inicialmente numa escola de séries iniciais, onde foi possível aprender e ensinar no coletivo de professores, desenvolver atividades diversas.

Muito marcou a minha experiência porque foi nessa escola que desenvolvi o projeto “livro em movimento” (leitura e socialização de livros para alunos e comunidade) e o aprendizado em elaborar avaliações com a grande contribuição de uma coordenadora da secretaria de educação. “Caminhamos construindo uma intinerância que se desenvolve entre a errância e o resultado, muitas vezes incerto e inesperado, de nossas estratégias” (MORIN, 2003, p. 99).

Posteriormente, participei de um grupo de coordenadoras pedagógicas das “escolas isoladas” (escolas rurais de uma ou duas

salas) que me oportunizou conhecer toda a extensão da zona rural de Conquista, uma das maiores da Bahia, cujo objetivo era visitar as escolas e dar apoio pedagógico ao professor. Essa experiência foi positiva nos poucos momentos que o apoio era pedagógico, na convivência com esses professores em reuniões e jornadas pedagógicas, entretanto, como eles residiam no lugar onde trabalhavam, a atividade do nosso grupo de coordenadoras, diante das dificuldades existentes, limitava-se ao apoio administrativo com distribuição de materiais, fiscalização da presença do professor na escola e isso, na minha opinião foi extremamente negativo.

Ainda distante da regência de classe, como chefe de divisão rural, foi possível desenvolver atividades que me aproximaram da realidade das comunidades rurais, quilombolas, assentamentos, com as quais convivi e conheci através de atribuições como: seleção e contratação de merendeiras; implantação das séries finais do ensino fundamental; reforma e/ou inauguração de escolas; seleção e contratação de professores. Essas vivências foram muito significativas na minha vida por possibilitarem além da relação profissional, o estabelecimento de vínculos afetivos que perduram até os dias atuais. Trecho que me faz lembrar Morin (2003, 105): “A educação deve reforçar o respeito pelas culturas, e compreender que elas são importantes em si mesmas, à imagem do ser humano”.

Assim, finalizei minha passagem na Secretaria de Educação com a implantação do setor de legalização escolar que autorizou e reconheceu as escolas municipais, legitimou e capacitou os secretários escolares, a implantação do ciclo de aprendizagem e da educação de jovens e adultos no sentido de viabilizar os instrumentos normativos dos alunos pertencentes a essas modalidades de ensino. Esse período foi de muito estudo e aprendizado, além de trabalhar em parceria com o Conselho Municipal de Educação, pude visualizar a dimensão e a complexidade da Rede Municipal de Ensino de Vitória da Conquista, retornar à universidade e concluir a licenciatura plena em ciências biológicas em 2002.

Dando continuidade à minha trajetória, tive a honra de participar de uma gestão democrática, fui a primeira diretora da Escola Zélia Saldanha, juntamente com duas colegas muito importantes na

minha vida profissional, uma na vice direção e outra na coordenação pedagógica. Implantamos a referida escola com um quadro de professores contratados, todos licenciados, atuando na área de formação e com duas comunidades participativas (Campinhos e Simão). Desenvolvemos projetos interessantes e concluímos o primeiro ano de funcionamento com pouco mais de 200 dias letivos de atividades com os alunos. Período que experimentei de perto a importância dos afetos na consumação de um trabalho pautado em valores como colaboração e coletividade. “É preciso, também, perceber que o desenvolvimento deveria ter como finalidades: viver com compreensão, solidariedade e compaixão” (MORIN, 2003, p.105).

Em virtude da aprovação na seleção para professor substituto da UESB, deixei a direção dessa escola, reduzi a carga horária no município e retornei às atividades docentes, atuando concomitantemente nas escolas com a disciplina de ciências e na Universidade com as disciplinas ‘metodologia do ensino de ciências e biologia’, ‘educação ambiental’ e ‘conteúdo e metodologia de ciências para o ensino fundamental’.

Nesse período, fui novamente tomada pela incerteza de estar atuando num espaço profissional completamente novo, no qual me deparei com um cenário marcado pelo pensamento racionalista, bastante distinto do que vivenciei nas minhas experiências anteriores. De um lado, a professora de ciências da educação básica, marcada pela alegria e pela busca constante de práticas inovadoras, que tentava desenvolver aulas dinâmicas e atrativas; do outro lado, a professora do ensino superior que tentava, com muita dificuldade, romper as barreiras impostas pela racionalidade técnica presente nas especificidades das disciplinas científicas. ‘A incerteza, porém, requisita a esperança. A incerteza requer complexificar nossa intinerância com uma dialógica entre desesperança e esperança’ (MORIN, 2003, p. 110).

Arelada à esperança na vida e a experiência nos cursos regulares da Universidade, atuei também junto ao Programa Nacional de Formação de Professores (PARFOR), quando tentei auxiliar os professores-alunos a vivenciar esse importante espaço formativo no sentido de refletir sobre as próprias práticas, romper paradigmas e (re) significar a atuação docente. “A civilização de uma sociedade-mundo requer a construção de novas identidades planetárias” (MORIN,

2003, p. 110).

As reflexões que motivaram minha prática me conduziram à busca de qualificação profissional, me impelindo a realização do mestrado em ensino de ciências, entre os anos de 2012 a 2014, me levaram também a perceber que durante muito tempo fui meramente “dadora de aulas”. Diz Morin (2003, p. 110): “Para tal fim, a educação terá de reforçar as atitudes de aptidões que permitam superar os obstáculos produzidos pelas estruturas burocráticas e pelas institucionalizações das políticas unidimensionais”.

O ano de 2013 foi um marco na minha carreira docente, embora afastada das salas de aula na rede municipal em virtude do mestrado profissional, o engajamento na pesquisa do mestrado, a inserção no Grupo de Pesquisa e a aprovação no concurso da UESB se constituíram como possibilidades significativas de crescimento, reflexão e amadurecimento pessoal e intelectual. Essas possibilidades pautadas no tripé da atuação universitária – ensino, pesquisa e extensão – oportunizaram vivenciar atividades diversas, como: iniciação científica, iniciação à docência por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), atividades extensionistas, participação e/ou organização de eventos científicos nacionais e internacionais, contatos com outros pesquisadores, inserção e amadurecimento no universo da escrita científica. Nesse espaço, pude perceber esse tripé não como ações isoladas, mas como bifurcações de uma mesma atividade.

Avançando por esse caminho de *vida-formação* sugere Josso (2004) aposentei-me da Rede Municipal de Ensino, em março de 2015, com o sentimento de recíproca contribuição. A partir disso, continuo a trilhar essa estrada, dedicando-me exclusivamente ao ensino superior, com a alegria característica da minha personalidade e com o orgulho de fazer parte da história da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, lembrando que, até aqui, o amor me acompanhou. Retorno a Bosi (1994), para dizer que aprendi:

No outro extremo, a lembrança pura, quando se atualiza na imagem-lembrança, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí, também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por

via da memória. Sonho e poesia são, tantas vezes, feitos dessa matéria que estaria latente nas zonas profundas do psiquismo, a que Bérghson não hesitará em dar o nome de “inconsciente” (BOSI, 1994, p. 11).

Atualmente, com 52 anos de idade, professora universitária, doutoranda, divorciada e mãe de dois filhos que a vida me presenteou: Ítalo e Gabriela; as rupturas emocionais muito me ensinaram, fizeram repensar o meu processo de efetivação do viver, de construções de planejamentos, sair das minhas caixinhas e abri-las para um novo momento, com o olhar de reflexão a minha construção enquanto ser pessoal e profissional. Analisando o que ficou para trás, mediante os saberes e práticas que construí e me construíram. Remato a discussão com um dos fragmentos moriniano que muito me ensinou: “A incerteza, porém, requisita a esperança. A incerteza requer complexificar nossa itinerância com uma dialógica entre desesperança e esperança” (MORIN, 2003, p. 110).

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/ Ministério da Saúde, 1988. p. 35-50.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio Roger; MOTTA, Raul. **Educar na era planetária**. O Pensamento Complexo como Método de Aprendizagem no Erro e na Incerteza Humana. São Paulo: Cortez, 2003.

O AMOR NA POÉTICA DE MONTE CASTELO

Guacyra Costa Santos¹

Jocelma Gusmão Barreto Lima²

DOI: 10.46550/978-65-88362-12-9.123-134

Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor
(CAMÕES, 1975, p. 181).

O poema acima retrata um dos mais belos sonetos italianos de Luís Vaz de Camões século XVI e a passagem bíblica:

-
- 1 Mestre pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEn) Docente da Educação Básica. E-mail: guacyracosta22@hotmail.com.br
 - 2 Professora da rede estadual e municipal de ensino na cidade de Vitória da Conquista, Bahia. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEn), Mestrado Acadêmico em Ensino, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: jocelmagusmao@hotmail.com

I Coríntios 13, que consiste em quatro estrofes: os dois primeiros com quatro versos (quartetos) e os últimos com três versos (tercetos). Por meio da aproximação dos opostos e dos avessos o poeta nos brinda ao falar sobre o amor, mesmo em um contexto de contradições. Poética que nos leva a entender que, não adianta termos um discurso bonito na sala de aula, se a sensação de sentirmos o amor não for pura, verdadeira. Sem o amor, certamente, nada seríamos nesse mundo, que por vezes, aparece tão cruel e um tanto desumano.

Inspirado na poética, Renato Russo (1989) musicalizou o soneto, perpassando pela Carta de São Paulo aos Coríntios, o que nos permitiu alargar os conhecimentos e estabelecer um diálogo entre o poema e a música em nossas práticas educacionais cotidianas, enquanto formadoras de professores de ciências da natureza, no contexto de tempos desafiadores, em que a pandemia causada pelo Covid-19 tomou conta da sobrevivência da humanidade, movendo-os a redesenhar os cenários da escola, bem como, reinventar os exercícios e planejar outras abordagens para transmitir o ensino. De acordo com Lima (2020, p. 1):

Coronavírus é um vírus zoonótico, um RNA vírus da ordem Nidovirales, da família Coronaviridae. Esta é uma família de vírus que causam infecções respiratórias, os quais foram isolados pela primeira vez em 1937 e descritos como tal em 1965, em decorrência do seu perfil na microscopia parecendo uma coroa. Os tipos de coronavírus conhecidos até o momento são: alfa coronavírus HCoV-229E e alfa coronavírus HCoV-NL63, beta coronavírus HCoV-OC43 e beta coronavírus HCoV-HKU1, SARS-CoV (causador da síndrome respiratória aguda grave ou SARS), MERS-CoV (causador da síndrome respiratória do Oriente Médio ou MERS) e SARS-CoV-2, um novo coronavírus descrito no final de 2019 após casos registrados na China.

Vivemos numa época em que, muitas vidas foram ceifadas pelo Covid-19. De repente, interrompemos a realidade, os sonhos, a busca, os desejos e a vivência nas escolas.... Aqui, instalou-se a vida solidária, o medo e o isolamento social, que hoje, são os maiores aliados do ser humano, nos remetendo a profunda crise mundial, desencadeada pela pandemia do covid-19. Mas, é nesse cenário que também, brotou caminhos para a criatividade, capaz de lidar com situações adversas,

mudando as formas de trabalhar com os nossos alunos, talvez, ensinando-nos a verdadeira importância de existirmos numa sociedade, mais humana e serena, onde as pessoas possam compreender o sentido do respeito e do abraço, refletindo a quão valiosa é a vida e precioso é o amor.

Na voz de Russo (1989), cantemos Monte Castelo em meio a um tempo de tristezas e medos causados pela pandemia do Covid-19, impactando a saúde emocional das pessoas, com o aumento de sintomas de depressão e ansiedade em vários países. No regresso ao título da música, recordamos do nome de uma região ao norte da Itália, onde nos remete a um tempo de batalhas, de sangue e de guerras, mesmo diante dos amores e dos amantes. Os versos camonianos vibram de forma intensa na música de Renato Russo (1989) sem alterar sua essência, nos apresentando o amor em dois mundos totalmente diferentes. Como ele opera sobre as pessoas e como ele pode ser comparado com a vida. É importante destacar que a educação deve ser pensada enquanto ferramenta potencializadora do amor para o processo da aprendizagem cultural, elegendo a literatura clássica como alívio as maiores angústias que tem acometido o ser humano.

Acreditamos que toda obra literária, assim, como o soneto apresentado, desperta um pensamento social, científico e humano capaz de sinalizar inquietações e reflexões acerca do tempo em que vivemos, expressando a realidade e fazendo-nos pensar sobre a nossa própria história. O processo ensino e aprendizagem carece de cativar o aluno por meio da conquista e do encantamento. Para tanto, a educação deve ser uma escola da vida, como diz Morin (2010) o espaço do aprendizado da condição humana, onde aprendemos as diversas formas de ver o mundo; lugar de construção social, mas de desmandos causada pela própria pandemia e pela civilização, essa despossuída do amor e do progresso.

Escolas de compreensão humana. No âmbito da leitura ou do espetáculo cinematográfico, a magia do livro ou do filme faz-nos compreender o que não compreendemos na vida comum. Nessa vida comum, percebemos os outros apenas de forma exterior, ao passo que, na tela e nas páginas do livro, eles nos surgem em todas as suas dimensões, subjetivas e objetivas (MORIN, 2010, p. 48).

O autor da complexidade nos faz conjecturar sobre a

importância da literatura para a compreensão dos dias atuais, no sentido de revermos atitudes, ainda de incompreensão, quando manifestada em sala de aula, o que gera vários motivos de discordâncias e distanciamentos, interferindo na comunicação com o aluno e, conseqüentemente, no processo ensino e aprendizagem. É preciso que aproveitemos desse momento tão tenso e sombrio para melhorarmos nossas atitudes com o próximo, já que, ainda dá tempo de resgatarmos valores como o amor, que por muitas vezes, foram esquecidos durante nossas vidas. E pensar o quanto esse tempo tem sido doloroso e difícil, porém, de grandes lições, fazendo-nos perceber o que há de melhor no mundo e no ser humano, uma vez que, a pandemia nos serviu de escola da vida. Assim, como nos ensina a poética em Morin (2010): “Literatura, poesia e cinema devem ser considerados não apenas, nem principalmente, objetos de análises gramaticais, sintáticas ou semióticas, mas também escolas de vida, em seus múltiplos sentidos” (MORIN, 2010, p. 48).

Eternizando o amor nas práticas educativas

É na escola que precisamos depositar o diálogo, a ética, a compreensão e o amor para um contexto educacional, quase sempre sofrido, com suas marcas de desesperança. Segundo Morin (2010, p. 65), “[...] a Educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão”.

Acreditamos que, toda aula é um acontecimento único, embora esteja prevista no planejamento, precisamos ultrapassar as expectativas dos alunos e transformar em conhecimentos especiais e relevantes para toda a vida. É inegável, a necessidade de agregarmos o cotidiano às práticas educativas com suas diferentes linguagens, saberes e concepções de mundo, na busca por caminhos que exigem novas tarefas de ensinar. Para que isso aconteça, o professor precisará construir e reconstruir sempre seus conhecimentos, procedimentos e exercícios, já que fazemos parte de um caminho de incertezas e, precisamos fazer deste, possibilidades de mudanças. Como faz lembrar, Morin (2010, p. 67):

Esse destino comum, memorizado, transmitido, de geração a geração, pela família, por cânticos, músicas, danças, poesias e livros; depois pela escola, que integra o passado nacional as mentes infantis, onde são ressuscitados os sofrimentos, as mortes, as vitórias, as glórias da história nacional, os martírios e proezas de seus heróis. Assim, a própria identificação com o passado torna presente a continuidade do destino.

O soneto de Camões memorizado e transmitido nesse contexto educacional, nos move a compreendermos o outro como princípio fundamental para condição humana, bem como, reconhecermos nossas insuficiências e carências idas como imperfeições humanas que precisam ser avaliadas, melhoradas com o passar do tempo. A necessidade de um pensamento complexo surge para que possamos discutir uma ética da compreensão marcada pela tolerância com o outro e nunca pelos conflitos, agravos, injúrias e violência. Como diz Morin (2011, p. 8):

As guerras se multiplicam no planeta e são cada vez mais caracterizadas por seus componentes etnorreligiosos. Por toda a parte, a ordem cívica regride, e as violências gangrenam as zonas suburbanas. A criminalidade mafiosa se tornou planetária. A lei da vingança substitui a lei da justiça, pretendendo ser a verdadeira justiça.

Pensar a complexidade é fazer ajuizar sobre os desafios do caminho, as incertezas que estão por vir e as barbáries odiosas que cercam a civilização, pois para uma boa formação profissional é preciso ter em mente, uma organização do trabalho voltado para a sensibilidade e as questões humanas cultivadas pelo professor. Ainda, percebe-se que, todo trabalho desenvolvido pelo docente está concentrado para um único foco: a avaliação, que classifica os alunos entre os que sabem e os que não sabem, os que têm condições de obter média nas provas, daqueles que não o apresentam, como acrescenta Morin (2011, p. 25): “O pensamento racionalizador, quantificador, fundado no cálculo e que se reduz ao econômico é incapaz de conceber o que o cálculo ignora, ou seja, a vida, os sentimentos, a alma, nossos problemas humanos”.

Como professoras de Biologia e Ciências Naturais, precisamos contribuir para uma prática educativa inspirada nas concepções do

como um sentimento soberano, universal, imprescindível para a nossa existência, sendo entendido por várias línguas dos homens, promovendo a paz e a caridade entre os homens. Nosso objetivo é salientar a importância dessa temática em nossos dias de pandemia, enquanto, elementos envolvidos na educação, buscando novas respostas diante de questões na compreensão do mundo. Contra esse pano de fundo de pandemia, concebemos a educação como ato de amor, no sentido de educar em um mundo repleto de crises, desenvolvendo a capacidade de pensar e de cuidar do outro.

Andreola (1989) nos faz alargar a capacidade de leitura para as várias áreas do conhecimento, bem como, sobre o verdadeiro amor; sentimento não romantizado e dominador, mas, constituinte de ensinamentos e compreensões que nos faz voltar as relações de paz e compreensões para o cenário da EJA. Inspirado em Freire, Andreola (1989) nos brinda ao dizer:

[...] sem esquecer as perspectivas da inteligência, da razão, da corporeidade, da ética e da política, para a existência pessoal e coletiva, enfatiza também o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, da vontade, da decisão, da resistência, da escolha, da curiosidade, da criatividade, da intuição, da esteticidade, da boniteza da vida, do mundo, do conhecimento. No que tange às emoções, reafirma a amorosidade e a afetividade, como fatores básicos da vida humana e da educação (ANDREOLA, 1989, p. 22).

A compreensão do amor nesse ato de educar deve perpassar pelos saberes e práticas, como desafio de estreitar a razão e emoção numa relação ao processo ensino e aprendizagem, primordial para a formação humana. Dentro dessa realidade e necessidade a escola precisa priorizar o sistema emocional do sujeito respeitando e trabalhando suas especificidades, que nos torna seres humanos mais felizes, como intitula Morin (2010) em sua obra: *A cabeça bem-feita*: “Mas a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas” (MORIN, 2010, p. 11).

O filósofo francês descreve a educação como parte poética de nossas vidas. Isso significa que a educação é um processo que envolve

vários mecanismos, tais como a magia e o encantamento de uma bela poesia que nos oferece a esperança por tempos melhores e mais humanos. É nessa linha de pensamento que os educadores devem apreciar a educação, sempre com um olhar sensível, de poeta apaixonado pela vivência do ensinar e aprender. Comenta Morin (2010, p. 45): “A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana”.

É perceptível na poesia, literatura ou, romance o sentimento da dor, a preciosidade do belo, assim, como no soneto apresentado de Camões (1975) e na Música de Renato Russo (1989) ao versarem sobre as agruras que a vida nos traz e a grandeza do amor que nos faz acalentar em tempos difíceis. A emoção deve ser transmitida com seriedade e responsabilidade dentro da sala de aula, refletindo positivamente nas atividades docentes com o intuito de educar seus alunos não somente, no processo de ler e escrever, mas, conduzindo-os, emocionalmente, formando um ser humano mais seguro de si mesmo. Nessa concepção, vale ressaltar que, a nova cultura da aprendizagem se abre a um horizonte que requer que nossos alunos interiorizem o seu sentido de viver, bem como as produções artísticas, culturais e científicas da época em que vive, sustentada na renovação do conhecimento. “Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível” (MORIN, 2010, p. 45).

Sob essa perspectiva, buscamos investigar a importância da teoria da complexidade de Morin (2010) para a educação, uma vez que fomos condicionados durante a nossa trajetória profissional a compartimentalizar o ensino, a isolar o pensamento, a separar, reduzir e a não ligar os conhecimentos das diversas áreas, já que os professores precisam cumprir o conteúdo programático de seu ano, de acordo com o material didático de suporte disponível e assim, à docência cada vez mais, se isola no mundo educacional. Assim, afastam as experiências vividas e o amor do contexto da sala de aula.

Reconhecendo que esse trabalho requer um cuidado especial no trato das emoções humanas que é parte interior do sujeito, também, se torna via indispensável a experiência educacional e a arte de vida, levando-nos a experimentar poeticamente a existência com suas

alegrias, dores, desencantamentos, deslumbramento e as infelicidades. Nos estudos de Freire (1996) ele nos apresenta uma educação que necessita ser revestida de amor, jamais, como uma prática fria, dura, engessada nos conteúdos; longe dos sonhos, dos desejos e dos risos. Deve ser como uma experiência marcante entre professores e alunos num vínculo de afetividade.

[...] o professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p. 145).

Adicionando as emoções no cenário da educação o professor poderá causar autoritarismo ou liberdade; afeto ou desafeto, exercendo um papel fundamental no processo ensino aprendizagem, já que a sala de aula abarca diversos corpos, linguagens, sensações, sentidos, interesses e sentimentos que se expressam num mundo singular e coletivo. Esses sentimentos devem ser trabalhados pela instituição escolar dando ênfase para vida pessoal, social e escolar dos indivíduos.

Freire (1996) vai muito além desse contexto de educação, ao versar a afetividade como elemento imprescindível no processo educativo que precisa ser fortalecido e revigorado diariamente, na sala de aula, quando enfatiza: “A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje” (FREIRE, 1996, p. 161). À medida em que ensinamos somos transformados, lapidados, melhorados e ao mesmo tempo, transformamos os nossos educandos. Estar à altura do amor exige estudar todas essas questões extremamente ligadas aos nossos tempos, discutindo muito sobre os problemas sociais, ecológicos, administrativos, culturais, econômicos, políticos e emocionais, já que é fundamental, eternizarmos o amor nas nossas práticas educativas.

Lições que nos remetem ao amor

Pensemos nos ensinamentos como esses, expressos no soneto (1975) e na canção (1989) que exigem de nós professores reconstruções

das nossas relações com os alunos; processo ensino e aprendizagem; com os sentidos da vida, já que os problemas aparecem cada vez mais intrincados, outras vezes, difíceis de se lidar. É nessa concepção que devemos entender o homem quando ele perde os sentimentos supremos da vida. Russo (1989) nos chama a atenção para um dos grandes paradoxos da modernidade ao versar sobre o amor. No texto bíblico parafraseia-se tal sentimento, como verdadeiro, interligado ao contexto de Camões; o sentimento evidenciado na música se funde na ambiguidade do amor que serviu de pano de fundo na composição da canção Monte Castelo.

De acordo com nossos estudos e pesquisas, Renato Russo (1989) escreveu esta música na década de 80, momento em que estava acontecendo os movimentos da juventude estudantil, onde saíam para as ruas na intenção de protestar, caracterizando ações realizadas pelo país, em nome do amor à pátria. Logo, resgatavam o quanto é importante o amor, esse perdido pelas guerras e pelas transformações hediondas dos seres humanos. Desta forma a canção tem como propósito revitalizar a vivência da essência desse belo sentimento, fazendo-nos pensar nos dias atuais da escola, uma vez que, não podemos viver sem dar importância a esse ato de amar.

É necessária uma conscientização muito profunda acerca do amor nos espaços da escola. Tema que merece reflexão, pois vivemos numa época desregrada de amor e afeto, em que a sociedade se encontra distante dos valores humanos, ancorada no individualismo, por um mundo dominador e cruel, conseqüentemente, frio e sem carinho. Por muitas vezes, lamentamos, queixamos e culpamos a escola, o governo, a família, pelas fragilidades e insucessos que despontam na diária do trabalho docente, tão pouco, não paramos para refletir sobre nossa forma de conduzir o ensino, o qual, precisa sempre está embasado em novas formas de entusiasmo e motivação para as salas de aula.

Os afetos não seriam mais uma disciplina, como Matemática, História ou Geografia, mas um elemento fundamental que permeasse todo o aprendizado, através de um sistema de ensino prático e flexível, que estimulasse o intelectual, físico e emocional dos nossos alunos.

É com esse sentimento do amor que devemos ensinar nos lares e nas escolas, enquanto pais e professores, sobretudo, por meio das

atividades práticas que promovam o bom exemplo. Na medida em que ensinamos com afeto, aproximamos, compreendemos e sentimos o outro através de uma forma sensível, humana e não racionalizada. Acreditamos que, sempre é tempo de educar, de amar e perceber os erros. Criar espaços formativos como ferramentas para enfrentarmos a vida pessoal e profissional, na missão grandiosa que nos foi concedida de educar. A escola carece de originar metodologias que ressaltam os valores como o afeto e as emoções centradas na aprendizagem, essencial, para o enriquecimento de nossas vivências pessoais e profissionais. Investir no ensino é acreditar no futuro melhor do país, onde novos conhecimentos possam construir um mundo mais justo, que permitam dialogar com a diversidade, que fortaleça as demonstrações de amor no cotidiano da escola e da vida, ensinamentos que deverão ser transmitidos e eternizados. Então cantemos: “Ainda que eu falasse a língua dos homens. E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria”.

Referências

ANDREOLA, Balduino Antonio. Carta-prefácio a Paulo Freire. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 1989.

CAMÕES, Luiz Vaz de. **Sonetos**. Texto integral. Notas de M.de Lurdes. Saraiva. Lisboa. Publicações Europa-América, 1975, p. 181.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra Editora, 1996.

LIMA, Claudio Márcio Amaral de Oliveira. Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). **Rev. Radiol. Bras.**, São Paulo, v. 53, n. 2, mar./abr. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-39842019890198901&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 17 agos. 2020.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Editora, 2010.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?** Ensaio sobre o destino da humanidade. Tradução Edgar de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Editora, 2011.

RUSSO, Renato. **Monte Castelo**. LP As Quatro Estações, 1989, 3:51 min.

RESSONÂNCIAS DO AMOR NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

“Mas também o romance e o cinema oferecem-nos o que é invisível nas ciências humanas; estas ocultam ou dissolvem os caracteres existenciais, subjetivos, afetivos do ser humano, que vive suas paixões, seus amores, seus ódios, seus envolvimento, seus delírios, suas felicidades, suas infelicidades, com boa e má sorte, enganos, traições, imprevistos, destino, fatalidade...

São o romance e o filme que põem à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade, com o mundo.

O romance do século XIX e o cinema do século XX transportam-nos para dentro da História e pelos continentes, para dentro das guerras e da paz”.

(Edgar Morin)

